

COLEÇÃO SOPHIA



ANTOLOGIA

DE TEXTOS ESPIRITUAIS

VOL. V:
«GRANDES DOUTORES LATINOS»



© 2025 ECCLESIA

S O P H I A

ANTOLOGIA DE TEXTOS ESPIRITUAIS:

«GRANDES DOUTORES LATINOS: GREGÓRIO MAGNO, LEÃO MAGNO E JERÔNIMO»

Textos recolhidos da seção SOPHIA,
de ECCLESIA (Brasil)



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO GERAL DA COLEÇÃO	11
Volume V – Grandes Doutores Latinos	11
SÃO LEÃO MAGNO	13
«Tome a sua cruz e siga-Me»	13
«Quem tiver lançado as mãos ao arado e olhar para trás não serve para o reino de Deus.»	14
«A linhagem de Jesus Cristo»	15
«Este é o tempo favorável, este é o dia da salvação (2 Cor 6, 2)» 16	
«Maria, Mãe de Deus, Mãe do Príncipe da Paz» (Is 11, 5)	18
«Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo [...] n'Ele nos escolheu antes da criação do mundo» (Ef 1, 3-4)	19
«Arrependei-vos e acreditai no Evangelho»	20
«Então seus olhos abriram-se»	21
«Quantos O tocavam ficavam curados»	22
«Para congregar na unidade os filhos de Deus que estavam dispersos»	23
«Eu Sou»	24
«O jejum que agrada a Deus»	26
«Deixai vir a Mim os pequeninos»	27
«Felizes vós, os pobres»	28
«Se não vos converterdes»	29
«Jesus ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, senão depois de o Filho do Homem ter ressuscitado dos mortos».	30
«Os que tinham andado com Ele e estavam mergulhados em tristeza e pranto. [...] E disse-lhes: "Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda a criatura'».	31
«E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós.»	33
«Sobre esta pedra, edificarei a minha Igreja»	34
«Eram os nossos sofrimentos que Ele levava sobre si» (Is 53,4).35	
«Filho de David e Senhor dos senhores»	36

«Rasgai os vossos corações, e não as vossas vestes» (Jl 2,13).....	37
«Agora foi glorificado o Filho do homem e Deus foi glorificado nele.»	39
«Nesse momento abriram-se-lhes os olhos».....	40
«Quem dá esmola, faça-o com alegria e confiança».....	41
«A pobreza que enriquece»	42
«Quem receber uma destas crianças em meu nome é a Mim que recebe».....	43
«Virão muitos do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e sentar-se-ão à mesa no reino de Deus».....	44
«Ele [...] seguiu Jesus, glorificando a Deus»	46
«Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo [...], nele nos escolheu antes da criação do mundo» (Ef 1,3-4)	47
«Este é o meu Filho muito amado [...]. Escutai-O».....	48
«Sou Eu mesmo; tocai-Me»	49
«A glória que deve revelar-se em nós»	51
«Preparemos um sacrifício de misericórdia».....	52
«Haverá um só rebanho e um só Pastor».....	53
«Aquele que recebe Cristo torna-se a carne do Ressuscitado» ..	54
«Pedro e Paulo, sementes gloriosas da sementeira divina»	55
«Quem ama, é habitado por Deus».....	56
Jesus deu-lhes esta ordem: «Não conteis a ninguém esta visão, até o Filho do homem ressuscitar dos mortos»	57
«Bem-aventurados vós, os pobres».....	59
SÃO GREGÓRIO MAGNO	61
«Pela primeira vez, Ele envia-os dois a dois»	61
«Sou Eu mesmo. Tocai-me»	62
«Os seus olhos, porém, estavam impedidos de O reconhecer» ..	63
«O homem começou a ver e seguia Jesus dando glória a Deus»	64
«Bendizei ao Senhor, todos os Seus anjos, sempre dóceis à Sua palavra» (Sl 103,20).....	65
«Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim»	67
«Pela vossa constância é que sereis salvos».....	68
«Simão Pedro subiu à barca e puxou a rede para terra»	70
«Ele gritava cada vez mais».....	71

«É este o Meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei».....	72
«Mulher, estás livre da tua enfermidade»	74
«Felizes os convidados para as núpcias do Cordeiro» (Ap 19, 9).....	75
«Ide também para a minha vinha».....	76
«Vê. A tua fé te salvou»	78
«No meio de vós está Quem vós não conheceis. É Aquele que vem depois de mim».....	79
«Quarenta dias para crescer no amor de Deus e do próximo»	80
«O Espírito Santo [...] vos ensinará tudo, e há-de recordar-vos tudo o que eu vos disse.»	81
«Bebereis o Meu cálice»	82
«Dou-lhes a vida eterna»	83
«Ao romper do dia, Jesus apresentou-se na margem»	84
«Mulher, porque choras?».....	85
«Não vos esqueçais da hospitalidade» (Hb 13,1)	87
«Nós deixámos tudo para Te seguir»	88
«Deles é o reino dos Céus.»	89
«Nenhum servo pode servir a dois senhores»	90
«No meio de vós está Alguém que não conheceis: Aquele que vem depois de mim»	91
São Barnabé, apóstolo que proclama que o Reino dos Céus está próximo	92
«Ao vê-lo, encheu-se de compaixão».....	93
«Ao romper da manhã, Jesus apresentou-Se na margem»	94
«Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada»	95
Que o amor nos atraia a segui-lo.....	96
«Jesus, filho de David, tem piedade de mim».....	97
«João Batista, precursor de Cristo na morte como na vida».....	98
«E todos os que O tocavam ficavam curados»	100
«Começou a enviá-los dois a dois»	100
«Sabei que está próximo o Reino de Deus»	101
«Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas»	103
«Reconhece, ó cristão, a tua dignidade!»	104
«Virado pela graça!»	105
«O nosso Redentor foi um desconhecido!»	106

«Constatando a sua humanidade, desdenhavam de acreditar no Criador!».....	107
«A árvore mantém a esperança» (Job 14, 7)	108
«Ser levado para a vida eterna»	109
«A água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente que jorra para a vida eterna».....	110
«Trazei depressa a melhor túnica».....	111
«Compreenderam que tinha dito para eles a parábola».....	112
«A armadilha do orgulho».....	114
«O que vos digo às escuras, dizei-o à luz do dia».....	114
«O Filho do homem é Senhor do sábado»	115
«De onde Lhe vem tudo isto?»	117
«Também vós [...] vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel»	118
«Aprendeí a ser loucos para vos tornardes sábios diante de Deus»	119
«Acompanhavam-no os Doze, bem como algumas mulheres».....	120
«Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida!».....	121
«A pequenez de uma semente e a esperança da ressurreição»	122
«Sim, eu sei que o meu Redentor vive» (Job 19,25)	123
«O princípio de todos os pecados é o orgulho» (Ecl 10,15).....	124
«Nenhum servo pode servir a dois senhores»	125
«Os meus membros estão destruídos» (Jó 16,8)	126
«Chamados à glória»	127
«O Pai, que Me enviou, também Ele deu testemunho de Mim».....	128
«Se ele prender alguém, ninguém lhe abrirá a porta» (Jb 12,14)	
129	
«Ressuscitar na carne»	130
«A Igreja assolada pelas perseguições».....	131
«Nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade»	132
«Se retiver as águas, tudo secará; se as soltar, elas submergirão a terra» (Jb 12,15).....	133
«A Igreja mantém-se humildemente na verdade».....	134
«A esperança da nossa ressurreição»	135
«Esta noite terás de entregar a tua alma»	136

«O Reino dos Céus sofre violência e são os violentos que se apoderam dele».....	137
«O justo terá memória eterna».....	139
«Se ao menos hoje conhecesses o que te pode dar a paz!».....	140
«Esforçai-vos por entrar pela porta estreita».....	141
SÃO JERÔNIMO	143
A casa encheu-se com a fragrância do perfume.....	143
Jesus tomou-a pela mão e levantou-a.....	144
Eis um novo ensinamento.....	145
Um homem [...] chamou os seus servos e confiou-lhes os seus bens	147
A Jerusalém do alto é livre, e ela é nossa mãe (Gal 4, 26)	148
«As palavras que vos disse são espírito e vida»	149
«Menina, Eu te ordeno: levanta-te»	150
«Abre os meus olhos [...] às maravilhas da Tua lei» [Sl 119 (118), 18]	152
«Entrando no templo, Jesus começou a expulsar os que vendiam e os que compravam.»	153
«Não era tempo de figos».....	155
«Cala-te e sai desse homem»	156
«Ele está presente pela fé».....	158
«Cristo, perfeição da Lei e dos Profetas»	159
«Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo».....	160
«Voltai a Mim.»	161
«O batismo de Jesus».....	163
«Eles [...] seguiram Jesus»	164
«Uma nova doutrina»	165
Jonas, figura de Cristo.....	166
«Cristo, anunciado pelos profetas, único salvador do gênero humano»	168
«O amor ao próximo: apoio mútuo e benevolência; ir beber à fonte da bondade divina».....	169
«Tudo deixar para tudo receber»	170
«A carga leve da lei de Cristo».....	171
Jesus, causa de divisão entre os homens	172

«Uma nova doutrina, com tal autoridade, que até manda nos espíritos impuros e eles obedecem-Lhe!».....	173
«A pureza da fé».....	174
«O trigo e o joio, misturados na Igreja até ao dia do Senhor»..	176
«Eu consagro-Me por eles, para que também eles sejam consagrados na verdade».....	177
«Cumpriu-se o tempo e está próximo o Reino de Deus»	178
«Cristo médico».....	179
«A casa encheu-se com o perfume do bálsamo»	180
«Cristo, cumprimento da Lei e dos profetas»	181
«Quando orardes, dizei: 'Pai'»	182



Apresentação geral da coleção

| “A memória dos justos é eterna” (Sl 111,6)

A **Coleção Sophia** reúne textos espirituais e teológicos dos Padres da Igreja e mestres da vida cristã, provenientes de séculos de tradição. Organizada por afinidade histórica e temática, ela busca oferecer ao leitor uma seleção fiel e acessível, que permita saborear a riqueza da fé cristã na sua fonte mais pura.

Cada volume é acompanhado de uma breve introdução contextual, ajudando a situar o leitor na vida e na obra dos autores apresentados.

Volume V – Grandes Doutores Latinos

O quinto volume da coleção é dedicado a três dos maiores mestres do cristianismo ocidental: **Leão Magno**, **Jerônimo** e **Gregório Magno**. Chamados de “grandes” não apenas pela amplitude de sua obra, mas sobretudo pela profundidade espiritual e doutrinal, eles representam o florescimento da teologia latina no período patrístico.

- **São Leão Magno († 461)** – bispo de Roma, foi um dos principais articuladores da ortodoxia cristológica. Seu *Tomo a Flaviano* foi decisivo no Concílio de Calcedônia (451), garantindo a reta confissão das duas naturezas de Cristo. Suas homilias revelam vigor pastoral e clareza doutrinal, enraizadas na tradição apostólica.

- **São Jerônimo († 420)** – monge, exegeta e tradutor das Escrituras, dedicou sua vida ao estudo da Palavra de Deus. Sua versão latina da Bíblia, a *Vulgata*, tornou-se referência durante séculos na Igreja. Além da erudição bíblica, deixou um rico legado de comentários, cartas e reflexões ascéticas.
- **São Gregório Magno († 604)** – papa e Doutor da Igreja, é considerado o último dos Padres do Ocidente. Em sua obra encontramos tanto a firmeza pastoral e missionária (como no envio de monges à Inglaterra) quanto a espiritualidade contemplativa, refletida em sua *Regra Pastoral* e nas *Homilias sobre Ezequiel*.

Este volume mostra como, em meio a crises políticas, invasões e transformações culturais, a voz dos grandes doutores latinos foi capaz de transmitir com fidelidade e beleza a verdade da fé, iluminando o caminho da Igreja e oferecendo até hoje alimento sólido para a vida cristã.



São Leão Magno

(? – c. 461), Papa e Doutor da Igreja

«Tome a sua cruz e siga-Me»

8ª Homilia sobre a Paixão

O Senhor foi entregue aos que O odeiam. Para insultar a sua dignidade real, obrigam-No a transportar Ele próprio o instrumento do Seu suplício. Assim se cumpria o oráculo do profeta Isaías: «Ele recebeu sobre os Seus ombros a insígnia do poder» (Is 9,5). Transportar assim a cruz, aquela cruz que Ele iria transformar em ceptro da Sua força, era certamente, aos olhos dos ímpios, um grande motivo de zombaria, mas para os fiéis foi um mistério espantoso: o glorioso vencedor do demónio, o todo-poderoso adversário das forças do mal, exibia aos Seus ombros, para adoração de todos os povos e com uma paciência invencível, o troféu da Sua vitória, o sinal da salvação. E através da imagem que Ele dá com este gesto, dir-se-ia que queria fortalecer todos aqueles que O imitarão, todos aqueles a quem dissera: «Aquele que não toma a sua cruz e não Me segue não é digno de Mim» (Mt 10,30).

Como a multidão acompanhasse Jesus até ao local do suplício, encontraram um certo Simão de Cirene e fizeram passar a cruz dos ombros do Senhor para os seus. Este gesto prefigurava a fé das nações, para quem a cruz de Cristo iria tornar-se, não um opróbrio, mas uma glória.

«Quem tiver lançado as mãos ao arado e olhar para trás não serve para o reino de Deus.»

Sermão 71, para a ressurreição do Senhor; PL 54, 388

Meus caros, Paulo, o apóstolo dos pagãos, não contradiz a nossa fé quando diz: «Ainda que tenhamos conhecido a Cristo à maneira humana, agora já não o conhecemos assim» (2 Co 5,16). A ressurreição do Senhor não pôs um termo à sua carne; transformou-a. O aumento da sua força não destruiu a sua substância; a qualidade mudou; a natureza não foi aniquilada. Crucificaram aquele corpo, ferrando-o a pregos: tornou-se inacessível ao sofrimento. Deram-lhe a morte: tornou-se imortal. Assassinaram-no: tornou-se incorruptível. E bem podemos dizer que a carne humana de Cristo não é, com efeito, a que tínhamos conhecido; porque nela deixou de haver vestígio de sofrimento ou de fraqueza. Continua a mesma na sua essência, mas já não é a mesma quanto à glória. Porque nos surpreendemos então que S. Paulo assim se exprima a propósito do corpo de Jesus Cristo, quando diz, ao falar de todos os cristãos que vivem segundo o espírito: «de agora em diante, não conhecemos ninguém à maneira humana».

Ele quer desta maneira dizer que a nossa ressurreição começou em Jesus Cristo. N' Ele, que morreu por nós, toda a esperança tomou corpo. Deixou de haver em nós dúvida, hesitação, espera desiludida: as promessas começaram a cumprir-se e conseguimos já ver, com os olhos da fé, a graça com que amanhã seremos cumulados. A nossa natureza

elevou-se; então, na alegria, já possuímos o objeto da nossa fé [...].

Que o povo de Deus tome consciência de que se «está em Cristo, é uma nova criação» (2 Co 5,17). Que compreenda bem Quem o escolheu, e a Quem ele próprio escolheu. Que o ser renovado não volte à instabilidade do seu antigo estado. Que «depois de deitar a mão ao arado» não pare de trabalhar, que cuide do grão que semeou, que não se volte para trás, para o que abandonou [...] É esta a via da salvação; é esta a maneira de imitar a ressurreição que começou com Cristo.

«A linhagem de Jesus Cristo»

Carta 31; PL 54, 791 (a partir da trad. Orval)

De nada serve dizer que Nosso Senhor, filho da Virgem Maria, é realmente homem, se não se crê que Ele o é da maneira como o Evangelho o proclama. Quando Mateus nos fala «da genealogia de Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão», desenha, a partir da origem da humanidade, a linhagem das gerações até José, de quem Maria estava noiva. Lucas, pelo contrário, sobe os sucessivos graus para conduzir ao início do gênero humano, e mostra assim que o primeiro e o último Adão são da mesma natureza (3, 23ss.).

Seria possível, certamente, ao Todo-Poderoso Filho de Deus manifestar-se para instrução e justificação dos homens da mesma maneira que apareceu aos patriarcas e aos profetas sob forma carnal; por exemplo, quando lutou com Jacob (Gn 32, 25), ou quando estabeleceu um diálogo com Abraão, aceitando a sua hospitalidade a ponto de tomar o alimento

que este Lhe apresentou (Gn 18). Mas estas aparições eram apenas sinais, imagens do homem de que anunciavam a realidade, alcançada através das origens destes antepassados.

Uma imagem não poderia realizar O mistério da nossa redenção, preparado desde antes do tempo, desde a eternidade. O Espírito ainda não tinha descido sobre a Virgem, e a força do Altíssimo ainda não tinha estendido sobre ela a Sua sombra (Lc 1, 35). A Sabedoria ainda não tinha construído uma morada onde o Verbo pudesse encarnar, de modo que a natureza de Deus e a do escravo se unissem numa só pessoa, o Criador do tempo nascesse no tempo, e Aquele por Quem tudo foi feito fosse gerado entre todas as criaturas. Se o homem novo não Se tivesse assimilado à carne do pecador e carregado a nossa decrepitude, se não tivesse condescendido, Ele que era consubstancial ao Pai, em tomar a substância de Sua Mãe e assumir a nossa natureza, exceto no pecado, a humanidade seria mantida cativa à mercê do demónio, e não poderíamos gozar da vitória triunfal de Cristo, porque esta teria acontecido fora da nossa natureza. É, por conseguinte, da admirável participação de Cristo na nossa natureza que brota para nós a luz do sacramento da regeneração.

«Este é o tempo favorável, este é o dia da salvação (2 Cor 6, 2)»

IV Sermão para a Quaresma, 1-2 (a partir da trad. SC
49 bis, p. 101 rev.)

«Este é o dia da salvação!» É certo que não há período nenhum que não esteja cheia de dons divinos; a graça de Deus proporciona-nos, em todo o tempo, o acesso à Sua misericórdia. Contudo, é nesta época que todos os corações devem ser estimulados ainda com mais ardor ao seu progresso espiritual, e animados com mais confiança, porque o dia em que fomos resgatados convida-nos a praticar todas as obras espirituais. Celebremos, pois, de corpo e alma purificados, o mistério que ultrapassa todos os outros: o sacramento da Páscoa do Senhor. [...]

Tais mistérios requerem de nós um esforço espiritual sem quebras [...], para que permaneçamos sempre sob o olhar de Deus; é assim que nos deve encontrar a festa da Páscoa. Mas esta força espiritual cabe apenas a um pequeno número de homens; para nós, que nos encontramos no meio das atividades desta vida, devido à fraqueza da carne, o zelo abranda. [...] Para conferir pureza às nossas almas, o Senhor previu, pois, o remédio de um treino de quarenta dias, no decurso dos quais as nossas faltas de outros tempos possam ser resgatadas pelas boas obras e consumidas por santos jejuns [...]. Tenhamos, pois, o cuidado de obedecer ao Apóstolo Paulo: «Purificai-vos de toda a mancha da carne e do espírito» (Cor 7, 1).

Mas que a nossa maneira de viver esteja de acordo com a nossa abstinência. O jejum não consiste apenas na abstenção de alimentos; de nada aproveita subtrair os alimentos ao corpo, se o coração se não desviar da injustiça, se a língua se não abster de calúnia [...]. Este é um tempo de doçura, de paciência, de paz [...]; uma altura em que a alma forte se habitua a perdoar as injustiças, a contar em nada as

afrontas, a esquecer as injúrias [...]. Mas que a moderação espiritual não seja triste; que seja santa. Que não se ouça o murmúrio das queixas, porque àqueles que assim vivem nunca faltará o consolo das santas alegrias.

«Maria, Mãe de Deus, Mãe do Príncipe da Paz» (Is 11, 5)

6º sermão para o Natal, 2, 3, 5 (a partir da trad.
bréviaire; cf SC 22 bis, pp. 139ss.)

A festa do Natal renova para nós os primeiros instantes da vida de Jesus, nascido da Virgem Maria. E acontece que, adorando o nascimento do nosso Salvador, celebramos a nossa própria origem. Com efeito, quando Cristo veio ao mundo, começou o povo cristão: o aniversário da cabeça é o aniversário do corpo.

Ora, que mais podemos encontrar nos tesouros da generosidade divina que seja tão adequado à dignidade da festa de Natal como esta paz proclamada pelo cântico dos anjos aquando do nascimento do Senhor (Lc 2, 14)? Pois é a paz que gera filhos de Deus, que favorece o amor, que produz a amizade, que é o repouso dos bem-aventurados, a morada da eternidade. A sua obra própria, o seu particular benefício, consiste em unir a Deus aqueles que separa deste mundo. [...] Assim, pois, aqueles que «não nasceram do sangue nem da vontade carnal, nem da vontade do homem, mas de Deus» (Jo 1, 13) devem oferecer ao Pai a vontade unânime dos filhos artesãos da paz. Todos aqueles que se tornaram membros de Cristo por adoção devem acorrer a venerar o primogênito da

nova criação, Aquele que veio, não para fazer a Sua vontade, mas a Daquele que O enviou (Jo 6, 38). Os herdeiros adotados pela graça do Pai não são herdeiros divididos nem separados; têm os mesmos sentimentos e o mesmo amor. Aqueles que foram recriados segundo a única Imagem (Hb 1, 3; Gn 1, 27) têm de ter uma alma que se assemelhe a Ele. O nascimento do Senhor Jesus é o nascimento da paz. Como diz São Paulo, «Ele [Cristo] é a nossa paz» (Ef 2, 14).

«Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo [...] n'Ele nos escolheu antes da criação do mundo» (Ef 1, 3-4)

3º Sermão para o Natal

A Encarnação do Verbo, a Palavra de Deus, diz respeito ao passado e ao futuro; nenhum tempo, por mais recuado que seja, foi privado do sacramento da salvação dos homens. O que os apóstolos pregaram é o que os profetas tinham anunciado, e não se pode dizer que o que se acreditou desde sempre se tivesse cumprido tardiamente. Adiado a obra da salvação, Deus tornou-nos, na Sua sabedoria e na Sua bondade, mais aptos para responder ao Seu apelo [...], graças a estes anúncios antigos e frequentes.

Não é, pois, verdade que Deus tenha providenciado às questões humanas mudando de intenção e movido por uma misericórdia tardia: desde a criação do mundo, Ele decretou para todos um único e mesmo caminho de salvação. Com efeito, a graça de Deus, pela qual todos os Seus santos sempre foram justificados, não se iniciou com o nascimento de Cristo,

antes cresceu com ele. Este mistério de um grande amor, que agora preencheu o mundo inteiro, já era igualmente poderoso em seus avisos; os que acreditaram quando lhes foi prometido não tiveram menos benefícios do que os que o receberam quando lhes foi dado.

Meus caros, foi, pois, com uma bondade evidente que as riquezas da graça de Deus foram derramadas sobre nós. Chamados à eternidade, não somos apenas sustentados pelo exemplo do passado, mas vimos aparecer a própria verdade sob uma forma visível e corporal. Devemos, pois celebrar o dia do nascimento do Senhor com uma alegria fervorosa que não é deste mundo. [...] Graças à luz do Espírito Santo, saibamos reconhecer Aquele que nos recebeu n'Ele e que nós recebemos em nós: porque, tal como o Senhor Jesus tomou a nossa carne nascendo, também nós tomamos o Seu corpo renascendo. [...] Deus propôs-nos o exemplo da Sua generosidade e humildade [...]: sejamos semelhantes ao Senhor na Sua humildade, se queremos ser como Ele na Sua glória. Ele próprio nos ajudará e nos conduzirá à realização do que prometeu.

«Arrependei-vos e acreditai no Evangelho»

Sermão 1 para a Natividade do Senhor, 1-3; PL 54, 190

Demos graças, irmãos bem-amados, a Deus Pai, por Seu Filho, no Espírito Santo; porque na Sua imensa misericórdia e no Seu amor por nós, teve piedade de nós e «precisamente a nós que estávamos mortos pelas nossas faltas, deu-nos a vida com Cristo» (Ef 2,5), para nos modelar e

nos criar de novo. Dispamo-nos, pois do homem velho e de suas ações (Col 3,9) e, porque somos admitidos a participar no nascimento de Cristo, renunciemos a esta nossa maneira chã de viver.

Cristão, toma consciência da tua dignidade: porque agora participas da natureza divina (2Pe 1,4), não tornes aos erros da tua conduta passada. Lembra-te de Quem é a tua cabeça e de que corpo és membro (Ef 4,15-16). Recorda-te de que foi «Ele que nos libertou do poder das trevas e nos transferiu para o Reino do Seu amado Filho». Pelo sacramento do batismo tornaste-te templo do Santo Espírito (1Co 6,19); livra-te de fazeres com que Se afaste, pelas tuas más ações, tão insigne hóspede, e de caíres no domínio do demônio, porque foste resgatado pelo sangue de Cristo.

«Então seus olhos abriram-se»

Primeiro Sermão para a Ascensão

Os dias que decorreram entre a ressurreição do Senhor e a Sua ascensão não foram desprovidos de acontecimentos: houve grandes mistérios que foram confirmados, grandes verdades que foram reveladas. Foi então que foi abolido o medo amargo da morte e que foi manifestada a imortalidade, não apenas da alma, mas também da carne. [...]

Naqueles dias, o Senhor junta-Se a dois discípulos e acompanha-os no caminho; e, a fim de dissipar em nós todas as trevas da dúvida, censura estes homens amedrontados pela sua lentidão em compreender. Os corações que Ele ilumina

veem acender-se neles a chama da fé; estavam desalentados, e enchem-se de ardor quando o Senhor os faz compreender as Escrituras. À fração do pão abrem-se os olhos dos que estão à mesa com Ele: veem a glorificação da sua natureza humana e sentem uma felicidade bem maior do que os nossos primeiros pais, cujos olhos se abriram sobre a vergonha da sua desobediência (Gn 3,7).

Como os discípulos permanecessem perturbados perante estas e outras maravilhas, o Senhor apareceu no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco» (Lc 24,36, Jo 20,26). Para que não permanecessem nestes pensamentos que os perturbavam, [...] revelou aos seus olhos hesitantes os vestígios da cruz nas Suas mãos e nos Seus pés. [...] Deste modo, não seria com uma fé hesitante, mas com convicção segura, que eles afirmariam que o corpo que ia sentar-Se no trono de Deus Pai era efetivamente aquele que tinha descansado na sepultura. Eis o que a bondade de Deus ensinou tão cuidadosamente durante o tempo que mediou entre a ressurreição e a ascensão, eis o que mostrou aos olhos e ao coração dos Seus amigos: o Senhor Jesus Cristo, que tinha nascido verdadeiramente, verdadeiramente sofreu e morreu, e ressuscitou verdadeiramente.

«Quantos O tocavam ficavam curados»

Carta 28, a Flávio, 3-4; PL 54, 763-767

A pequenez humana foi assumida pela majestade de Deus, a nossa fraqueza pela Sua força, a nossa escravidão à morte pela Sua imortalidade. Para pagar a dívida de nossa

condição humana, a natureza inalterável de Deus uniu-Se à nossa natureza exposta ao sofrimento. Assim, para melhor nos curar, «o único mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo» (1Tm 2,5), tinha, por um lado, de poder morrer, e por outro de não poder morrer.

Foi, portanto, na plena e completa natureza de um verdadeiro homem que o verdadeiro Deus nasceu. [...] Ele tomou a natureza do escravo sem a mácula do pecado; ele levantou a humanidade sem abaixar a divindade. Despojando-Se a Si mesmo (Fl 2,7), Aquele que era invisível tornou-Se visível; o Criador e Senhor de todas as coisas quis ser um mortal entre os outros mortais. Mas tudo isso foi um favor da Sua misericórdia, e não uma derrota do Seu poder [...]. Tudo isso é de uma ordem nova [...]: Aquele que excede qualquer limite quis ser limitado como nós, Aquele que já existia antes da criação do tempo começou a existir no tempo, o Senhor do universo tomou a forma de servo (Fl 2,7), mergulhando na sombra a grandeza infinita da Sua majestade. O Deus incapaz de sofrimento não desdenhou ser um homem capaz de sofrer, e Aquele que é imortal, de se submeter às leis da morte. Com efeito, o mesmo Cristo que é verdadeiro Deus é também verdadeiro homem. [...] Ele é verdadeiro Deus pelo fato de que «no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus»; e é homem pelo fato de que «o Verbo Se fez carne e habitou entre nós» (Jo 1,1.14).

«Para congregar na unidade os filhos de Deus que estavam dispersos»

«Uma vez levantado da terra, atrairei todos a Mim» (Jo 12,32). Admirável poder da cruz! Indescritível glória da Paixão! Aí se encontra o tribunal do Senhor, o julgamento do mundo e a vitória do Crucificado. Sim, Tu atraíste todos a Ti, Senhor, e quando «estendias continuamente as mãos para um povo incrédulo e rebelde» (Is 65,2; Rom 10,21), o mundo inteiro percebeu que devia glorificar a Tua majestade. [...] Tu atraíste todos a Ti, Senhor, porque, quando o véu do templo se rasgou (Mt 27,51), a imagem do Santo dos Santos manifestou-se na verdade, a profecia foi completamente cumprida, e a Lei antiga foi substituída pelo Evangelho. Tu atraíste todos a Ti, Senhor, para que o culto de todas as nações seja celebrado em plenitude pelo mistério que, até então envolto em símbolos num só templo na Judeia, seja finalmente expresso abertamente. [...]

Porque a Tua cruz é a fonte de todas as bênçãos, a causa de toda a graça. Da fraqueza da cruz os crentes recebem a força; da sua vergonha, a glória; de Tua morte, a vida. Agora, de fato, acabaram os múltiplos sacrifícios: a oferta única do Teu corpo e do Teu sangue leva ao seu cumprimento todos os sacrifícios oferecidos nas diferentes partes do mundo, porque Tu és o verdadeiro Cordeiro de Deus, que tira o pecado o mundo (Jo 1,29). Tu realizas em Ti todas as religiões de todos os homens, para que todos os povos formem um só Reino.

«Eu Sou»

«Abraão, vosso pai, exultou pensando em ver o Meu dia; viu-o e ficou feliz.» Abraão viu o dia do Senhor quando recebeu em sua casa os três anjos que representam a Santíssima Trindade: três hóspedes a quem se dirigiu como se fossem um só (cf Gn 18,2-3). [...] Mas o espírito terra-a-terra dos ouvintes do Senhor não eleva o olhar acima da carne [...], e eles dizem-Lhe: «Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?» Então, o nosso Redentor desvia suavemente o seu olhar do corpo de carne para o elevar à contemplação da Sua divindade, declarando: «Em verdade, em verdade vos digo: antes de Abraão existir, Eu sou!» «Antes» indica o passado e «Eu sou» o presente. Uma vez que a Sua divindade não tem passado nem futuro, mas existe desde sempre, o Senhor não diz: «Antes de Abraão, Eu era» mas sim: «Antes de Abraão existir, Eu sou!». Foi por isso que Deus declarou a Moisés: «Eu sou Aquele que sou.» [...] «Assim dirás aos filhos de Israel: “Eu sou” enviou-me a vós!» (Ex 3,14).

Abraão teve um antes e um depois; veio a este mundo [...] e deixou-o, levado pelo decurso da sua vida. Mas é próprio da Verdade existir sempre (Jo 14,6), pois nem começa num primeiro tempo nem termina num tempo seguinte. Mas esses descrentes, que não conseguiam suportar as Suas palavras de vida eterna, foram recolher pedras para lapidar Aquele que não conseguiam compreender. [...]

«Jesus escondeu-Se e saiu do templo». É espantoso que o Senhor tenha escapado aos Seus perseguidores escondendo-Se, embora pudesse exercer o poder da Sua divindade. [...] Então por que Se escondeu? Porque, uma vez feito homem entre os homens, o nosso Redentor diz-nos umas coisas através da Sua palavra e outras através do Seu

exemplo. E, pelo Seu exemplo, que nos diz Ele senão para fugirmos humildemente da cólera dos orgulhosos, mesmo quando podemos oferecer resistência? [...] Por isso, que ninguém proteste ao ouvir afrontas, que ninguém pague o insulto com o insulto. Pois é mais glorioso evitar uma injúria calando-se, como fez Deus, que tentar ganhar a discussão respondendo.

«O jejum que agrada a Deus»

Homilias sobre o Evangelhos, nº 16

Ao comer do fruto da árvore proibida, Adão transgrediu os preceitos da vida (Gn 3,6). Quanto a nós, é reduzindo, na medida do possível, o que comemos que nos reergueremos e reencontraremos a alegria do Paraíso.

No entanto, que ninguém fique a pensar que basta essa abstinência. Com efeito, diz Deus pelo Seu profeta: «O jejum que Me agrada é este: [...] repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus e não desprezar o teu irmão» (Is 58,6-7). Aí está o jejum que Deus aprova: aquele que é apresentado com as mãos cheias de esmolas e o coração cheio de amor, um jejum todo preenchido de bondade. Dá a outrem aquilo de que te privas pessoalmente e a tua penitência corporal contribuirá para o bem-estar físico dos que passam necessidades.

Assim poderás compreender a censura do Senhor pela boca do profeta: «Quando jejuastes e chorastes [...], foi realmente em Minha honra que multiplicastes os vossos jejuns? E quando comíeis e bebíeis, não éreis vós os

comedores e os bebedores?» (Zc 7,5-6) Ser comedor e bebedor é consumir alimentos destinados ao sustento do corpo sem os partilhar com ninguém, já que eles foram destinados pelo Criador a toda a comunidade humana. Jejuar em proveito próprio é privar-se temporariamente de alimento, mas reservar esse fruto da auto-restrição para o consumir mais tarde. «Ordenai um jejum», diz o profeta (Jl 1,14). [...] Que a cólera cesse e as querelas desapareçam! É vã a mortificação do corpo que não impõe ao coração a disciplina para refrear desejos desordenados. [...] Diz ainda o profeta: «No dia do vosso jejum só cuidais dos vossos negócios, e oprimis todos os vossos empregados. Jejuais entre rixas e disputas, dando bofetadas sem dó nem piedade» (Is 58,3-4). [...] Com efeito, só perdoadando aos nossos irmãos é que Deus não nos imputará a nossa injustiça.

«Deixai vir a Mim os pequeninos»

Sermão 7 para a Epifania

Cristo ama a infância que primeiro assumiu na Sua alma, tal como no Seu corpo. Cristo ama a infância, que ensina humildade, que é a norma da inocência e o modelo da mansidão. Cristo ama a infância: orienta para ela a conduta dos adultos, para ela encaminha os idosos, atrai ao seu exemplo aqueles que eleva ao reino eterno.

Mas, para compreendermos como é possível chegar a tão admirável conversão e qual a transformação que nos é necessária para termos uma atitude de crianças, deixemos São Paulo instruir-nos e dizer-nos: «Não sejais crianças

quanto à maneira de julgar; sede, sim, crianças na malícia» (1Co 14,20). Não se trata, portanto, de regressarmos aos jogos da infância, nem à falta de jeito dos inícios, mas de retirarmos da infância algumas coisas que convêm aos anos da maturidade, isto é, de apaziguarmos rapidamente as agitações interiores, de recuperarmos rapidamente a calma, de esquecermos totalmente as ofensas, de sermos completamente indiferentes às honras, de apreciarmos estar juntos, de mantermos a equanimidade do humor como coisa natural. Com efeito, é um grande bem não saber incomodar e não ter gosto pelo mal [...]; não pagar a ninguém o mal com o mal (cf Rm 12,17); é a paz interior das crianças que convêm aos cristãos. [...] É essa forma de humildade que nos ensina o Salvador Menino quando é adorado pelos magos.

«Felizes vós, os pobres»

Sermão 95; PL 54, 461

«Felizes os pobres de espírito porque é deles o reino dos céus» (Mt 5,3). Poderíamos perguntar-nos a que pobres quereria a Verdade referir-se se, ao dizer «Felizes os pobres», não tivesse acrescentado nada sobre o tipo de pobres de que falava. Pensar-se-ia então que, para merecer o Reino dos Céus, bastaria a indigência de que muitos sofrem devido a uma necessidade penosa e dura. Mas ao dizer: «Felizes os pobres de espírito», o Senhor mostra que o Reino dos Céus deve ser dado aos que são recomendados mais pela humildade da alma, do que pela penúria dos recursos.

No entanto, não podemos duvidar de que os pobres adquirem mais facilmente do que os ricos o bem que é esta humildade, pois a doçura é uma amiga da sua indigência, ao passo que o orgulho é o companheiro da opulência dos ricos. Porém, também se encontra entre muitos ricos esta disposição de alma que os leva a servirem-se da sua abundância, não para se encherem de orgulho, mas para praticarem a bondade, e que encaram como grande lucro o que gastaram para aliviar a miséria e a infelicidade dos outros. A todos os tipos e classes de homens é dada a oportunidade de participarem nesta virtude, porque podem ser simultaneamente iguais em intenção e desiguais em fortuna; e pouco importam as diferenças entre os recursos terrenos que encontramos entre os homens que são iguais em bens espirituais. Feliz esta pobreza que não está agrilhoadada pelo amor das riquezas materiais; ela não deseja aumentar a sua fortuna neste mundo, antes aspira a tornar-se rica dos bens dos céus.

«Se não vos converterdes»

20º sermão sobre a Paixão; SC 74bis

Esforcemo-nos por ser associados à Paixão de Cristo e por passar da morte à vida enquanto ainda estamos neste corpo. Porque passar por uma conversão, seja ela qual for, passar de um estado a outro, significa para todo o homem o fim de qualquer coisa – deixar de ser o que era – e o começo de outra – passar a ser o que não era. Mas é importante saber para que se morre e para que se vive, porque há uma morte que dá vida e uma morte que dá a morte.

E é precisamente neste mundo efêmero que se obtém uma ou outra: da qualidade dos nossos atos neste mundo depende a diferença das retribuições eternas. Morramos, pois, para o demônio e vivamos para Deus; morramos para o pecado, para ressuscitar para a justiça; que o ser antigo desapareça, para se elevar o novo ser. Dado que, segundo a palavra da Verdade, «ninguém pode servir a dois senhores» (Mt 6,24), tomemos por senhor, não aquele que faz tropeçar os que estão de pé para os levar à ruína, mas Aquele que levanta os caídos para os conduzir à glória.

«Jesus ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, senão depois de o Filho do Homem ter ressuscitado dos mortos».

Homilia 51, sobre a Transfiguração; SC 74 bis

Jesus queria armar os seus apóstolos com uma grande força de alma e uma constância que lhes permitissem carregar sem temor a sua própria cruz, a despeito da sua dureza. Queria também que eles não corassem com o seu suplício, que não considerassem uma vergonha a paciência com que Ele haveria suportar uma Paixão tão cruel, sem nada perder da glória do seu poder. Por isso, Jesus «tomou consigo Pedro, Tiago e João e levou-os a um monte elevado» e ali lhes mostrou o esplendor da sua glória. Embora tivessem compreendido que a majestade divina estava nele, eles ignoravam ainda o poder contido naquele corpo que encobria a divindade. [...]

O Senhor revela a sua glória na presença das testemunhas que escolhera; e o seu corpo, semelhante a todos os outros corpos, difunde um esplendor tal, «que o seu rosto brilhava como o sol e as suas vestes estavam brancas como a neve». O objetivo desta transfiguração era indubitavelmente retirar do coração dos seus discípulos o escândalo da cruz, não permitir que a humildade da sua Paixão voluntária lhes abalasse a fé [...]; mas esta revelação também fundava na sua Igreja a esperança que haveria de sustentá-la. Deste modo, todos os membros da Igreja, que é o seu Corpo, compreenderiam que um dia esta transformação também haveria de operar-se neles, pois fora prometido aos membros que participariam na honra que resplandeceu na Cabeça. O próprio Senhor dissera ao falar da majestade do seu advento: «Então os justos resplandecerão como o sol no reino de seu Pai» (Mt 13,43). Por seu turno, o apóstolo Paulo afirma: «Tenho como coisa certa que os sofrimentos do tempo presente nada são em comparação com a glória que há de revelar-se em nós» (Rom 8,18). [...] E também: «Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis com Ele, revestidos de glória» (Col 3,3-4).

«Os que tinham andado com Ele e estavam mergulhados em tristeza e pranto. [...] E disse-lhes: "Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda a criatura'».

Não estejamos presos às coisas deste mundo; que os bens da terra não desviem o nosso olhar do céu. Tomemos por passado o que já não é praticamente nada; que o nosso espírito, agarrado ao que deve viver, fixe o seu desejo nas promessas de eternidade. Embora sejamos ainda «salvos na esperança» (Rom 8,24), embora possuamos ainda uma carne sujeita à corrupção e à morte, podemos com certeza afirmar que somos capazes de viver fora da carne, se escaparmos à influência das suas paixões. Não, já não merecemos o nome desta carne, nós que fizemos o possível por calar os seus apelos. [...]

Que o povo de Deus tome, portanto, consciência de que é «uma criatura nova em Cristo» (2Cor 5,17). Que compreenda bem quem o escolheu, e quem ele próprio escolheu. Que o novo ser não reverta para a inconstância do seu antigo estado. Que «aquele que pôs a mão no arado» (Lc 9,62) não cesse de trabalhar, que vele pelo grão que semeou, que não retorne ao passado que abandonou. Que ninguém volte a cair na degradação da qual se separou. E se, porque a carne é fraca, alguém sofre ainda de uma das suas doenças, que tome a firme resolução de se curar e de se engrandecer. Esta é a via da salvação; esta é a forma de imitar a ressurreição começada em Cristo. [...] Que os nossos passos deixem as areias movediças para caminhar sobre a terra firme, porque está escrito: «O Senhor firma os passos do homem e compraz-Se nos seus caminhos. Mesmo que caia, não ficará por terra, porque o Senhor lhe estenderá a mão» (Sl 36,23s).

Irmãos bem-amados, guardai bem estas reflexões no vosso espírito, não apenas para celebrardes as festas da Páscoa, mas para santificardes toda a vossa vida.

«E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós.»

1.º sermão para a Natividade do Senhor; PL 59, 190

Nosso Senhor, irmãos bem-amados, nasceu hoje: regozijemo-nos! Não é permitido estarmos tristes neste dia em que nasce a vida. Este dia destrói o receio da morte e enche-nos da alegria que a promessa da eternidade dá. Ninguém ficou afastado desta alegria; um único e mesmo motivo de alegria é comum a todos. Pois Nosso Senhor, ao vir destruir o pecado e a morte [...], veio libertar todos os homens. Que o santo exulte, pois aproxima-se da vitória. Que o pecador se alegre, pois é convidado ao perdão. Que o pagão tome coragem, pois é chamado à vida. Com efeito, quando chegou a plenitude dos tempos determinada pela profundidade insondável do plano divino, o Filho de Deus desposou a nossa natureza humana para reconciliá-la com o seu Criador. [...]

O Verbo, a Palavra de Deus, que é Deus, Filho de Deus, que no princípio estava com Deus, por quem tudo se fez, e sem quem nada foi feito, tornou-Se homem para libertar o homem de uma morte eterna. Baixou-Se para assumir a nossa condição humilde sem que a sua majestade ficasse diminuída. Continuando a ser o que era e assumindo o que não era, Ele uniu a nossa condição de escravos à sua condição de igual a Deus Pai. [...] A majestade reveste-Se de humildade, a força de fraqueza, a eternidade de mortalidade: verdadeiro Deus e verdadeiro homem, na unidade de um único Senhor, «único mediador entre Deus e os homens» (1Tim 2, 5). [...]

Demos graças, portanto, irmãos bem-amados, a Deus Pai, por seu Filho, no Espírito Santo. Porque, na sua grande misericórdia e no seu amor por nós, Ele teve piedade de nós. «Quando estávamos mortos pelo pecado, Ele fez-nos tornar a viver por Cristo», querendo que sejamos nele uma nova criação, uma nova obra das suas mãos (Ef 2,4-5; 2Cor 5,17). [...] Cristão, toma consciência da tua dignidade.

«Sobre esta pedra, edificarei a minha Igreja»

Sermão para o aniversário da sua ordenação
episcopal

Irmãos, quando tenho de cumprir os deveres do meu cargo episcopal, descubro que sou fraco e covarde, carregado com a fragilidade da minha própria condição, embora deseje agir com generosidade e coragem. No entanto, bebo a minha força na intercessão incansável do Sacerdote todo-poderoso e eterno que, semelhante a nós mas igual ao Pai, humilhou a sua divindade até ao nível do homem e elevou a humanidade até ao nível de Deus, encontrando uma justa e sã alegria nas disposições que Ele tomou. Com efeito, delegando em numerosos pastores o cuidado do seu rebanho, Ele não abandonou a guarda das suas ovelhas bem-amadas. Graças a esta assistência fundamental e eterna, recebi eu mesmo a proteção e o apoio do apóstolo Pedro, que também não abandona as suas funções. Este sólido alicerce, sobre o qual se eleva a Igreja em toda a sua altura, não se cansa nunca de sustentar a massa do edifício que sobre ele repousa. A firmeza desta fé, pela qual o primeiro dos apóstolos foi louvado, nunca desfalece. Assim como permanece tudo o que Pedro

professou, de igual modo permanece o que Cristo estabeleceu em Pedro, e permanece a disposição querida pela vontade de Deus. São Pedro persevera na solidez que recebeu: não abandonou o leme da Igreja, que foi deixado nas suas mãos. Eis, meus irmãos, o que obteve aquela profissão de fé inspirada por Deus Pai ao coração do apóstolo: este recebeu a solidez de uma pedra que nenhum assalto pode deslocar. Em toda a Igreja, Pedro proclama dia após dia: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo».

«Eram os nossos sofrimentos que Ele levava sobre si» (Is 53,4)

Sermão 3 sobre a Paixão, 4-5

O Senhor revestiu-Se de uma grande fraqueza, para cobrir a nossa inconstância com a firmeza da sua força. Ele veio do Céu a este mundo como um mercador rico e generoso e, através de uma troca admirável, concluiu um negócio: tomando o que era nosso, concedeu-nos o que era seu; pelo que fazia a nossa vergonha, deu a sua honra, pelas dores a cura, pela morte a vida. [...]

O santo apóstolo Pedro foi o primeiro a fazer a experiência de quanto essa humildade foi proveitosa para todos os crentes. Abalado pela tempestade violenta da sua perturbação, voltou a si por uma mudança brusca, e recuperou a sua força: encontrara remédio no exemplo do Senhor. [...] O servo, com efeito, não podia ser maior que o seu senhor, nem o discípulo que o seu mestre (Mt 10,24); e ele não teria podido vencer o tremor da fragilidade humana se o

vencedor da morte não tivesse tremido primeiro. O Senhor olhou, portanto, para Pedro (Lc 22,61); no meio das calúnias dos sacerdotes, das mentiras das testemunhas, das injúrias dos que Lhe batiam e escarneciam dele, encontrou o seu discípulo, abalado por esses olhos que haviam visto antecipadamente a sua perturbação. A Verdade penetrou-o com o seu olhar, chegando aonde o seu coração precisava de ser curado. Foi como se a voz do Senhor se tivesse feito ouvir para Lhe dizer: «Aonde vais, Pedro, por que foges? Vem a Mim, confia em Mim e segue-Me. Este é o tempo da minha Paixão, a hora do teu suplício ainda não chegou. Por que temes agora? Também tu o ultrapassarás. Não te deixes desconcertar pela fraqueza que assumi. Por causa do que tomei de ti é que tremi, mas tu não tenhas medo por causa do que vês em Mim».

«Filho de David e Senhor dos senhores»

1º sermão para a Natividade do Senhor (trad.
breviário)

Da casa real de David foi escolhida uma virgem para em seu seio carregar uma criança santa, filho simultaneamente divino e humano [...]. O Verbo, a Palavra de Deus, que é o próprio Deus, o Filho de Deus que no «princípio estava em Deus, por quem tudo começou a existir e sem quem nada veio à existência» (Jo 1,1-3), esse Filho fez-Se homem para libertar o homem da morte eterna. Ele desceu até à humildade da nossa condição sem que com isso a sua majestade tivesse sido diminuída. Mantendo-Se o que era e assumindo o que não era, uniu uma verdadeira natureza de servo à natureza segundo a qual é igual ao Pai. Ele juntou tão

estritamente estas duas naturezas que nem a sua glória poderá aniquilar a natureza inferior, nem a união com esta aviltar a natureza superior. O que é próprio de cada natureza mantém-se integralmente, e reúne-se numa única pessoa: a humildade é acolhida pela sua majestade, a fraqueza pela força, a mortalidade pela eternidade. Para pagar a dívida da nossa condição, a natureza intangível une-se à natureza capaz de sofrer; Deus verdadeiro e homem verdadeiro associam-se na unidade de um só Senhor Jesus. Assim, e porque tal Lhe era preciso para nos salvar, o único «mediador entre Deus e os homens» (1Tim 2,5) poderia morrer pela ação dos homens, e ressuscitar pela ação de Deus [...] Tal foi, meus bem-amados, o nascimento que conveio a Cristo, «poder e sabedoria de Deus» (1Cor 1,24). Por esse nascimento, deu-Se à humanidade, conservando a preeminência da sua divindade. Se não fosse Deus verdadeiro, não nos traria a salvação. Se não fosse homem verdadeiro, não nos daria o exemplo.

«Rasgai os vossos corações, e não as vossas vestes» (Jl 2,13)

10.ª Homília para a Quaresma

Diz o Senhor: «Não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mt 9,13). A nenhum cristão é permitido odiar seja quem for, porque ninguém é salvo senão graças ao perdão dos pecados. [...] Que o povo de Deus seja, pois, santo e bom: santo, para se afastar daquilo que é proibido, bom para realizar aquilo que é mandado. Grande coisa é ter uma fé reta e uma doutrina santa; é louvável reprimir a gula, ter uma

doçura e uma castidade irrepreensíveis; mas estas virtudes nada são sem a caridade. [...]

Meus queridos, todos os tempos convêm para se realizar o bem da caridade, mas a quaresma convida-nos especialmente a fazê-lo. Aqueles que desejam acolher a Páscoa do Senhor com santidade de espírito e de corpo devem esforçar-se, antes de mais, por adquirir esse dom que contém a essência das virtudes e que «cobre a multidão dos pecados» (1Pd 4,8). Assim pois, agora que nos preparamos para celebrar o mistério que ultrapassa todos os outros, aquele pelo qual o sangue de Cristo apagou as nossas culpas, preparemos antes de mais os sacrifícios da misericórdia. Concedamos àqueles que pecaram contra nós o que a bondade de Deus nos concedeu a nós. Esqueçamos as injustiças, deixemos as culpas sem castigo, e que nenhum daqueles que nos ofenderam receie ser pago da mesma moeda. [...]

Todos sabemos que somos pecadores; ora, a fim de recebermos o perdão pelos nossos pecados, deve alegrar-nos o fato de termos a quem perdoar. Deste modo, quando dissermos, seguindo o ensinamento do Senhor: «Perdoai-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores» (Mt 6,11), podemos estar seguros de obter a misericórdia de Deus.

«Agora foi glorificado o Filho do homem e Deus foi glorificado nele.»

Sermão 58 (ou 59, dependendo da edição), “Sobre a Paixão do Senhor

Quando o Senhor declarou: «Em verdade, em verdade vos digo: um de vós Me entregará», demonstrou que era capaz de penetrar na consciência daquele que ia traí-lo. Sem contrariar o malfeitor com censuras severas e públicas, procurou chegar a ele com uma advertência terna e velada, para que o arrependimento pudesse corrigir aquele que não fora destituído por qualquer interdito.

Porque será, infeliz Judas, que não aproveitas toda esta bondade? Não vês que o Senhor está disposto a perdoar esse teu ato, que Cristo não te denuncia a ninguém, a não ser a ti próprio? Nem o teu nome nem a tua pessoa são indicados, mas por esta palavra de verdade e de misericórdia é tocado o segredo do teu coração. Nem a honra do teu título de apóstolo, nem a participação no sacramento te são recusadas. Volta atrás, abandona essa loucura e arrepende-te. Convida-te a suavidade, incita-te a salvação, chama-te a Vida. Vê como os teus companheiros, que são puros e sem pecados, se perturbam ao ouvirem anunciar o crime; e, como o autor de semelhante mal não foi revelado, cada um deles teme por si. Deixam-se, pois, invadir pela tristeza, não porque o coração os acuse, mas porque os preocupa a inconstância humana: duvidam de que aquilo que cada um deles sabe sobre si próprio seja menos verdadeiro de que aquilo que a própria Verdade vê antecipadamente. E tu, no meio desta angústia

dos santos, abusos da paciência do Senhor, considerando que estás protegido pela tua audácia. [...]

Vendo que o pensamento de Judas estava fixado no seu miserável projeto, o Senhor diz-lhe: «O que tens a fazer, fá-lo depressa». Ao falar deste modo, não está a dar uma ordem, mas a permitir que Judas faça o que decidiu; não é uma palavra de quem treme, mas de quem está pronto. Ele que tem o tempo sob o seu poder mostra que não está preocupado em atrasar o traidor, mas que avança para o cumprimento da vontade de seu Pai, com vista à redenção do mundo, sem provocar nem temer o crime que os seus perseguidores preparam.

«Nesse momento abriram-se-lhes os olhos»

1.º sermão para a Ascensão

Os dias que decorreram entre a ressurreição do Senhor e a sua ascensão não foram desprovidos de acontecimentos: houve grandes mistérios que foram confirmados, grandes verdades que foram reveladas. Foi nessa altura que foi abolido o medo amargo da morte e que foi manifestada a imortalidade, não apenas da alma, mas também da carne. [...]

Naqueles dias, o Senhor juntou-Se a dois discípulos, acompanhando-os pelo caminho; e, a fim de dissipar em nós todas as trevas da dúvida, censurou estes homens amedrontados pela sua lentidão em compreender. Nos corações que Ele iluminou acendeu-se a chama da fé; estes homens estavam desalentados, mas encheram-se de ardor

quando o Senhor lhes explicou as Escrituras. À fração do pão, abriram-se-lhes os olhos e, vendo a glorificação da sua natureza humana, sentiram uma felicidade bem maior do que a dos nossos primeiros pais, cujos olhos se abriram para a vergonha da sua desobediência (Gn 3,7).

Como os discípulos permanecessem perturbados perante estas e outras maravilhas, o Senhor apareceu no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco» (Lc 24,36; Jo 20,26). E, para que não permanecessem mergulhados naqueles pensamentos perturbadores, [...] mostrou-lhes os vestígios da cruz nas suas mãos e nos seus pés. [...] Deste modo, não seria com uma fé hesitante, mas com convicção segura que eles afirmariam que o corpo que ia sentar-Se no trono de Deus Pai era efetivamente o daquele que tinha descansado na sepultura. Foi isto que a bondade de Deus ensinou cuidadosamente durante o tempo que mediou entre a ressurreição e a ascensão, o que mostrou aos olhos e ao coração dos seus amigos: o Senhor Jesus Cristo, que tinha nascido verdadeiramente, verdadeiramente sofreu e morreu, e ressuscitou verdadeiramente.

«Quem dá esmola, faça-o com alegria e confiança»

Dos Sermões de São Leão Magno, (PL 54,299–301)

Diz o Senhor no Evangelho de João: Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros (Jo 13,35). Para praticar o bem da caridade, amados filhos, todo tempo é próprio. Contudo, estes dias da

Quaresma, a isso nos exortam de modo especial. Se desejamos celebrar a Páscoa do Senhor com o espírito e o corpo santificados, esforcemo-nos o mais possível por adquirir essa virtude preparemo-nos em primeiro lugar mediante o sacrifício espiritual da misericórdia; o que a bondade divina nos concedeu, demo-lo também nós àqueles que nos ofenderam.

Seja, neste tempo, mais larga a nossa generosidade para com os pobres e todos os que sofrem, a fim de que os nossos jejuns possam saciar a fome dos indigentes e se multipliquem as vozes que dão graças a Deus. Nenhuma devoção dos fiéis agrada tanto a Deus como a dedicação para com os seus pobres, pois nesta solicitude misericordiosa ele reconhece a imagem de sua própria bondade. Não temamos que essas despesas diminuam nossos recursos, porque a benevolência é uma grande riqueza e não podem faltar meios para a generosidade onde Cristo alimenta e é alimentado. Em tudo isso, intervém aquela mão divina que ao partir o pão o faz crescer, e ao reparti-lo multiplica-o. Quem dá esmola, faça-o com alegria e confiança.

«A pobreza que enriquece»

Sermão 95, 2-3; PL 54, 461-462

«Felizes os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus» (Mt 5,3). [...] Depois do Senhor, os primeiros a dar-nos exemplo desta pobreza generosa foram os apóstolos. Deixando sem hesitar todos os seus bens ao ouvirem o chamamento do Divino Mestre, converteram-se alegremente

e abandonaram a pesca de peixes para se tornarem pescadores de homens (Mt 4,18s). Entre estes homens, foram muitos os que se lhes assemelharam, imitando a sua fé; os primeiros filhos da Igreja «tinham um só coração e uma só alma» (At 4,32). Despojados de todas as suas posses, tinham sido enriquecidos com bens eternos graças à santa pobreza. Acolhendo a pregação dos apóstolos, alegravam-se por nada terem neste mundo e tudo possuírem em Cristo (cf 2Cor 6,10).

Certo dia em que o apóstolo Pedro subia ao Templo, houve um coxo que lhe pediu esmola. «Não tenho ouro nem prata», respondeu-lhe Pedro, «mas dou-te o que tenho: em nome de Jesus de Nazaré, levanta-te e anda» (At 3,6). [...] Pedro curou-o com a sua palavra. Não tendo moedas com a efígie de César, restaurou naquele homem a imagem de Cristo. A riqueza deste tesouro não socorreu apenas aquele a quem foi devolvida a capacidade de andar, mas também os cinco mil homens que acreditaram na pregação do apóstolo por causa deste milagre (cf At 4,4). E Pedro, o pobre que nada tinha para dar a quem lhe pedia esmola, deu a graça divina com tal largueza, que, não se contentando em voltar a pôr um homem de pé, curou o coração de milhares de homens, dando-lhes a fé.

«Quem receber uma destas crianças em meu nome é a Mim que recebe»

6º sermão para o Natal

A majestade dos Filho de Deus não desprezou a infância. Mas a criança foi crescendo até à estatura do homem

perfeito; seguidamente, quando realizou plenamente o triunfo da sua Paixão e ressurreição, todas as ações de condição humilde que fizera por amor a nós se tornaram passado. Contudo, a festa do seu nascimento recorda-nos os primeiros momentos de Jesus, nascido da Virgem Maria. E, quando adoramos o nascimento do nosso Salvador, celebramos a nossa própria origem.

Com efeito, o cristianismo inicia-se quando Cristo vem ao mundo: o aniversário da cabeça é o aniversário do corpo. Certamente que cada um dos que são chamados o é na sua vez, e que os filhos da Igreja aparecem em diferentes épocas. No entanto, assim como todos os fiéis, nascidos da fonte do batismo, foram crucificados com Cristo na sua Paixão, reanimados na sua ressurreição e se sentaram à direita do Pai na sua ascensão, assim também todos nasceram com Ele na sua natividade.

Todo o crente que renasce em Cristo após ter abandonado o caminho do pecado original, seja de que parte do mundo for, torna-se um homem novo pelo seu segundo nascimento. Já não pertence à descendência de seu pai pela carne, mas à estirpe do Salvador, porque este Se tornou Filho do homem para que nós possamos ser filhos de Deus.

«Virão muitos do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e sentar-se-ão à mesa no reino de Deus»

Nos últimos tempos (1Pe 1,20), Deus, na sua bondade misericordiosa, quis vir em socorro do mundo que perecia e decidiu que a salvação de todas as nações se faria em Cristo. [...] Foi por elas que Abraão recebeu outrora a promessa de uma descendência inumerável, não gerada pela carne, mas pela fé. E esta geração é comparada à multidão das estrelas do céu (Gn 15,5), porque do pai de todas as nações não é esperada uma posteridade terrena, mas celeste. [...]

Portanto, que «entre a totalidade das nações» (Rom 11,25), que todos os povos entrem na família dos patriarcas. Que os filhos da promessa recebam a bênção da raça de Abraão (Rom 9,8). [...] Que todas as nações da Terra venham adorar o Criador do universo. Que Deus não seja conhecido unicamente na Judeia, mas em todo o mundo, e que em toda a parte «o seu nome seja grande como em Israel» (Sl 75,2). [...]

Irmãos, instruídos nestes mistérios da graça divina, em espírito de alegria, celebremos o chamamento das nações. Demos graças ao Deus da misericórdia «que nos chama a tomar parte na herança dos santos, na luz divina. Ele nos libertou do poder das trevas e nos transferiu para o reino do seu amado Filho» (Col 1,12-13). Como anuncia o profeta Isaías [...], «hão de invocar-Te nações que não Te conheciam; povos que Te ignoravam acorrerão a Ti» (55,5). Abraão viu esse dia e rejubilou (Jo 8,56) quando soube que os seus filhos segundo a fé seriam abençoados na sua descendência, isto é, em Cristo. Na fé, viu-se «pai de uma multidão de povos» e «deu glória a Deus, plenamente convencido de que Ele tinha poder para realizar o que havia prometido» (Rom 4,18-21).

«Ele [...] seguiu Jesus, glorificando a Deus»

Sermões sobre o Evangelho, n.º 2; PL 76, 1081

O nosso Redentor, prevendo que os discípulos ficariam perturbados com a sua Paixão, anuncia-lhes com muita antecedência os sofrimentos da sua Paixão e a glória da sua Ressurreição (Lc 18,31-33); deste modo, vendo-O morrer como lhes anunciara, não duvidariam da sua Ressurreição. Mas, presos ainda à nossa condição carnal, os discípulos não podiam compreender estas palavras que anunciavam o mistério (v. 34). É então que intervém um milagre: diante dos seus olhos, um cego recupera a visão, para que aqueles que eram incapazes de assimilar as palavras do mistério sobrenatural fossem sustentados na sua fé à vista de um ato sobrenatural.

Devemos ter um duplo olhar sobre os milagres do nosso Salvador e Mestre: eles são fatos, que devemos aceitar como tais, e são signos, que remetem para outra coisa. [...] Assim, no plano da história, não sabemos nada acerca deste cego. Mas sabemos que ele é designado de forma obscura. Este cego é o gênero humano expulso, na pessoa do seu primeiro pai, da alegria do Paraíso, que não tem qualquer conhecimento da luz divina e que está condenado a viver nas trevas. Contudo, a presença do seu Redentor ilumina-o; começa então a ver as alegrias da luz interior, e, desejando-as, pode pôr os pés no caminho das boas obras.

«Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo [...], nele nos escolheu antes da criação do mundo» (Ef 1,3-4)

3.º Sermão para o Natal

A encarnação do Verbo, a Palavra de Deus, diz respeito ao passado e ao futuro; nenhum tempo, por mais recuado que seja, foi privado do sacramento da salvação dos homens. O que os apóstolos pregaram é o que os profetas tinham anunciado, e não se pode dizer que aquilo em que se acreditou desde sempre se tivesse cumprido tardiamente. Adiado a obra da salvação, Deus tornou-nos, na sua sabedoria e na sua bondade, mais aptos para responder ao seu apelo [...], graças a estes anúncios antigos e frequentes.

Não é verdade que Deus tenha providenciado às questões humanas mudando de intenção e movido por uma misericórdia tardia; desde a criação do mundo, Ele decretou para todos um único e mesmo caminho de salvação. Com efeito, a graça de Deus, pela qual todos os seus santos sempre foram justificados, não se iniciou com o nascimento de Cristo, antes cresceu com ele. Este mistério de um grande amor, que agora preencheu o mundo inteiro, já era igualmente poderoso em seus avisos; os que acreditaram quando lhes foi prometido não tiveram menos benefícios do que os que o receberam quando lhes foi dado.

Foi com bondade evidente que as riquezas da graça de Deus foram derramadas sobre nós. Chamados à eternidade, não somos apenas sustentados pelo exemplo do passado, mas vimos aparecer a própria Verdade sob forma visível e

corpórea. Assim, pois, celebremos o dia do nascimento do Senhor com uma alegria fervorosa que não é deste mundo. [...] Graças à luz do Espírito Santo, saibamos reconhecer Aquele que nos recebeu nele e que nós recebemos em nós; porque, tal como o Senhor Jesus tomou a nossa carne nascendo, também nós tomamos o seu corpo renascendo. [...] Deus propôs-nos o exemplo da sua generosidade e humildade [...]; sejamos semelhantes ao Senhor na sua humildade, se queremos ser como Ele na sua glória. Ele próprio nos ajudará e nos conduzirá à realização do que prometeu.

«Este é o meu Filho muito amado [...]». Escutai-O».

Sermão 51

Os apóstolos, que precisavam de ser confirmados na sua fé, receberam no prodígio da Transfiguração um ensinamento adequado para os levar ao conhecimento de todas as coisas. Com efeito, Moisés e Elias, quer dizer, a Lei e os profetas apareceram a falar com o Senhor. [...] Como diz São João: «A Lei foi comunicada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo» (1,17).

O apóstolo Pedro estava, por assim dizer, arrebatado em êxtase com o desejo dos bens eternos; cheio de alegria com tal visão, desejava habitar com Jesus naquele lugar, onde a sua glória, assim manifestada, o cumulava de júbilo. Por isso, diz: «Senhor, como é bom estarmos aqui! Se quiseres, farei aqui três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias». Mas o Senhor não respondeu a esta proposta,

querendo naturalmente mostrar que aquele desejo não seria mau, mas estava deslocado. Porque o mundo só podia ser salvo pela morte de Cristo, o exemplo do Senhor exortava a fé dos crentes a compreender que, sem que nos seja permitido duvidar da felicidade prometida, temos de pedir, no meio das tentações desta vida, mais a paciência do que a glória, porque a felicidade do Reino não pode preceder o tempo do sofrimento.

Enquanto Ele ainda falava, uma nuvem luminosa envolveu-os e do meio da nuvem uma voz proclamou: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai-O». [...] «Este é o meu Filho, por quem tudo foi feito, e sem quem nada foi feito» (cf Jo 1,3). Tudo o que Eu faço, Ele o faz também; tudo o que Eu realizo, Ele o realiza comigo, inseparavelmente, sem diferença alguma (cf Jo 5,17-19). [...] Este é o meu Filho, que não se apropriou ciosamente da igualdade que tinha comigo, não reivindicou o seu direito, mas, sem deixar a minha glória divina, Se humilhou até à condição de servo (cf Fil 2,6s), para cumprir o nosso desígnio comum da restauração do género humano. Escutai, pois, sem hesitações Aquele que tem toda a minha complacência, Aquele cuja doutrina Me revela, cuja humanidade Me glorifica, porque Ele é a Verdade e a Vida (cf Jo 14,6), Ele é o meu poder e a minha sabedoria (cf 1Cor 1,24). Escutai-O, a Ele que resgata o mundo com o seu sangue [...], a Ele que abre o caminho do Céu pelo suplício da sua cruz.

«Sou Eu mesmo; tocai-Me»

Como é que o corpo do Senhor, uma vez ressuscitado, continuou a ser um corpo verdadeiro, podendo, ao mesmo tempo, entrar no local onde os discípulos se encontravam apesar de as portas estarem fechadas?

Devemos estar cientes de que a ação divina nada teria de admirável se a razão humana pudesse compreendê-la; e que a fé não teria mérito se o intelecto lhe fornecesse provas experimentais. Sendo, por si mesmas, incompreensíveis, tais obras do nosso Redentor devem ser meditadas à luz das outras ações do Senhor, de forma que sejamos levados a acreditar nestes seus feitos maravilhosos por força daqueles que ainda o são mais. Com efeito, o corpo do Senhor que se juntou aos discípulos não obstante estarem as portas fechadas é o mesmo que a natividade tornou visível aos homens, ao sair do seio fechado da Virgem. Não fiquemos, pois, admirados de que o nosso Redentor, depois de ter ressuscitado para a vida eterna, tenha entrado com as portas fechadas, porque, tendo vindo ao mundo para morrer, Ele saiu do seio da Virgem sem o abrir.

E, como a fé daqueles que O viam era ainda hesitante, o Senhor convidou-os a tocarem essa carne que atravessara portas fechadas [...]. Ora, aquilo que podemos tocar é necessariamente corruptível, e o que não é corruptível é intocável. Porém, após a sua ressurreição, o nosso Redentor deu-nos a possibilidade de ver, de forma maravilhosa e incompreensível, um corpo que era a um tempo incorruptível e palpável. Mostrando-o incorruptível, convidava-nos à recompensa; dando-o a tocar, confirmava-nos na fé. Fez, pois, com que O víssemos incorruptível e palpável para manifestar firmemente que o seu corpo ressuscitado

continuava a ter a mesma natureza, mas tinha sido elevado a uma glória absolutamente diferente.

«A glória que deve revelar-se em nós»

Sermão 51, 2-6; SC 74 bis

«Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago» e, levando-os ao alto de um monte, manifestou-lhes o brilho da sua glória. Pois, embora eles tivessem compreendido que a majestade de Deus residia nele, ignoravam que o seu corpo, que escondia a sua divindade, também participava no poder de Deus. Foi por isso que o Senhor garantiu expressamente, alguns dias antes, que alguns dos seus discípulos não conheceriam a morte antes de o Filho de homem vir no seu Reino (cf Mt 16,28), ou seja, no brilho régio [...] que convinha especialmente à natureza humana que Ele tinha assumido. [...]

Esta transfiguração tinha como objetivo, em primeiro lugar, afastar do coração dos discípulos o escândalo da cruz, para que a humildade da Paixão voluntariamente sofrida não afetasse a fé daqueles que tivessem visto a grandeza da dignidade oculta. Mas a transfiguração também estabeleceu na Igreja de Jesus a esperança destinada a sustentá-la, de sorte que os membros do corpo de Cristo compreendessem a mudança que um dia se operaria neles, dado que haviam sido chamados a participar na glória que tinham visto resplandecer no seu Chefe, na sua cabeça.

A este propósito, o próprio Senhor tinha-lhes dito, ao falar da majestade do seu advento: «Nesse dia, os justos brilharão como o Sol no Reino de seu Pai» (Mt 13,43). E o

apóstolo Paulo afirma a mesma coisa quando diz: «Considero, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente nada são em comparação com a glória que há de revelar-se em nós» (Rm 8,18); e, noutra passagem: «Pois vós estais mortos e a vossa vida está, desde agora, oculta com Cristo em Deus; quando Cristo Se manifestar, Ele, que é a vossa vida, também vós vos manifestareis com Ele na plenitude da glória» (Cl 3,3-4).

«Preparemos um sacrifício de misericórdia»

Sermão 48, 2-5; PL 54, 299-300

Meus irmãos, todos os tempos são bons para traduzirmos em atos o bem que é a caridade; mas os dias que vivemos exortam-nos particularmente a fazê-lo. Quem quiser acolher a Páscoa do Senhor com santidade de espírito e de corpo, deve esforçar-se sobretudo por adquirir esta graça, que é a soma de todas as virtudes e «cobre a multidão dos pecados» (1Ped 4,8).

Assim, pois, estando prestes a celebrar o maior de todos os mistérios, aquele em que o sangue de Jesus Cristo apagou as nossas iniquidades, preparemos antes de mais o sacrifício de misericórdia, devolvendo a quem nos tiver ofendido aquilo que a bondade de Deus nos deu: esqueçamos as injúrias, deixemos de torturar as faltas, libertemos todas as ofensas do temor da vingança! [...] Deste modo, quando dissermos, segundo o ensinamento do Senhor: «Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos

tem ofendido» (Mt 6,12), não duvidaremos de que obteremos o perdão de Deus.

Além disto, mostremos uma bondade mais generosa com os pobres e os que sofrem de várias fraquezas, para que mais vozes possam dar graças a Deus e o nosso jejum contribua para alívio dos necessitados. Não há devoção dos crentes tão agradável ao Senhor como aquela que beneficia os seus pobres; Deus reconhece a imagem da sua bondade onde encontra a preocupação com a misericórdia.

«Haverá um só rebanho e um só Pastor»

Sermão XII sobre a Paixão; PL 54, 355-357

Nasceu pelo Espírito Santo de Mãe virgem, e pelo mesmo Espírito fecunda a sua Igreja puríssima, a fim de que, pelo nascimento do batismo, uma multidão inumerável de filhos seja gerada para Deus. Deles se diz que «não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus» (Jo 1,13). É nele que a descendência de Abraão é abençoada pela adoção de todo o mundo, e que o patriarca se torna pai das nações quando os filhos da promessa nascem da fé e não da carne.

Sem excetuar nenhum povo, Ele forma, de todas as nações que há debaixo do céu, um único rebanho de ovelhas santas, cumprindo todos os dias o que tinha prometido: «Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil e preciso de as reunir; elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só Pastor».

De fato, embora tenha dito a Pedro em particular: «Apascenta as minhas ovelhas» (Jo 21,17), é pelo Senhor que todos os pastores são atendidos; e Ele apascenta em pastos tão gordos e bem regados aqueles que se aproximam da Rocha, Cristo, que inúmeras ovelhas, fortalecidas pela abundância do seu amor, não hesitam em morrer pelo nome do seu Pastor, tal como o bom Pastor Se dignou dar a vida pelas suas ovelhas.

«Aquele que recebe Cristo torna-se a carne do Ressuscitado»

Sermão XII sobre a Paixão; PL 54, 355-357

A natureza humana foi assumida pelo Filho de Deus tão intimamente que não só nele, «o primogênito de toda a criatura» (Cl 1,15), mas em todos os santos, há apenas um e mesmo Cristo. E, tal como a cabeça não se pode separar dos membros, também os membros não podem ser separados da cabeça. [...]

Sofre com Ele, não apenas a coragem gloriosa dos mártires, mas também a fé de todos os que renascem do banho da regeneração. Com efeito, quando renunciemos ao diabo para crer em Deus, quando passamos da vetustez à renovação, quando depomos a imagem do homem terreno para nos revestirmos da forma celeste, produz-se uma espécie de morte e ressurreição; igualmente, aquele que é acolhido por Cristo e O recebe, após o banho do batismo deixa de ser o que era: o seu corpo regenerado torna-se a carne do Crucificado.

Por isso, a Páscoa do Senhor é celebrada como convém, «com o pão ázimo da pureza e da verdade» (1Cor 5,8), quando, rejeitado o fermento da antiga malícia, a nova criatura se inebria e alimenta do próprio Senhor. Pois a participação no corpo e no sangue de Cristo não tem outro propósito senão permitir-nos levar a toda a parte, no espírito e na carne, Aquele em quem e com quem morremos, fomos sepultados e ressuscitámos.

«Pedro e Paulo, sementes gloriosas da sementeira divina»

Sermão 82, 6-7

«É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos que lhe são fiéis» (Sl 115,15).

Uma religião cujo fundamento é o mistério da cruz de Cristo não pode ser destruída por nenhum tipo de crueldade. A Igreja não é diminuída pela perseguição, mas fortalecida por ela: o campo do Senhor fica coberto por uma seara cada vez mais rica, porque as sementes, caindo uma a uma, renascem multiplicadas.

Milhares de mártires bem-aventurados testemunham a multiplicação da posteridade dessas duas gloriosas sementes da sementeira divina, os apóstolos Pedro e Paulo. Émulos de um e outro no seu triunfo, eles encheram a nossa cidade de Roma de uma multidão de púrpura, cujo brilho resplandece ao longe, e coroam-na com um diadema engastado com o esplendor de inúmeras pedras preciosas.

Nós alegramo-nos, amados filhos, celebrando a memória e invocando a proteção de todos estes santos que Deus nos deu como exemplos de paciência e sustentáculos da nossa fé. Mas devemos alegrar-nos ainda mais pela glória eminente destes dois apóstolos, que foram seus pais. A graça de Deus elevou-os tão alto entre todos os membros da Igreja que, neste corpo de que Cristo é a cabeça, eles podem ser comparados à luz dos dois olhos. Quando pensamos nos seus méritos e virtudes, que ultrapassam tudo o que se pode dizer deles, não devemos preferir um ao outro nem os dissociar. Porque a mesma eleição os tornou iguais, a mesma tarefa os tornou semelhantes, o mesmo fim os uniu.

Como nós experimentámos e como os nossos predecessores atestaram, acreditamos e esperamos que as orações destes dois dignos protetores nos obtenham a misericórdia de Deus no meio das provações desta vida; assim, por muito esmagados que nos sintamos pelo peso dos nossos pecados, seremos elevados pelos méritos destes apóstolos.

«Quem ama, é habitado por Deus»

«Sermão Para a Epifania»

«É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos que lhe são fiéis» (Sl 115,15).

Quem deseja saber se em si habita o Deus de quem se disse: « Deus é prodigioso desde o seu santuário, pois é Ele o Deus de Israel, que dá força e vigor ao seu povo» (Sl 67,36) perscrute por um exame sincero o fundo do seu coração e

busque atentamente com que humildade é capaz de resistir ao orgulho, com que benevolência consegue combater a inveja, até que ponto não se deixa levar por palavras lisonjeiras e se se alegra com o bem dos outros; veja se não deseja pagar o mal com o mal e se prefere deixar sem retribuição as injúrias, em vez de perder a imagem e semelhança do seu Criador, que chama todos os homens a conhecê-lo pelos benefícios que prodigaliza a todos, fazendo «nascer o sol sobre bons e maus e chover sobre justos e injustos».

E, para que esta análise não se esgote num exame escrupuloso de múltiplos pontos, pergunte a si próprio se encontra em todos os cantinhos do seu coração a verdadeira mãe de todas as virtudes: a caridade. Se achar esse coração inteiramente inclinado para o amor de Deus e do próximo, a ponto de querer que os seus inimigos também recebam os bens que deseja para si mesmo, se assim for, aquele que se encontra nestas disposições não pode duvidar de que Deus o conduz e nele permanece. Essa pessoa acolhe-O de forma tão magnificente que não é em si mesma que se gloria, mas no Senhor (cf 1Cor 1,31).

Jesus deu-lhes esta ordem: «Não conteis a ninguém esta visão, até o Filho do homem ressuscitar dos mortos»

«Homilia 51, sobre a Transfiguração; SC 74 bis»

Jesus queria armar os seus apóstolos com uma força de alma e uma constância que lhes permitissem carregar sem temor a sua cruz, a despeito da dureza desta. Queria também

que eles não corassem com o seu suplício, que não considerassem uma vergonha a paciência com que Ele haveria de suportar uma Paixão cruel, sem que a glória do seu poder em nada ficasse diminuída. Por isso, Jesus «tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e levou-os, em particular, a um alto monte», onde lhes mostrou o esplendor da sua glória. Pois, embora tivessem compreendido que a majestade divina estava nele, os apóstolos ignoravam ainda o poder contido naquele corpo que encobria a divindade. [...]

O Senhor revela a sua glória na presença das testemunhas que escolhera; e o seu corpo, semelhante a todos os outros corpos, difunde um esplendor tal que «o seu rosto ficou resplandecente como o Sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz». O objetivo desta transfiguração era indubitavelmente retirar do coração dos discípulos o escândalo da cruz, não permitir que a humildade da sua Paixão voluntária lhes abalasse a fé [...]; mas esta revelação também fundava na sua Igreja a esperança que haveria de sustentá-la. Deste modo, todos os membros da Igreja, que é o seu corpo, compreenderiam que, um dia, esta transformação também haveria de operar-se neles, pois fora prometido aos membros que participariam na honra que resplandeceu na Cabeça. O próprio Senhor dissera, ao falar da majestade do seu advento: «Então os justos resplandecerão como o Sol no reino de seu Pai» (Mt 13,43). Por seu turno, o apóstolo Paulo afirma: «Tenho como coisa certa que os sofrimentos do tempo presente nada são em comparação com a glória que há de revelar-se em nós» (Rom 8,18). [...] E também: «Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a vossa vida,

aparecer, então também vós aparecereis com Ele, revestidos de glória» (Col 3,3-4).

«Bem-aventurados vós, os pobres»

Sermão 95; PL 54, 461

«Felizes os pobres de espírito porque é deles o reino dos céus» (Mt 5,3).

Poderíamos perguntar-nos a que pobres quereria a Verdade referir-se se, ao dizer «Felizes os pobres», não tivesse acrescentado nada sobre o tipo de pobres de que falava. Pensar-se-ia então que, para merecer o Reino dos Céus, bastaria a indigência de que muitos sofrem devido a dura e penosa necessidade. Mas ao dizer: «Felizes os pobres de espírito», o Senhor mostra que o Reino dos Céus deve ser dado aos que são recomendados mais pela humildade da alma, do que pela penúria dos recursos. No entanto, não podemos duvidar de que os pobres adquirem mais facilmente do que os ricos o bem que é esta humildade, pois a doçura é uma amiga da sua indigência, ao passo que o orgulho é o companheiro da opulência dos ricos.

Mas também se encontra entre muitos ricos esta disposição de alma que os leva a não se servirem da sua abundância para se encherem de orgulho, mas para praticarem a bondade, e que encaram como grande lucro o que gastam para aliviar a miséria e a infelicidade dos outros. A todos os tipos e classes de homens é dada a oportunidade de participarem nesta virtude, porque podem ser simultaneamente iguais em intenção e desiguais em fortuna;

e pouco importam as diferenças entre os recursos terrenos que encontramos entre os homens que são iguais em bens espirituais. Feliz esta pobreza que não está agrilhoadada pelo amor das riquezas materiais! Ela não deseja aumentar a sua fortuna neste mundo, antes aspira a tornar-se rica dos bens dos Céus.



São Gregório Magno

«Pela primeira vez, Ele envia-os dois a dois»

Homilias sobre o Evangelho, 17,1-3; PL 76,1139 (a partir da trad. bréviaire)

O nosso Senhor e Salvador, caros irmãos, ensina-nos tanto pelas Suas palavras como pelas Suas ações. Em si mesmas, as Suas ações são ordens porque, quando Ele faz qualquer coisa sem dizer nada, mostra-nos como devemos agir. Eis que Ele envia os Seus discípulos a pregar dois a dois, porque os mandamentos da caridade são dois: o amor de Deus e do próximo. O Senhor envia os Seus discípulos a pregar dois a dois para nos sugerir, sem o dizer, que aquele que não tem caridade para com outrem não deve de modo nenhum dedicar-se ao ministério da pregação.

Diz-se, e muito bem, que «Ele os enviou dois a dois à Sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir» (Lc 10, 1). Com efeito, o Senhor vem após os Seus pregadores, porque a pregação é um preliminar; o Senhor vem habitar a nossa alma depois de as palavras de exortação terem vindo e terem feito acolher a verdade na alma. É por isso que Isaías dizia aos pregadores: «Preparai o caminho do Senhor, aplainai uma estrada para o nosso Deus» (40, 3). E o autor dos salmos também lhes diz: «Abri caminho Ao que cavalga ao pôr-do-sol» (Sl 67, 5 Vulg). O Senhor cavalga ao pôr-do-sol porque, tendo adormecido pela Sua Paixão, manifestou-Se com maior glória na Sua Ressurreição. Ele cavalcou ao pôr-do-sol

porque, ao ressuscitar, esmagou aos Seus pés a morte que sofrera. Nós abrimos caminho Àquele que cavalga ao pôr-do-sol quando pregamos a Sua glória às vossas almas para que, ao chegar em seguida, Ele as ilumine pela presença do Seu amor.

«Sou Eu mesmo. Toca-me»

Homilias sobre os Evangelhos, nº26; PL 76,1197 (trad. Barroux rev.; cf. Delhougne, p. 204).

Como é que o corpo do Senhor, uma vez ressuscitado, continuou a ser um corpo verdadeiro, podendo, ao mesmo tempo, entrar no local onde os discípulos se encontravam, apesar de as portas estarem fechadas? Devemos estar cientes de que a ação divina não teria nada de admirável se a razão humana a pudesse compreender e que a fé não teria mérito se o intelecto lhe fornecesse provas experimentais. Sendo, por si mesmas, incompreensíveis, tais obras do nosso Redentor devem ser meditadas à luz das outras ações do Senhor, de tal forma que sejamos levados a acreditar nestes Seus feitos maravilhosos por força daqueles que ainda o são mais. Porque o corpo do Senhor, que se juntou aos discípulos não obstante estarem as portas fechadas, é o mesmo que a Natividade tornou visível aos homens, ao sair do seio fechado da Virgem. Por isso, não vale a pena ficarmos admirados de que o nosso Redentor, após ressuscitado para a vida eterna, tenha entrado, estando embora as portas fechadas, porque, tendo vindo ao mundo para morrer, saiu do seio da Virgem, sem o abrir.

E, como a fé daqueles que O viam permanecia hesitante, o Senhor fê-los tocar essa carne que Ele fizera atravessar portas fechadas [...]. Ora, aquilo que podemos tocar é necessariamente corruptível, e o que não é corruptível é intocável. Porém, após a Sua ressurreição, o nosso Redentor deu-nos a possibilidade de ver, de uma forma maravilhosa e incompreensível, um corpo, a um tempo, incorruptível e palpável. Mostrando-o incorruptível, convidava-nos à recompensa; dando-o a tocar, confirmava-nos na fé. Assim, fez com que O víssemos tão incorruptível como palpável, para manifestar, firmemente, que o Seu corpo ressuscitado continuava a ter a mesma natureza mas tinha sido elevado a uma glória absolutamente diferente.

«Os seus olhos, porém, estavam impedidos de O reconhecer»

Homilia 23 sobre o Evangelho (a partir da trad.
Barroux rev.) (a partir da trad. bréviaire)

Acabais de o ouvir, irmãos caríssimos: dois discípulos de Jesus caminhavam na estrada e, não acreditando que era Ele, d'Ele falavam, porém. O Senhor apareceu-lhes, sem contudo Se lhes mostrar sob uma forma por que O pudessem reconhecer. O Senhor realizou, portanto, no exterior, aos olhos do corpo, o que neles se cumpria no interior, aos olhos do coração. No seu próprio interior, os discípulos amavam e duvidavam em simultâneo; no exterior, o Senhor estava presente sem no entanto manifestar Quem era. Aqueles que d' Ele falavam, oferecia a Sua presença; mas aos que duvidavam d'Ele, escondia o aspecto habitual, que lhes teria

permitido reconhecê-Lo. Trocou algumas palavras com eles, reprovou-lhes a lentidão em compreender, explicou-lhes os mistérios da Sagrada Escritura que Lhe diziam respeito. E, no entanto, no coração deles continuava a ser um estranho, por falta de fé; fez então menção de seguir para diante [...]. A Verdade, que é simples, nada fez com duplicidade, mas manifestou-Se simplesmente aos discípulos no Seu corpo tal como estava no espírito deles.

Com esta prova, o Senhor queria ver se os que ainda não O amavam como Deus eram ao menos capazes de O amar como viajante. A Verdade caminhava com eles; não podiam, pois, continuar estranhos ao amor; ofereceram-Lhe hospitalidade, propondo-Lhe que pernoitasse com eles, como se costuma fazer aos viajantes. Por que dizemos então que eles Lho propuseram, quando está escrito: «Insistiram com Ele»? Este exemplo mostra-nos bem que não devemos apenas oferecer hospitalidade aos viajantes, mas fazê-lo com insistência.

Os discípulos puseram a mesa, ofereceram da sua ceia; e, não tendo reconhecido a Deus quando da Sua explicação da Sagrada Escritura, eis que O reconhecem agora, na fracção do pão. Não foi, pois, ao escutar os mandamentos de Deus que ficaram iluminados, mas ao pô-los em prática.

«O homem começou a ver e seguia Jesus dando glória a Deus»

Sermões sobre o Evangelho, nº 2; PL 76, 1081 (Trad. Luc comentada, DDB 1987, p139 rev.)

O Nosso Redentor, prevendo que os discípulos ficassem perturbados com a sua Paixão, anuncia-lhes com muita antecedência os sofrimentos da sua Paixão e a glória da sua Ressurreição (Luc 18, 31-33). Assim, vendo-o morrer como lhes anunciara, não duvidariam da sua Ressurreição. Mas, presos ainda à nossa condição carnal, os discípulos não podiam compreender estas palavras anunciando o mistério (v. 34). É então que intervém um milagre: debaixo dos seus olhos, um cego recupera a visão, para que aqueles que eram incapazes de assimilar as palavras do mistério sobrenatural fossem sustentados na sua fé à vista de um ato sobrenatural.

É que devemos ter um duplo olhar sobre os milagres do nosso Salvador e Mestre: são factos que devemos aceitar como tais e são signos que remetem para outra coisa... Assim, no plano da história, não sabemos nada acerca de quem era este cego. Mas que ele é designado de forma obscura, sabemo-lo. Este cego é o género humano expulso, na pessoa do seu primeiro pai, da alegria do Paraíso, que não tem qualquer conhecimento da luz divina e está condenado a viver nas trevas. Contudo, a presença do seu Redentor ilumina-o: ele começa a ver as alegrias da luz interior, e, desejando-as, pode pôr os pés na caminhada de vida das boas obras.

«Bendizei ao Senhor, todos os Seus anjos, sempre dóceis à Sua palavra» (Sl 103,20)

Catequeses sobre o Evangelho, 34, 8-9

Muitas páginas da Sagrada Escritura atestam que os anjos existem... Mas é preciso saber que a palavra «anjo»

designa a sua função: ser mensageiro. E chamam-se «arcanjos» os que anunciam os acontecimentos mais importantes. É assim que o Arcanjo Gabriel é enviado à Virgem Maria; para esta função, para anunciar o maior de todos os acontecimentos, impunha-se enviar um anjo da mais elevada categoria...

Semelhantemente, quando se trata de estender um poder extraordinário, é Miguel que é o enviado. Com efeito, a sua ação como o seu nome, querem dizer: «Quem é como Deus?», fazem compreender aos homens que ninguém pode fazer o que pertence apenas a Deus realizar. O antigo inimigo, que desejou por orgulho fazer-se semelhante a Deus, dizia: «Subirei aos céus, estabelecerei o meu trono acima das estrelas de Deus, serei semelhante ao Altíssimo» (Is. 14,13). Mas o Apocalipse diz-nos que no fim dos tempos, assim que ele for abandonado à sua própria força, antes de ser eliminado pelo suplício final, deverá combater contra o Arcanjo Miguel: «Travou-se uma batalha no céu: Miguel e os seus anjos pelejavam contra o Dragão. E o Dragão também combatia juntamente com os seus anjos. Mas não prevaleceram; o Dragão e os seus anjos foram precipitados na terra» (Ap 12, 7-9).

À Virgem Maria, foi, pois, Gabriel, cujo nome significa «Força de Deus», que foi enviado; não vinha ele anunciar aquele que quisera manifestar-se numa condição humilde, para triunfar do orgulho do demónio? Era, pois, pela «Força de Deus» que devia ser anunciado aquele que vinha como «o Senhor forte e poderoso, o Senhor herói nas batalhas» (Sl 24,8). Quanto ao Arcanjo Rafael, o seu nome significa «Deus cura». Com efeito, foi ele que libertou da escuridão os olhos

de Tobias, tocando-os como um médico vindo do alto (Tb 12,14). Aquele que foi enviado para tratar o justo na sua enfermidade bem pode ser apelidado de «Deus cura».

«Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim»

Homilia 2 sobre o Evangelho (a partir da trad. Luc commenté, DDB 1987, p. 140 rev.)

Observemos que é quando Jesus se aproxima de Jericó que o cego recupera a vista. Jericó significa «lua» e na Sagrada Escritura a lua é o símbolo da carne votada ao desaparecimento; em determinado momento do mês ela diminui, simbolizando o declínio da nossa condição humana votada à morte. É, pois, ao aproximar-se de Jericó que o nosso Criador faz com que o cego recupere a vista. É ao tornar-Se próximo de nós pela carne, de que Se revestiu, com a sua mortalidade, que Ele torna a dar ao género humano a luz que tínhamos perdido. É porque Deus endossa a nossa natureza que o homem acede à condição divina.

E é precisamente a humanidade que está representada por este cego sentado na beira do caminho e a mendigar, pois a Verdade diz de Si mesma: «Eu sou o caminho» (Jo 14, 6). Aquele que não conhece o brilho da luz eterna é de fato cego, mas se começa a crer no Redentor então fica «sentado à beira do caminho». Se, embora crendo Nele, não Lhe implora o dom da luz eterna, se se recusa a pedir-lhe, será sempre um cego à beira do caminho; um cego que não pede. [...] Que todo o homem que reconhece as trevas que o tornam cego, que todo o homem que compreende que lhe falta a luz eterna grite do

fundo do seu coração, grite com toda a sua alma: «Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim.».

«Pela vossa constância é que sereis salvos»

Comentário moral do livro de Job, 10, 47-48; PL 75, 946
(a partir da trad. bréviaire)

«Aquele que, como eu, é escarnecido pelo seu amigo invocarà a Deus e Ele o ouvirá» (Jó 12, 4 Vulg). [...] Sucede a alma perseverar no bem, e, contudo, sofrer a troça dos homens. Agir de modo admirável e receber injúrias. Então, aquele que os elogios poderiam ter atraído exteriormente, repellido pelas afrontas, entra em si próprio. Fortalece-se em Deus tanto mais solidamente, quanto não encontra no exterior nada onde possa descansar. Põe toda a sua esperança no seu Criador e, no meio das troças ultrajantes, só implora o testemunho interior. A alma do homem afligido aproxima-se de Deus tanto mais quanto é abandonada pelo favor dos homens. Cai imediatamente em oração, e sob a opressão vinda do exterior, purifica-se para apreender as realidades interiores. É por isso que este texto diz com razão: «Aquele que, como eu, é escarnecido pelo seu amigo, invocarà a Deus e ele o ouvirá [...]». Quando estes infelizes encontram armas na oração, voltam a cantar interiormente a bondade divina: esta dá-lhes satisfação, porque, exteriormente, estão privados dos elogios dos homens. [...]

«Zomba-se da simplicidade do justo» (Jó 12, 4). A sabedoria deste mundo consiste em camuflar o coração debaixo de artifícios, em encobrir o pensamento com as

palavras, em apresentar como verdadeiro o que é falso, em provar a falsidade do que é verdadeiro. Pelo contrário, a sabedoria dos justos consiste em nada inventar para se valorizar, em transmitir o pensamento com as palavras, em amar a verdade como ela é, em fugir da falsidade, em fazer o bem gratuitamente, em preferir suportar o mal do que fazê-lo, em nunca procurar vingar-se de uma ofensa, em considerar como um benefício um insulto que se recebe por causa da verdade. Mas é precisamente esta simplicidade dos justos que se torna motivo de troça, porque os sábios deste mundo julgam que a pureza é uma tolice. Tudo que se faz com integridade, eles consideram-no, evidentemente, como um absurdo; tudo o que a Verdade aprova na conduta dos homens parece uma tolice à pretensa sabedoria deste mundo.

O Reino dos Céus tem sido objeto de violência e os violentos apoderam se dele à força

Homilia 20 sobre os Evangelhos, § 14 (a partir da trad.
Le Barroux rev.)

João Batista recomenda-nos que realizemos grandes coisas: «Produzi frutos dignos do arrependimento» e ainda: «Quem tem duas capas, que partilhe com aquele que não tem; quem tem de comer, que proceda do mesmo modo» (Lc 3, 8.11). Não será isto dar a compreender claramente o que afirma Aquele que é a Verdade: «Desde o tempo de João Batista até agora, o Reino dos Céus tem sido objeto de violência e os violentos apoderam se dele à força»? Estas palavras vêm-nos do alto; nós devemos meditá-las com grande atenção. É preciso procurar como pode o Reino dos Céus ser tomado pela força. Quem pode fazer violência ao

céu? E se é verdade que o Reino dos Céus se toma pela força, por que é que isso só é verdade depois do tempo de João Batista e não antes?

A antiga Lei [...] martirizava os pecadores com penas rigorosas, mas sem os trazer à vida pela penitência. Mas João Batista, anunciando a graça do Redentor, prega a penitência a fim de que o pecador, morto em consequência do seu pecado, viva pelo efeito da sua conversão: foi, pois, verdadeiramente desde então que o Reino dos Céus se abriu aos que o tomavam pela força. O que é o Reino dos Céus, senão a morada dos justos? [...] São os humildes, os castos, os doces, os misericordiosos que chegam às alegrias do alto. Mas quando os pecadores [...] emendam as suas faltas pela penitência, também obtêm a vida eterna e entram nessa terra que lhes era estrangeira. Assim [...], ordenando a penitência aos pecadores, João ensinou-lhes a fazer violência ao Reino dos Céus.

Irmãos bem-amados, reflitamos, pois, também nós, em todo o mal que temos feito e choremos. Aprendamos da herança dos justos pela penitência. O Todo-Poderoso quer aceitar esta violência da nossa parte; Ele quer que, pelas nossas lágrimas, nos deleitemos no Reino que não nos era devido de acordo com os nossos méritos.

«Simão Pedro subiu à barca e puxou a rede para terra»

Homilias sobre o Evangelho, nº 24 (a partir da trad. Le Barroux rev.)

Depois de terem apanhado tantos peixes grandes, «Simão Pedro subiu à barca e puxou a rede para terra.» Tereis compreendido por que motivo foi Pedro quem puxou a rede para terra; com efeito, foi a ele que foi confiada a Santa Igreja, foi a ele que foi pessoalmente dito: «Filho de João, tu amas-Me? Apascenta os meus cordeiros.» Assim, aquilo que foi claramente enunciado em palavras foi primeiramente significado pela ação. É o pregador da Igreja que nos separa das correntes deste mundo; é, pois, necessário que Pedro puxe para terra a rede cheia de peixes. Foi ele quem puxou os peixes para a terra firme da margem, porque foi ele que dá a conhecer aos fiéis, pela sua santa pregação, a imutabilidade da pátria eterna. E fê-lo, quer pelas suas palavras, quer pelas suas epístolas; e continua a fazê-lo todos os dias, pelos seus milagres. Sempre que nos conduz ao amor do repouso eterno, sempre que nos distancia do tumulto das coisas deste mundo, nós somos os peixes apanhados nas redes da fê, que ele puxa para a margem.

«Ele gritava cada vez mais»

Homilias sobre o Evangelho nº2; PL 76, 1081 (a partir da trad. Luc commenté, DDB 1987, p.141 rev.)

Que todo o homem que conhece as trevas que fazem dele um cego [...] grite a plenos pulmões: «Jesus filho de David, tem misericórdia de mim!». Mas ouçamos também o que se segue aos gritos do cego: «Aqueles que caminhavam à frente repreendiam-no para o fazer calar» (Lc 18, 39). Quem são eles? Eles estão ali para representar os desejos da nossa condição neste mundo, promotores de confusão, os vícios do

homem e o seu tumulto, que, querendo impedir a vinda de Jesus a nós, perturbam o nosso pensamento semeando nele a tentação, e querem abafar a voz do nosso coração que ora. Com efeito, acontece frequentemente que a nossa vontade de nos virarmos de novo para Deus [...], o nosso esforço para afastar os nossos pecados através da oração, é contrariado pela sua imagem; a vigilância do nosso espírito afrouxa ao seu contacto, eles semeiam a confusão no nosso coração, sufocam o grito das nossas preces. [...]

Que fez então este cego para receber a luz malgrado estes obstáculos? «Ele gritava cada vez mais: 'Filho de David, tem misericórdia de mim!'». [...] Sim, quanto mais o tumulto dos nossos desejos nos acabrunhar, mais insistente deve ser a nossa prece. [...] Quanto mais abafada for a voz do nosso coração, mais vigorosamente ela deve insistir até se sobrepor ao tumulto dos pensamentos invasores e tocar o ouvido fiel do Senhor. Creio que todos nos reconheceremos nesta imagem: no momento em que nos esforçamos por desviar o nosso coração deste mundo para o reencaminhar para Deus [...], são muitos os importunos que pesam sobre nós e que temos de combater. É um enxame que o desejo de Deus tem dificuldade em afastar dos olhos do nosso coração. [...] Mas, persistindo vigorosamente na oração, deteremos no espírito Jesus que passa. Donde a narração do Evangelho: «Jesus parou e ordenou que o levassem até Ele» (v. 40).

«É este o Meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei»

Todas as palavras sagradas do Evangelho estão cheias de mandamentos do Senhor. Então, por que é que o Senhor diz que o amor é o Seu mandamento? «É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros». É que todos os mandamentos procedem exclusivamente do amor, todos os preceitos são apenas um, e assentam sobre o fundamento único da caridade. Os ramos de uma árvore vêm da mesma raiz; de igual modo, todas as virtudes nascem exclusivamente da caridade. O ramo de uma boa obra não permanece verde quando esta se desliga da raiz da caridade. Os mandamentos do Senhor são, pois, múltiplos, e ao mesmo tempo são um só – múltiplos pela diversidade das suas obras, um na raiz do amor.

Como manter este amor? O próprio Senhor o dá a entender: na maior parte dos preceitos do Evangelho, ordena aos Seus amigos que se amem n'Ele, e amem os seus inimigos por causa d'Ele. Aquele que ama o seu amigo em Deus e o seu inimigo por causa de Deus possui a verdadeira caridade.

Há homens que amam a sua família, mas só por causa dos sentimentos de afeto que nascem da ligação natural. [...] As palavras sagradas do Evangelho não fazem nenhuma recriminação a esses homens. Mas o que se atribui espontaneamente à natureza é uma coisa, o que se deve pela obediência à caridade é outra. Os homens de que tenho estado a falar amam sem dúvida o seu próximo [...], mas segundo a carne e não segundo o espírito. [...] Ao dizer: «É este o Meu mandamento: que vos ameis uns aos outros», o Senhor acrescentou imediatamente: «como Eu vos amei». Estas palavras significam claramente: «Amai pela mesma razão por que Eu vos tenho amado.»

«Mulher, estás livre da tua enfermidade»

Homílias sobre o Evangelho, nº31

«Um dia de sábado, ensinava Jesus numa sinagoga. Estava lá certa mulher doente por causa de um espírito, há dezoito anos: andava curvada e não podia endireitar-se completamente.» [...] O pecador, preocupado com as coisas da terra e não procurando as do Céu, torna-se incapaz de olhar para o alto: ao seguir os desejos que o conduzem para baixo, a sua alma, perdendo a retidão, curva-se, e apenas vê aquilo em que pensa incessantemente. Voltai para dentro do vosso coração, irmãos muito estimados, e examinai continuamente os pensamentos que não cessam de agitar o vosso espírito. Um pensa nas honras, outro no dinheiro, outra ainda em aumentar as suas propriedades. Todas essas coisas são inferiores e, quando o espírito investe nisso, altera-se, perdendo a sua retidão. E, porque não se engrandece para desejar os bens do alto, está como esta mulher curvada, que não consegue absolutamente olhar para cima. [...]

Efetivamente, o salmista descreveu bem a nossa curvatura quando disse de si próprio, como símbolo de todo o gênero humano: «Ando cabisbaixo e profundamente abatido» (Sl 37,7). Considerava que o homem, tendo sido criado para contemplar a luz do alto, fora expulso do paraíso devido aos seus pecados, e que, conseqüentemente, as trevas reinavam na sua alma, fazendo-o perder o apetite das coisas do alto e arrastando toda a sua atenção para as inferiores. [...] Se o homem que perdeu de vista as coisas do Céu pensasse apenas nas necessidades deste mundo, seria, sem dúvida, curvado e humilhado, mas não «em excesso». Ora, como não

é só a necessidade que faz descer os seus pensamentos [...], mas também o prazer proibido que o esmaga, não fica somente curvado, mas «curvado em excesso».

«Felizes os convidados para as núpcias do Cordeiro» (Ap 19, 9)

Homilias sobre o Evangelho, nº 38

Compreendestes quem é o Rei, Pai de um Filho que também é Rei? É Aquele acerca de Quem o salmista afirmava: «Ó Deus, dai o Vosso juízo ao rei e a Vossa justiça ao filho do rei» (71, 1). [...] Ele «preparou um banquete nupcial para o seu filho»; ou seja, o Pai celebra as núpcias do Rei Seu Filho, a união da Igreja com Ele, no mistério da encarnação. E o seio da Virgem Maria foi o quarto nupcial deste Esposo. Por isso, há outro salmo que diz: «Do sol fez a Sua tenda, Ele mesmo é como um esposo que sai do seu pavilhão de núpcias» (18, 5-6). [...]

Ele mandou os servos convidarem os amigos para esta boda. Enviou-os uma vez, e depois uma segunda vez, ou seja, primeiro os profetas, depois os apóstolos, a anunciar a encarnação do Senhor. [...] Pelos profetas, anunciou como futura a encarnação do Seu Filho único, pelos apóstolos pregou-a, depois de realizada.

«Mas eles, sem se importarem, foram um para o seu campo, outro para o seu negócio»; ir para o campo consiste em prestar atenção exclusivamente às tarefas deste mundo; ir para o negócio consiste em procurar avidamente o próprio

lucro nos negócios deste mundo. Um e outro esquecem o mistério da encarnação, não conformando a sua vida com ele. [...] Mais grave ainda é o caso daqueles que, não se contentando em desprezar os favores Daquele que os chama, ainda O perseguem. [...] Mas o Senhor não ficará com lugares vazios no festim das núpcias do Rei Seu Filho. Manda procurar outros convivas, porque a Palavra de Deus, permanecendo embora ainda ignorada por muitos, encontrará um dia onde repousar. [...]

Mas vós, irmãos, que pela graça de Deus já entrastes na sala do festim, isto é, na Santa Igreja, examinai-vos atentamente, não vá acontecer que, ao entrar, o Rei encontre algum reparo a fazer na veste da vossa alma.

«Ide também para a minha vinha»

Homilia XIX sobre os Evangelhos (Homilia in Evangelia,
Lib. I, Hom. XIX).

O Reino dos céus é comparado a um pai de família que contrata trabalhadores para cultivar a sua vinha. Quem, senão o nosso Criador, merecerá com justiça ser comparado a tal pai de família? Ele governa aqueles que criou e possui neste mundo os seus eleitos como dono soberano. Essa vinha é a Igreja, que produziu, por assim dizer, tantos ramos quanto santos, desde Abel, o justo, até ao último eleito que nascerá no fim do mundo.

Este Pai de família não cessa de contratar trabalhadores: ao nascer do dia, à terceira, à sexta, à nona e à décima primeira hora. Assim, desde o princípio até ao fim do

mundo, Ele envia pregadores para instruir o seu povo. O nascer do dia corresponde ao tempo de Adão a Noé; a terceira hora, de Noé a Abraão; a sexta, de Abraão a Moisés; a nona, de Moisés até à vinda do Senhor; e a décima primeira, da vinda do Senhor até ao fim do mundo.

Mas podemos também repartir estas horas do dia pelas idades da vida de cada homem. A madrugada é a infância da inteligência; a terceira hora, a adolescência, quando os ardores da juventude começam a crescer; a sexta hora, a maturidade, quando o homem está na plenitude da sua força; a nona hora, a velhice, quando o vigor começa a declinar; e a décima primeira hora, a velhice avançada.

Dado que uns são conduzidos a uma vida honesta logo na infância, outros na adolescência, outros na idade madura, alguns na velhice e outros ainda em idade muito avançada, é como se fossem chamados para a vinha em diferentes horas do dia.

Examinai bem, irmãos, a vossa vida, e vede se começastes a agir como trabalhadores de Deus. Quem negligenciou viver para Ele até a última idade é como o que permaneceu ocioso até à décima primeira hora. Mas o Senhor ainda lhe diz: «Porque ficais aqui o dia inteiro sem trabalhar?» É como se dissesse claramente: *Se não quisesstes viver para Deus durante a juventude e a idade madura, arrependei-vos ao menos na velhice. Ainda assim vinde para os caminhos da vida.*

Não foi à décima primeira hora que veio o bom ladrão? Não por causa da idade avançada, mas pelo suplício que sofria, chegou ao ocaso da vida. Confessou a Cristo na cruz e deu o último suspiro quase no mesmo instante em que o Senhor

pronunciava a sentença. E o Senhor do Reino, que antes de Pedro admitiu o bom ladrão nas delícias do Paraíso, distribuiu bem o salário, começando pelo último.

Assim, o Senhor não cessa, em tempo algum, de enviar trabalhadores à sua vinha: patriarcas, doutores da Lei, profetas e, por fim, apóstolos. Todos aqueles que, a uma fé firme, acrescentaram boas obras, foram trabalhadores dessa vinha.

«Vê. A tua fé te salvou»

Homilias sobre os Evangelhos, n.º 2, 7

Consideremos que o Senhor diz ao cego que se aproxima: «Que queres que te faça?». Desconhecia Aquele que detinha o poder de dar a vista o que queria o cego? O que o Senhor pretende é tão só que Lhe peçamos as coisas, se bem que saiba de antemão que as pediremos e que Ele no-las concederá. Exorta-nos a rezar por elas até ao enfado aquele que, no entanto, nos diz: «O vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós Lhe pedirdes» (Mt 6, 8). Se, portanto, nos pergunta, é para que Lhe peçamos; se interroga, é para levar o nosso coração a rezar. [...]

Aquilo que o cego pede ao Senhor não é ouro, mas luz. Ele não quer saber de pedir outra coisa senão luz. [...] Imitemos este homem, irmãos caríssimos [...]. Não peçamos ao Senhor nem enganadoras riquezas, nem presentes terrenos, nem honras passageiras, mas luz; não a luz circunscrita pelo espaço e limitada pelo tempo, interrompida pela noite e que partilhamos com os animais, mas a luz que só

os anjos dividem conosco e que não tem começo nem fim. O caminho para chegar a essa luz é a fé. E é com toda a razão que o Senhor diz ao cego a quem de imediato vai dar a luz: «Vê! A tua fé te salvou».

«No meio de vós está Quem vós não conheceis. É Aquele que vem depois de mim»

Catequeses sobre o Evangelho, nº 7

«Eu batizo com água, mas no meio de vós está Quem vós não conheceis.» Não é no Espírito, mas em água que João batiza. Incapaz de perdoar os pecados, ele lava pela água o corpo dos batizados, mas não lava o espírito pelo perdão. Então porque é que ele batiza, se não perdoa os pecados pelo seu batismo? Por que, a não ser para permanecer no seu papel de precursor? Tal como, nascendo, precedeu o Senhor que ia nascer, assim também, batizando, precede o Senhor que ia batizar. Precursor de Cristo pela sua pregação, ele o foi também dando um batismo que era uma imagem do sacramento que estava para vir.

João anunciou um mistério quando declarou que Cristo estava no meio dos homens e que eles não O conheciam, pois o Senhor, quando Se revelou na carne, era ao mesmo tempo visível no Seu corpo e invisível na Sua majestade. E João acrescenta: «O que vem depois de mim passou à minha frente» (Jo 1,15) [...]; e explica as causas da superioridade de Cristo quando precisa: «Porque existia antes de mim», como que para dizer claramente: «Se é superior a mim, tendo nascido depois de mim, é porque o tempo do Seu

nascimento não o restringe dentro dos seus limites. Nascido de uma mãe no tempo, foi gerado pelo Pai fora do tempo.»

João manifesta o humilde respeito que Lhe deve, prosseguindo: «Não sou digno de desatar as correias das Suas sandálias.» Era costume entre os antigos que, se alguém se recusasse a desposar uma jovem que lhe estava prometida, desatasse a sandália do que viesse a ser seu marido. Ora Cristo manifestou-Se como Esposo da Santa Igreja. [...] Mas porque os homens pensavam que João era o Cristo – coisa que o próprio João negou –, ele declara-se indigno de desatar a correia da Sua sandália. É como se dissesse claramente [...]: «Eu não adoto incorretamente o nome de esposo» (cf Jo 3,29).

«Quarenta dias para crescer no amor de Deus e do próximo»

Homilias sobre os evangelhos, nº 16, 5

Iniciamos hoje os santos quarenta dias da quaresma, e convém-nos examinar atentamente por que razão esta abstinência é observada durante quarenta dias. Moisés, para receber a Lei pela segunda vez, jejuou quarenta dias (Ex 34,28). Elias, no deserto, absteve-se de comer durante quarenta dias (1Rs 19,8). O Criador dos homens, ao vir para o meio dos homens, não tomou qualquer alimento durante quarenta dias (Mt 4,2). Esforcemo-nos também nós, tanto quanto nos for possível, por refrear o nosso corpo pela abstinência neste tempo anual dos santos quarenta dias [...], a fim de nos tornarmos, segundo a palavra de Paulo, «uma hóstia viva» (Rom 12,1). O homem é, ao mesmo tempo, uma oferenda viva

e imolada (cf Ap 5,6) quando, sem deixar esta vida, faz morrer nele os desejos deste mundo.

Foi a satisfação da carne que nos levou ao pecado (Gn 3,6); que a carne mortificada nos leve ao perdão. O autor da nossa morte, Adão, transgrediu os preceitos de vida comendo o fruto proibido da árvore. É, por conseguinte necessário que nós, que fomos privados das alegrias do Paraíso pelo alimento, nos esforcemos por reconquistá-las pela abstinência.

Mas ninguém suponha que esta abstinência é suficiente. O Senhor disse pela boca do profeta: «O jejum que Eu aprecio é este, [...] repartir o teu pão com o esfomeado, dar abrigo aos infelizes sem asilo, vestir o nu, e não desprezar o teu irmão» (Is 58,6-7). Eis o jejum que Deus aprova [...]: um jejum realizado no amor ao próximo e impregnado de bondade. Prodigaliza, pois aos outros daquilo que retiras a ti próprio; assim, a tua penitência corporal permitir-te-á cuidar do bem-estar físico do teu próximo em necessidade.

«O Espírito Santo [...] vos ensinará tudo, e há-de recordar-vos tudo o que eu vos disse.»

Homilias sobre os Evangelhos, nº 30, 3.5

O Senhor promete justamente que o Espírito «há de recordar-vos tudo o que Eu vos disse.» Porque, se este Espírito não tocar o coração dos que escutam, vã é a palavra dos que ensinam. Portanto, que ninguém atribua àquele que ensina o que a boca do professor lhe fez compreender: se não

houver Alguém que nos ensine por dentro, a língua do que ensina trabalha no vazio.

Vós todos os que aqui estais, escutais a minha voz da mesma maneira; e, no entanto, não entendeis da mesma maneira o que escutais. [...] Quer dizer que a voz não instrui, se a alma não receber a unção do Espírito. A palavra do pregador é vã se não for capaz de acender o fogo do amor nos corações. Os discípulos que diziam: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» (Lc 24,32) tinham recebido esse fogo da própria boca da Verdade. Quando se ouvem tais palavras, o coração abrasa-se, o torpor frio abandona-o, o espírito já não consegue encontrar repouso e dá por si a desejar os bens do Reino dos céus. O amor verdadeiro que o preenche arranca-lhe lágrimas. [...] Como fica feliz por escutar esse ensinamento que vem do alto e esses mandamentos que, em nós, se transformam numa tocha que nos inflama [...] de amor interior. A palavra chega ao nosso ouvido e o nosso espírito, transformado, consome-se numa doce chama interior.

«Bebereis o Meu cálice»

Homilias sobre os Evangelhos, nº 35

Uma vez que hoje celebramos a festa dum mártir, irmãos, devemos preocupar-nos com a forma de paciência praticada por ele. Com efeito, se com a ajuda do Senhor nos esforçarmos por manter essa virtude, obteremos sem dúvida a palma do martírio ainda que vivamos na paz da Igreja. Porque há dois tipos de martírio: o primeiro consiste numa

disposição do espírito; o segundo alia a essa disposição os atos da existência. Por isso, podemos ser mártires mesmo sem morrermos executados pelo gládio do carrasco. Morrer às mãos dos perseguidores é o martírio em ato, na sua forma visível; suportar as injúrias amando quem nos odeia é o martírio em espírito, na sua forma oculta.

Que haja dois tipos de martírio, um oculto, o outro público, a própria Verdade o comprova quando pergunta aos filhos de Zebedeu: «Podeis beber o cálice que Eu estou para beber?» E à sua asserção, «Podemos», o Senhor responde: «Na verdade, bebereis o Meu cálice.» Ora, que pode significar para nós este cálice senão os sofrimentos da Sua Paixão, da qual diz noutro lugar: «Meu Pai, se é possível, afaste-se de Mim este cálice» (Mt 26,39)? Os filhos de Zebedeu, Tiago e João, não morreram os dois mártires, mas foi a ambos que o Senhor disse que haviam de beber esse cálice. De fato, se bem que não viesse a morrer mártir, João acabou por sê-lo todavia, já que os sofrimentos que não sentiu no corpo os sentiu na alma. Devemos então concluir do seu exemplo que nós próprios podemos ser mártires sem passar pela espada se conservarmos a paciência da alma.

«Dou-lhes a vida eterna»

Homilias sobre o evangelho, nº 14 (trad. Breviário)

O Senhor diz: «As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz; Eu as conheço e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna.» Delas tinha dito um pouco antes: «Se alguém entrar por Mim, será salvo; poderá entrar e sair e encontrará pastagem» (Jo 19,

9). Entrará efetivamente, abrindo-se à fé; sairá passando da fé à visão e à contemplação, e encontrará pasto abundante no banquete eterno.

As Suas ovelhas, portanto, encontram pastagens, porque todo aquele que O segue na simplicidade de coração é nutrido com um alimento de eterna frescura. Que são afinal as pastagens destas ovelhas, senão as profundas alegrias de um paraíso sempre verdejante? O alimento dos eleitos é o rosto de Deus, sempre presente. Ao contemplá-lo sem interrupção a alma sacia-se eternamente com o alimento da vida.

Procuremos, pois, irmãos caríssimos, alcançar estas pastagens, onde poderemos alegrar-nos na companhia dos cidadãos do céu. A alegria festiva dos bem-aventurados nos estimule. Reanimemos o nosso espírito, irmãos; afervore-se a nossa fé nas verdades em que acreditamos; inflame-se a nossa inspiração pelas coisas do céu. Amar assim já é caminhar. Nenhuma contrariedade nos afaste da alegria desta solenidade interior. Se alguém, com efeito, deseja atingir um lugar determinado, não há obstáculo no caminho que o demova do seu intento. Nenhuma prosperidade sedutora nos iluda. Insensato seria o viajante que, contemplando a beleza da paisagem, se esquecesse de continuar a sua viagem até ao fim.

«Ao romper do dia, Jesus apresentou-se na margem»

Que simboliza o mar, senão o mundo atual, batido pelas ondas tumultuosas das nossas ocupações e pelos turbilhões de uma vida caduca? E o que representa a margem firme, senão a perpetuidade do descanso eterno? Portanto, os discípulos afadigam-se no lago porque ainda estão presos nas ondas da vida mortal, mas o nosso Redentor, depois da Sua ressurreição, fica na margem, uma vez que já ultrapassou a condição da fragilidade da carne. É como se Ele tivesse querido servir-Se dessas coisas para falar aos Seus discípulos do mistério da Sua ressurreição, dizendo-lhes: «Já não vos apareço no mar (Mt 14,25), porque já não estou entre vós no meio da agitação das ondas.»

Foi no mesmo sentido que, noutro lugar, disse a esses mesmos discípulos após a ressurreição: «Disse-vos essas coisas quando ainda estava convosco» (Lc 24,44). Não lhes disse isto por já não estar com eles – pois o Seu corpo estava presente e aparecia-lhes –, mas [...] porque a Sua carne imortal Se distanciava muito dos seus corpos mortais: Ele dizia que já não estava com eles e, contudo, estava no meio deles. Na passagem que lemos hoje, diz-lhes a mesma coisa pela localização do Seu corpo: enquanto os discípulos ainda navegam, doravante Ele está firme na margem.

«Mulher, porque choras?»

Homilia 25

Maria torna-se testemunha da compaixão de Deus, [...] aquela Maria a quem um fariseu queria quebrar o arroubo de ternura: «Se este homem fosse profeta», exclamava ele,

«saberia quem é a mulher que Lhe toca e o que ela é: uma pecadora» (Lc 7,39). Mas as suas lágrimas apagaram-lhe as manchas do corpo e do coração; e ela precipitou-se a seguir os passos do seu Salvador, afastando-se dos caminhos do mal. Estava sentada aos pés de Jesus e escutava-O (Lc 10,39). Vivo, apertou-O nos braços; depois de morto, procurou-O, encontrando vivo Aquele que procurava morto. E encontrou nele tanta graça, que acabou por ser ela a levar a boa nova aos apóstolos, aos mensageiros de Deus! Que havemos de ver aqui, meus irmãos, senão a infinita ternura do nosso Criador que, para dar novo ânimo à nossa consciência, nos dá constantemente exemplos de pecadores arrependidos. Lanço os meus olhos sobre Pedro, olho para o ladrão, examino Zaqueu, considero Maria, e só vejo neles apelos à esperança e ao arrependimento. A vossa fé foi tocada pela dúvida? Pensai em Pedro, que chora amargamente a sua covardia. Estais ardendo em cólera contra o vosso próximo? Pensai no ladrão, que em plena agonia se arrepende e ganha a recompensa eterna. A avareza seca-vos o coração? Prejudicastes alguém? Vede Zaqueu, que devolve quatro vezes mais aquilo que tinha roubado. Por causa de uma paixão, perdestes a pureza da carne? Olhai para Maria, que purifica o amor da carne com o fogo do amor divino. Sim, Deus todo-poderoso oferece-nos constantemente exemplos e sinais da sua compaixão. Enchamo-nos, pois, de horror pelos nossos pecados, mesmo pelos mais antigos. Deus todo-poderoso esquece com facilidade que nós cometemos o mal e está pronto a olhar para o nosso arrependimento como se fosse a própria inocência. Nós que, depois das águas da salvação, tínhamos de novo nos manchado, renasçamos com as nossas lágrimas. [...] O nosso

Redentor consolará as vossas lágrimas com a sua alegria eterna.

«Não vos esqueçais da hospitalidade» (Hb 13,1)

Homilia 23; PL 76, 1182

Dois dos discípulos caminhavam juntos. Eles não acreditavam, e, no entanto, falavam sobre o Senhor. De repente Este apareceu-lhes, mas sob uns traços que não lhes permitiam reconhecê-Lo. [...] Convidam-no para partilhar da sua pousada, como é costume entre viajantes [...] Põem a mesa, apresentam os alimentos, e descobrem a Deus, que não tinham ainda reconhecido na explicação das Escrituras, na fração do pão. Não foi, portanto, ao escutarem os preceitos de Deus que foram iluminados, mas ao cumpri-los: «Não são os que ouvem a Lei que são justos diante de Deus, mas os que praticam a Lei é que serão justificados» (Rom 2,13). Se quisermos compreender o que ouvimos, apressemo-nos a pôr em prática o que conseguimos perceber. O Senhor não foi reconhecido enquanto falava; Ele dignou-Se manifestar-Se quando Lhe ofereceram de comer.

Ponhamos, pois, amor no exercício da hospitalidade, queridos irmãos; pratiquemos de coração a caridade. Diz Paulo sobre este assunto: «Que permaneça a caridade fraterna. Não vos esqueçais da hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos» (Hb 13,1; Gn 18,1ss). Também Pedro diz: «Exercei a hospitalidade uns para com os outros, sem queixas» (1Pe 4,9). E a própria Verdade nos declara: «Era peregrino e recolhestes-Me». [...] «Sempre que

fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25,35.40) [...] Apesar disto, somos tão preguiçosos diante da graça da hospitalidade! Avaliemos, irmãos, a grandeza desta virtude. Recebamos Cristo à nossa mesa, para que possamos ser recebidos no seu festim eterno. Demos agora a nossa hospitalidade a Cristo que no estrangeiro está, para que no dia do julgamento não sejamos como estrangeiros que Ele não sabe de onde vêm (Lc 13,25), mas sejamos irmãos que em seu Reino recebe.

«Nós deixámos tudo para Te seguir».

Homilia 5 sobre o Evangelho; PL 76, 1093

Ouvistes, meus irmãos, que Pedro e André abandonaram as redes para seguirem o Redentor ao primeiro apelo da sua voz (Mt 4,20). [...] Talvez algum de vós diga baixinho: «O que abandonaram aqueles dois pescadores para obedecer ao apelo do Senhor, eles que não tinham quase nada?» Nesta matéria, porém, temos de considerar mais as disposições do coração do que os bens que se possuem. Deixa muito aquele que nada retém para si; deixa muito aquele que abandona tudo, mesmo que esse tudo seja pouco. Nós, pelo contrário, conservamos com paixão aquilo que possuímos, e buscamos com o desejo aquilo que não temos. Sim, Pedro e André deixaram muito, pois um e outro abandonaram até o desejo de possuir. Abandonaram muito porque, renunciando aos seus bens, renunciaram também às suas ambições. Seguindo o Senhor, renunciaram a tudo o que poderiam ter desejado se O não tivessem seguido.

«Deles é o reino dos Céus.»

Homilia 14 sobre o Evangelho

Jesus disse no Evangelho: «As minhas ovelhas escutam a minha voz, Eu conheço-as, elas seguem-Me e Eu dou-lhes a vida eterna» (Jo 10,27). Um pouco antes, tinha dito: «Se alguém entrar por Mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem» (v. 9). Porque entra-se pela fé, mas sai-se da fé pela visão face a face; passando da crença à contemplação, encontraremos pastagens para o repouso eterno.

São, pois, as ovelhas do Senhor quem tem acesso às pastagens, porque aquele que sai na simplicidade de coração recebe em alimento uma erva sempre verde. E estas pastagens das ovelhas são as alegrias profundas de um paraíso sempre verdejante. A pastagem dos eleitos é o rosto de Deus presente, contemplado numa visão sem sombra; a alma sacia-se sem fim deste alimento de vida.

Nestas pastagens, os que escaparam à rede dos desejos deste mundo são cumulados eternamente. Ali, canta o coro dos anjos, ali são reunidos os habitantes dos céus. Ali, há uma festa alegre para os que regressam, depois dos seus trabalhos, de uma triste estadia no estrangeiro. Ali se encontram o coro dos profetas de olhos penetrantes, os doze apóstolos juizes, a armada vitoriosa dos inúmeros mártires, tanto mais felizes quanto foram aqui embaixo duramente afligidos. Nesse lugar, é recompensada a constância dos confessores da fé. Ali se encontram os homens fiéis a quem os prazeres deste mundo não puderam amolecer a força de alma, as santas mulheres que venceram toda a fragilidade ao mesmo tempo que a este

mundo; ali estão as crianças que pela sua maneira de viver se elevaram acima dos seus anos, os anciãos que a idade não pôde enfraquecer aqui embaixo e que não perderam a força para trabalhar. Irmãos bem-amados, ponhamo-nos em busca dessas pastagens, onde seremos felizes na companhia de tantos santos.

«Nenhum servo pode servir a dois senhores»

Escritos morais sobre Job, 34

Querer pôr a esperança e a confiança em bens passageiros é querer fazer fundações em água corrente. Tudo passa; Deus permanece. Agarrarmo-nos ao que é transitório é desligarmo-nos do que é permanente. Quem é o homem que, levado no turbilhão agitado de um rápido, consegue manter-se firme no seu lugar, no meio dessa torrente fragorosa? Se não quisermos ser levados pela corrente, temos de nos afastar de tudo o que corre; senão, o objeto do nosso amor constranger-nos-á a chegar ao que precisamente queremos evitar. Aquele que se agarra aos bens transitórios será certamente arrastado até onde vão ter essas coisas a que se apegam.

A primeira coisa a fazer é, pois, abstermo-nos de amar os bens materiais; a segunda, não pormos total confiança naqueles bens que nos são confiados para serem usados e não para serem desfrutados. A alma que se prende aos bens perecíveis cedo perde a sua estabilidade. O turbilhão da vida

atual arrasta quem nele se deixa ir, e é uma tonta ilusão aquele que é levado nesta corrente querer manter-se de pé.

«No meio de vós está Alguém que não conheceis: Aquele que vem depois de mim»

Catequeses sobre o Evangelho, n.º 7

«Eu batizo na água; mas no meio de vós está Alguém que não conheceis.» Não é no Espírito, mas na água que João batiza. Incapaz de perdoar os pecados, lava com água o corpo dos batizados, mas não lava o espírito pelo perdão. Então por que batiza ele, se não perdoa os pecados com o seu batismo? Por que, a não ser para permanecer no seu papel de precursor? Tal como, nascendo, precedeu o Senhor que ia nascer, assim também, batizando, precede o Senhor que ia batizar. Precursor de Cristo pela sua pregação, foi-o também dando um batismo que era uma imagem do sacramento que estava para vir. João anunciou um mistério quando declarou que Cristo estava no meio dos homens e que eles não O conheciam, pois o Senhor, quando Se revelou na carne, era ao mesmo tempo visível no seu corpo e invisível na sua majestade. E João acrescenta: «O que vem depois de mim passou à minha frente» (Jo 1,15) [...]; e explica as causas da superioridade de Cristo quando precisa: «Porque existia antes de mim», como que para dizer claramente: «Se é superior a mim, tendo nascido depois de mim, é porque o tempo do seu nascimento não O restringe dentro dos seus limites. Nascido de uma mãe no tempo, foi gerado pelo Pai fora do tempo.» João manifesta o humilde respeito que Lhe deve,

prosseguindo: «Não sou digno de desatar a correia das suas sandálias.» Era costume entre os antigos que, se alguém se recusasse a desposar uma jovem que lhe estava prometida, desatasse a sandália do que viesse a ser marido dela. Ora, Cristo manifestou-Se como Esposo da Santa Igreja. [...] Mas porque os homens pensavam que João era o Cristo – coisa que o próprio João negou –, ele declara-se indigno de desatar a correia da sua sandália. É como se dissesse claramente [...]: «Eu não adoto incorretamente o nome de esposo» (cf Jo 3,29).

São Barnabé, apóstolo que proclama que o Reino dos Céus está próximo

Homilias sobre o Evangelho, n.º 30; PL 76, 1220

«Como posso amar alguém que não conheço?» [...] Se não podemos ver a Deus, temos, no entanto, outros meios para erguer os olhos do nosso espírito até Ele. Se não nos é possível vê-l'O em pessoa, podemos, já aqui, vê-l'O nos seus servos. Ao observar como eles fazem maravilhas, ficamos certos de que Deus habita neles. [...] Nenhum de nós pode olhar diretamente para o sol, fixando-o no momento em que se levanta em todo o seu brilho, porque os nossos olhos, ao fixarem-se nos seus raios, ficam encadeados. Mas olhamos para as montanhas iluminadas pelo sol, e percebemos que ele se levantou. Do mesmo modo, dado que não podemos ver o Sol de justiça (Mal 3,20), olhemos para as montanhas que a sua claridade ilumina, isto é, os santos apóstolos, que brilham pelas suas virtudes, que resplandecem pelos seus milagres.

[...] Com efeito, a força de Deus em si mesma é o sol no céu; a força de Deus espalhada pelos homens é o sol na Terra [...].

A condição para não tropeçarmos no nosso caminho na Terra é amarmos a Deus e ao nosso próximo com todo o nosso coração (Mt 22,37ss) [...]. Foi por isso que o Espírito foi dado aos discípulos por duas vezes: primeiro, pelo Senhor que veio à Terra, depois pelo Senhor já no Céu (Jo 20,22; At 2,2). Foi-nos dado na Terra para amarmos o próximo; no Céu, para amarmos a Deus [...]. Compreendemos assim estas palavras de João: «Aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê» (1Jo 4,20). Assim, pois, meus irmãos, acarinhemos o nosso próximo, amemos quem está perto de nós, para sermos capazes de amar Aquele que está acima de nós [...] e de fruir, em Deus, de uma alegria perfeita com esse próximo.

«Ao vê-lo, encheu-se de paixão»

Exposição sobre os sete salmos da penitência, PL 79,
581

Ó Senhor Jesus, que tenhas a bondade de Te aproximar de mim, movido pela piedade, Tu que, descendo de Jerusalém para Jericó, caíste das alturas para o nosso fosso, de um lugar onde os seres estão cheios de vida para uma terra de doentes. Vê: eu caí nas mãos dos anjos das trevas, que não só me despiram as vestes da graça, mas, depois de me terem dado muitos golpes, me deixaram meio morto. Que cures as chagas dos meus pecados depois de me teres dado a esperança de recuperar a saúde, não vão elas piorar se eu vier a perder a

esperança na cura. Que queiras ungir-me com o óleo do teu perdão e verter sobre mim o vinho da compunção. Se me levasses na tua montada, então «erguerias o fraco da poeira» e «retirarias o pobre do lixo» (Sl 112,7).

É que Tu és Aquele que carregou os nossos pecados, Aquele que pagou por nós uma dívida que não contraía. Se me conduzisses ao abrigo da tua Igreja, dar-me-ias como alimento a refeição do teu corpo e do teu sangue. Se tomasses conta de mim, eu não voltaria a desobedecer às tuas ordens, não atrairia mais sobre mim a raiva das feras iradas. É que preciso muito dos teus cuidados, porquanto envergo esta carne sujeita ao pecado. Escuta-me, pois, a mim, o samaritano despojado e ferido, chorando e gemendo, chamando por Ti e gritando com David: «Tem piedade para mim, ó Deus, segundo a tua grande ternura».

«Ao romper da manhã, Jesus apresentou-Se na margem»

Homilias sobre o Evangelho, n.º 24

O mar simboliza o mundo atual, batido pelas ondas tumultuosas das nossas ocupações e pelos turbilhões de uma vida caduca. E a terra firme da margem representa a perpetuidade do descanso eterno. Os discípulos afadigam-se no lago porque ainda estão presos nas ondas da vida mortal, mas o nosso Redentor, depois da sua ressurreição, permanece na margem, uma vez que já ultrapassou a condição da fragilidade da carne. É como se Ele tivesse querido servir-Se dessas coisas para falar aos seus discípulos do mistério da sua

ressurreição, dizendo-lhes: «Já não vos apareço no mar (Mt 14,25), porque já não estou entre vós, no meio da agitação das ondas».

Foi no mesmo sentido que, noutro lugar, disse a esses mesmos discípulos após a ressurreição: «Disse-vos essas coisas quando ainda estava convosco» (Lc 24,44). Não lhes disse isto por já não estar com eles – pois o seu corpo estava presente e aparecia-lhes –, mas [...] porque a sua carne imortal se distanciava muito dos corpos mortais deles; Ele dizia que já não estava com os discípulos e, contudo, estava no meio deles. Na passagem que lemos hoje, diz-lhes a mesma coisa pela localização do seu corpo: enquanto os discípulos ainda navegam, Ele está em terra firme.

«Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada»

Homilias sobre os Evangelhos, n.º 30

«Meu Pai o amará; Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada». Considerai, irmãos muito amados, que festa não é receber a Deus na morada do nosso coração! Se um amigo rico e poderoso quisesse entrar em nossa casa, evidentemente, toda a casa seria limpa, para que nada pudesse chocar o seu olhar quando entrasse. Que aquele que prepara para Deus a morada da sua alma purifique tudo o que estiver sujo devido às suas más ações.

Notai bem o que diz a Verdade: «Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada». Porque Ele pode passar no

coração de alguns sem ficar lá a morar. Quando esses têm remorsos, veem claramente o olhar de Deus; mas, quando vem a tentação, esquecem o objeto do seu arrependimento anterior e caem de novo nos seus pecados, como se nunca os tivessem chorado. Pelo contrário, o Senhor vem morar no coração daquele que ama verdadeiramente a Deus e que observa os seus mandamentos, pois o amor de Deus preenche-o de tal modo que não se afasta desse amor no momento da tentação. Portanto, é esse, cuja alma não aceita ser dominada por um mau prazer, que ama verdadeiramente a Deus. [...] Daí esta afirmação: «Quem Me não ama não guarda a minha palavra». Examinai-vos cuidadosamente a vós próprios, irmãos muito amados; perguntai-vos se amais verdadeiramente a Deus. Mas não vos fieis na resposta do vosso coração sem a comparar com os vossos atos.

Que o amor nos atraia a segui-lo

Homilias sobre os Evangelhos, n.º 29

«O Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi elevado ao céu e sentou-Se à direita de Deus» (Mc 16,19). Partia assim para o lugar de onde era, regressava de um lugar onde continuava a permanecer; com efeito, no momento em que subia ao céu com a sua humanidade, unia pela sua divindade o Céu e a Terra. **O que temos de destacar na solenidade de hoje, irmãos bem-amados, é a supressão do decreto que nos condenava e do julgamento que nos votava à corrupção.** Na verdade, a natureza humana a quem se dirigem estas palavras: «Tu és terra e regressarás à terra» (Gn 3,19), essa natureza subiu hoje ao Céu com Cristo. É por isso, caríssimos irmãos,

que temos de segui-l'O com todo o nosso coração, até ao lugar onde sabemos pela fé que Ele subiu com o seu corpo. Fugamos dos desejos da Terra: que nenhum dos lugares cá de baixo nos entrave, a nós que temos um Pai nos céus.

Pensem também que aquele que subiu aos céus cheio de suavidade regressará com exigências. [...] Eis, meus irmãos, o que deve guiar a vossa ação; pensai nisso continuamente. **Mesmo que estejais presos na confusão dos assuntos deste mundo, lançai desde hoje a âncora da esperança para a pátria eterna** (Hb 6,19). Que a vossa alma procure apenas a verdadeira luz. Acabamos de ouvir que o Senhor subiu ao céu; pensem seriamente naquilo em que acreditamos. Apesar das fraquezas da natureza humana, que nos retém ainda cá embaixo, que o amor nos atraia a segui-lo, porque estamos certos de que aquele que nos inspirou este desejo, Jesus Cristo, não nos decepcionará na nossa esperança.

«Jesus, filho de David, tem piedade de mim»

Homilia n.º 12 sobre o Evangelho

É quando Jesus se aproxima de Jericó que o cego recupera a vista. Jericó significa «lua» e na Sagrada Escritura a lua é o símbolo da carne votada ao desaparecimento, pois em determinado momento do mês ela diminui, simbolizando o declínio da nossa condição humana, votada à morte. Mas, ao aproximar-se de Jericó, o nosso Criador faz com que o cego recupere a vista; ao tornar-Se próximo de nós pela carne, de que Se revestiu com a sua mortalidade, Ele torna a dar ao

gênero humano a luz que este tinha perdido. É porque Deus assume a nossa natureza que o homem acede à condição divina.

É a humanidade que está representada neste cego sentado na beira do caminho a mendigar, pois a Verdade diz de Si mesma: «Eu sou o caminho» (Jo 14,6). Aquele que não conhece o brilho da luz eterna é de fato cego, mas se começa a crer no Redentor então fica «sentado à beira do caminho». Se, embora crendo nele, não Lhe implora o dom da luz eterna, se se recusa a pedir-Lhe, será sempre um cego à beira do caminho; um cego que não pede. [...] Que todo o homem que reconhece as trevas que o tornam cego, que compreende que lhe falta a luz eterna, grite do fundo do seu coração, grite com toda a sua alma: «Jesus, filho de David, tem piedade de mim».

«João Batista, precursor de Cristo na morte como na vida»

Homilias sobre o Evangelho, n.º 6

Por que razão, quando é feito prisioneiro, João Batista envia os seus discípulos perguntar a Cristo: «És Tu Aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?», como se não soubesse quem era Aquele que lhes tinha apresentado? [...] Esta pergunta depressa encontra resposta se examinarmos o tempo e a ordem com que se desenrolaram os factos. Nas margens do Jordão, João afirma que Jesus é o Redentor do mundo (Jo 1,29); contudo, uma vez na prisão, pergunta se Ele é Aquele que havia de vir. Não é que duvide de que Jesus seja o Redentor do mundo, mas quer saber se Aquele que veio em

pessoa ao mundo vai também descer em pessoa às prisões da mansão dos mortos. Porque João também precederá nos infernos, com a sua morte, Aquele que anunciou ao mundo enquanto precursor. [...] É como se dissesse claramente: «Da mesma forma que Te dignaste nascer pelos homens, diz-nos se Te dignarás também morrer por eles, de tal forma que, tendo sido precursor do teu nascimento, eu o seja também da tua morte e possa anunciar na mansão dos mortos que Tu vais vir, tal como anunciei ao mundo que Tu tinhas vindo».

É por isso que a resposta do Senhor fala da humilhação da sua morte logo após ter enumerado os milagres operados pelo seu poder: «Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a boa nova é anunciada aos pobres. E bem-aventurado aquele que não encontrar em Mim motivo de escândalo». À vista de tantos sinais e de tão grandes prodígios, ninguém tinha razão para se escandalizar, antes para se admirar. Surgiu, contudo, uma grave ocasião de escândalo no espírito dos que não acreditaram quando O viram morrer, mesmo depois de tantos milagres. Donde a palavra de Paulo: «Pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios» (1Cor 1,23). [...] Portanto, quando o Senhor diz: «Bem-aventurado aquele que não encontrar em Mim motivo de escândalo», estará provavelmente a referir-se à abjeção e humilhação da sua morte. É como se dissesse abertamente: «É certo que faço coisas admiráveis, mas nem por isso Me recusarei a sofrer coisas ignominiosas. Uma vez que vou seguir João, morrendo, que os homens não desprezem em Mim a morte depois de terem venerado os milagres».

«E todos os que O tocavam ficavam curados»

Comentário ao salmo 50; PL 75,581

Coloquemos perante o nosso olhar interior um ferido grave, prestes a exalar o último suspiro. [...] A ferida da alma é o pecado, ao qual as Escrituras se referem nestes termos: «Tudo são feridas, contusões, chagas vivas, não curadas, nem ligadas, nem suavizadas com óleo» (Is 1,6). Tu, que estás ferido, coloca-te diante do Médico que tens dentro de ti e mostra-Lhe as chagas dos teus pecados. Que Ele ouça os gemidos do teu coração, Ele que conhece os pensamentos mais secretos; que as tuas lágrimas O comovam.

Vai a ponto de seres um pouco impertinente na tua súplica (cf. Lc 11,8): do fundo do teu coração, envia-Lhe sem cessar suspiros profundos.

Que a tua dor chegue até Ele, para que também a ti te diga: «O Senhor perdoou-te o teu pecado» (2Sam 12,13). Grita com David: «Tende piedade de mim, Senhor [...], pela vossa grande misericórdia» (Sl 50,3), que é como quem diz: «Corro grande perigo por causa deste meu ferimento, que nenhum médico pode curar, a não ser o Médico todo-poderoso», para o qual nada é incurável; pois Ele cura gratuitamente, e devolve a saúde com uma palavra. Eu desesperaria do meu mal se não confiasse no Omnipotente.

«Começou a enviá-los dois a dois»

Homilias sobre o Evangelho

O nosso Senhor e Salvador, irmãos caríssimos, instrui-nos pelas suas palavras e pelas suas ações. As suas ações são, já por si, mandamentos porque, quando faz alguma coisa, mesmo sem nada dizer, Ele mostra-nos como devemos agir. Eis, pois, que envia os seus discípulos a pregar dois a dois, porque os mandamentos da caridade são dois: o amor a Deus e o amor ao próximo. O Senhor envia os seus discípulos a pregar dois a dois para nos sugerir, sem o dizer, que quem não tem caridade pelos outros não deve empreender o ministério da pregação.

O Senhor envia-os «dois a dois à sua frente a todas as aldeias e localidades a que Ele mesmo deveria ir» (Lc 10,1). Ele virá depois, porque a pregação é um preâmbulo: o Senhor vem habitar a nossa alma depois de as palavras de exortação a terem preparado para acolher a verdade. É por isso que Isaías diz aos pregadores: «Preparai o caminho do Senhor, aplanai as veredas para o nosso Deus» (40,3); e o salmista: «Abri caminho para Aquele que Se eleva ao pôr do sol» (Sl 67,5 vulg). O Senhor ergue-Se ao pôr do sol porque, tendo-Se deitado por ocasião da sua Paixão, manifestou-Se com maior glória na sua ressurreição; ressuscitando, esmagou aos pés a morte que tinha sofrido. Assim, pois, abrimos caminho Àquele que Se eleva ao pôr do sol quando vos pregamos a sua glória para que, vindo a seguir, Ele vos ilumine pela presença do seu amor.

«Sabei que está próximo o Reino de Deus»

Homilias sobre os evangelhos, n.º 1

«Olhai a figueira e as outras árvores: quando vedes que já têm rebentos, sabeis que o verão está próximo. Assim também, quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que está próximo o Reino de Deus». É como se o nosso Redentor dissesse claramente: se sabeis que o verão está a chegar ao ver os frutos nas árvores, também podeis reconhecer, pela ruína do mundo, que o Reino de Deus está próximo. Estas palavras mostram-nos que o fruto do mundo é a sua ruína; só cresce para depois cair; não brota senão para fazer perecer com calamidades tudo o que nele desponta. É por isso que o Reino de Deus é comparado com o verão, pois nessa altura as nuvens da nossa tristeza passarão e os dias da vida brilharão com a claridade do Sol eterno. [...]

«Passará o céu e a Terra, mas as minhas palavras não passarão». Na natureza das coisas materiais, não há nada mais duradouro que o céu e a Terra; e aqui na Terra não há nada que passe mais depressa que uma palavra pronunciada. [...] Assim, quando o Senhor declara: «Passará o céu e a Terra, mas as minhas palavras não passarão», é como se dissesse claramente: face à eternidade, tudo o que é duradouro à vossa volta é perecedouro; e tudo o que em Mim parece passar é na verdade fixo, e não passa, pois, a minha palavra que passa exprime pensamentos que permanecem imutáveis. [...]

Assim, pois, meus irmãos, não ameis este mundo, que não pode durar muito tempo, como vedes. Fixai no vosso espírito este mandamento que o apóstolo João nos dá para nos alertar: «Não ameis o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele» (1Jo 2,15).

«Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas»

Homilias sobre o Evangelho, n.º 20

É evidente para qualquer leitor que João não se limitou a pregar, mas também conferiu um batismo de penitência. Não pôde, no entanto, conferir um batismo que remisse os pecados, pois a remissão dos pecados só nos é dada no batismo em Cristo. Por isso, o evangelista diz que ele «pregava um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados» (Lc 3,3); não podendo conferir um batismo que perdoasse os pecados, anunciava esse, que ainda estava por vir. Tal como as suas palavras de pregação eram precursoras da Palavra do Pai feita carne, assim o seu batismo [...] precedia o do Senhor, como sombra da verdade (cf Col 2,17).

Este mesmo João, interrogado sobre quem era, respondeu: «Eu sou a voz daquele que brada no deserto» (Jo 1,23; cf Is 40,3). O profeta Isaías chamara-lhe «voz», pois ele precedia a Palavra. E o que bradava ele? «Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas». O que faz aquele que prega a fé verdadeira e as boas obras? Prepara a estrada nos corações dos ouvintes para o Senhor que vem. Possa a graça *omnipotente* penetrar nestes corações, iluminando-os com a luz da verdade [...].

Acrescenta São Lucas: «Os vales serão levantados, as montanhas e colinas abatidas». Que designam aqui os vales, senão os humildes, e os montes e as colinas, senão os orgulhosos? Com a vinda do Redentor, segundo a sua própria palavra, «quem se exalta será humilhado e quem se humilha

será exaltado» (Lc 14,11). Pela fé no mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo feito homem (1Tim 2,5), os que nele creem receberam a plenitude da graça, enquanto os que se recusam a crer foram humilhados no seu orgulho. Todos os vales serão levantados porque os corações humildes, ao acolherem a palavra da santa doutrina, serão cumulados pela graça das virtudes, segundo o que está escrito: «Das fontes fez jorrar rios, que serpenteiam nos vales» (Sl 104,10).

«Reconhece, ó cristão, a tua dignidade!»

1º Sermão para o Natal, 2-3; SC 22bis

Irmãos bem-amados, hoje o Verbo de Deus, Deus, Filho de Deus, que no início estava com Deus, por quem tudo foi feito e sem quem nada se fez (cf Jo 1:3), para libertar o homem da morte eterna, tornou-Se homem. Para revestir a nossa humildade sem que a sua majestade ficasse diminuída, abaixou-Se de tal forma que, permanecendo o que era e assumindo o que não era, uniu a verdadeira natureza do servo àquela em que era igual a Deus Pai. Caríssimos irmãos, demos graças a Deus Pai, por meio de seu Filho, no Espírito Santo, porque, na sua infinita misericórdia nos amou e teve piedade de nós: «Estando nós mortos pelo pecado, fez-nos viver com Cristo» (Ef 2:5), para que fôssemos nele uma nova criatura, uma nova obra das suas mãos.

«Deponhamos, portanto, o homem velho com suas más ações» (Col 3:9) e, já que fomos admitidos a participar do nascimento de Cristo, renunciemos às obras da carne. Reconhece, ó cristão, a tua dignidade. Uma vez constituído

participante da natureza divina, não penses em voltar às antigas misérias com um comportamento indigno da tua geração. Lembra-te de que cabeça e de que corpo és membro. Não esqueças que foste libertado do poder das trevas e transferido para a luz do reino de Deus (cf Col 1:13). Pelo sacramento do batismo, foste transformado em templo do Espírito Santo. Não queiras expulsar com as tuas más ações tão digno hóspede, nem voltar a submeter-te à escravidão do demônio. O preço do teu resgate é o sangue de Cristo e Ele, que te resgatou na sua misericórdia, te julgará na sua verdade.

«Virado pela graça!»

Livro IX, SC 212

Não me desagrade seguir o exemplo de Paulo: munido das cartas que tinha pedido para ir contra Cristo, dirigia-se a Damasco quando, subitamente, a graça do Espírito Santo o inundou pelo caminho; perdendo a sua crueza, Paulo muda e eis que se oferece, por Cristo, aos golpes que vinha trazer aos cristãos. Aquele que ontem, vivendo segundo a carne, se empenhava em levar a morte aos santos do Senhor tem hoje prazer em imolar a vida da sua própria carne para salvar a vida desses mesmos santos. As frias maquinações da sua crueza transformam-se em caridade ardente e aquele que blasfemava e perseguia descobriu uma humildade e uma piedade de pregador; aquele que tinha por ganho sem igual matar a Cristo nos seus discípulos considera agora que a sua vida é Cristo e o seu lucro, morrer por Ele.

Assim, a água foi libertada e a terra foi refeita (cf Jó 12,15), porque, mal acolheu a graça do Espírito Santo, a alma de Paulo transformou-se, abandonando a sua condição de ser imóvel e cruel. Em sentido contrário, o Senhor exprime as suas queixas contra Efraim pela boca do profeta: «Efraim tornou-se um pão cozido sobre as cinzas que não foi virado» (Os 7,8). O pão cozido sobre as cinzas fica com uma camada de cinzas por cima, e fica tanto mais sujo quanto maior é o peso das cinzas. E que peso tem sobre si uma alma que só pensa nas coisas deste mundo? Talvez uma massa de cinzas. Mas, se essa alma quiser ser virada, a face pura que tinha voltada para baixo fica voltada para cima, uma vez sacudidas as cinzas que a cobriam.

«O nosso Redentor foi um desconhecido!»

Livro XIV

«Sou um desconhecido aos seus olhos» (Jb 19,15). Não ser conhecido na sinagoga era, para o nosso Redentor, estar em sua casa como quem está de passagem. É o que atesta o Profeta com aquelas palavras: «Porque te comportas nesta terra como um estrangeiro, como um viajante que apenas para a pedir dormida?» (Jr 14,8).

Visto que Ele não foi escutado como Senhor, não foi tido como proprietário da terra, mas como jornaleiro. E, como um viajante, parou apenas para pedir dormida: não levou para a Judeia senão alguns homens e foi por causa da vocação dos gentios que fez essa viagem.

Portanto, Ele foi, a seus olhos, alguém que está de passagem, visto que, pensando apenas naquilo que conseguiam ver, eles foram incapazes de discernir no Senhor o que não lhes era possível ver. E, desprezando a sua carne visível, não alcançaram a sua invisível majestade. É razão para dizer: «Sou um desconhecido aos seus olhos».

«Constatando a sua humanidade, desdenhavam de acreditar no Criador!»

Livro XIV, SC 212

«Até os loucos me desprezam» (Jó 19,18 Vulg). Os sábios não tinham fé na verdade, mas podemos dizer que o mesmo acontecia aos loucos, uma vez que, constatando que fariseus e doutores da Lei desprezavam o Senhor, a multidão os seguia nessa incredulidade: vendo nele o homem, desprezava as lições do Redentor do mundo.

Com efeito, o termo «loucos» designa por vezes os pobres do povo. [...] Ora, o nosso Redentor ignorou os sábios e os ricos deste mundo, pois vinha ao encontro dos pobres e dos loucos. Apesar disso, observa nesta altura, como que para fazer crescer a sua dor: «Até os loucos me desprezam»; ou seja, fui desprezado por aqueles mesmo que queria sarar, assumindo a loucura da minha pregação. Com efeito, a Escritura declara: «Já que o mundo, com a sua sabedoria, não reconheceu a Deus na sabedoria divina, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação» (1Cor 1,21). Pois o Verbo é a sabedoria de Deus e aquilo a que, nesta sabedoria, se chama loucura é a carne do Verbo: vendo a incapacidade

dos homens carnaís para alcançarem a sabedoria de Deus por meio da prudência da carne, Ele quis sará-los pela loucura da sua pregação, ou seja, pela carne do Verbo. Por isso, declara: «Até os loucos me desprezam». Era o mesmo que dizer abertamente: sou desprezado por aqueles mesmos que quis salvar sem receio de passar por louco.

Na verdade, o povo dos judeus, observando os milagres do nosso Redentor, honrava-O perante estes sinais, dizendo: «Eis o Cristo»; porém, constatando a fraqueza da sua humanidade, desdenhava de acreditar no seu Criador e dizia: «É que Ele seduz as multidões» (Jo 7,12). Bem podia Ele, pois, acrescentar: «E, quando me afastava deles, insultavam-me» (Jó 19,18 Vulg).

«A árvore mantém a esperança» (Job 14, 7)

Livro XII, SC 212

«A árvore mantém a esperança; depois de cortada, voltará a reverdecer e os seus ramos despontarão» (Jó 14,7-10). [...] Na Sagrada Escritura, a árvore simboliza a cruz, mas também o homem, quer o justo quer o injusto, e ainda a sabedoria de Deus encarnada.

Com efeito, é à cruz que o profeta se refere quando diz: «Destruamos a árvore no seu vigor» (Jer 11,19), referindo-se ao corpo do Senhor. A palavra «árvore» também evoca o homem, quer o justo quer o injusto, quando o Senhor afirma pela boca do profeta: «Sou Eu, o Senhor, que humilho a árvore elevada e elevo a árvore humilhada» (Ez 17,24), porque as suas palavras são conformes à palavra da Verdade: «Quem se elevar será

humilhado e quem se humilhar será elevado» (Lc 14,11). [...] A árvore é ainda imagem de Deus encarnado, sobre quem a Escritura diz: «É uma árvore de vida para quantos a alcançam» (Pro 3,18), e que diz de Si próprio: «Se assim é tratada a madeira verde, o que se fará ao lenho seco» (Lc 23,31). [...]

«A árvore mantém a esperança; depois de cortada, voltará a reverdecer». Quando, na sua Paixão, o Justo é atingido de morte por causa da verdade, recupera a vida na frescura verde da vida eterna. E aquele que, neste mundo, encontrava a sua força na fé, encontra a sua força no alto, na visão beatífica: «e os seus ramos despontarão»; porque acontece muitas vezes que, diante da Paixão do Justo, os fiéis se multiplicam num impulso de amor pela pátria celeste, experimentando a frescura verde da vida espiritual na alegria de o terem visto agir neste mundo com tal força de alma, para glória de Deus.

«Ser levado para a vida eterna»

Livro XII, SC 212

«Tu o fortaleceste durante algum tempo para o lebares para a vida eterna» (Jó 14,20 Vulg). Fortalecido durante algum tempo, o homem recebeu, durante esse tempo, a força de viver neste mundo de maneira a ser levado para uma vida eterna onde nenhum limite porá termo à sua vida. Mas, neste breve período em que foi fortalecido, pôs-se em condições de encontrar na eternidade uma vida sem fim ou suplícios que sofrerá sem deles escapar.

E foi por ter sido fortalecido durante algum tempo que Jó acrescenta estas palavras: «Tu o desfigurás e o afastas». O homem é desfigurado quando a sua beleza é destruída pela morte e é afastado quando é forçado a deixar os bens que adquiriu voluntariamente e a passar para a eternidade; ele ignora o que acontecerá aos bens que adquiriu com tanto esforço enquanto vivia neste mundo.

Daí que Jó prossiga: «Os seus filhos serão homenageados? Serão desprezados? Não o sabe» (Jó 14,21 Vulg). Com efeito, se os vivos ignoram onde se encontram as almas dos mortos, tampouco os mortos sabem como está ordenada a vida na carne dos que lhes sobrevivem, pois a vida do espírito está muito afastada da vida da carne. E, se a natureza do corpóreo e do incorpóreo se opõem, também o seu conhecimento é distinto. Mas tal distinção não se aplica às almas santas, que veem em si mesmas o esplendor radiante de Deus onipotente: não é de crer que ignorem a existência que há fora delas.

«A água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente que jorra para a vida eterna»

«O poço de água viva»

Quando a Sagrada Escritura nos instrui sobre a realidade vivificante, quando nos fala através de profecias que emanam de Deus: «Eles abandonaram-Me, a Mim, fonte de água viva» (Jer 2,13), ou das palavras do Senhor à samaritana: «Se conhecesses o dom de Deus e quem é Aquele que te diz: “Dá-Me de beber”, tu é que Lhe pedirias e Ele te daria água

viva», ou ainda: «Se alguém tem sede, venha a Mim e beba», porque: «“Daquele que crê brotarão rios de água viva“. Dizia isto do Espírito que haveriam de receber os que nele cressem» (Jo 7,37.39) -- a natureza divina é sempre designada como água viva.

O testemunho verdadeiro do Verbo atesta que a Esposa do Cântico dos Cânticos (cf Cant 4,15) é um poço de água viva, cuja corrente desce do Líbano. Haverá coisa mais paradoxal? Com efeito, todos os poços contêm uma água dormente; só a Esposa contém uma água que corre, tendo por isso, ao mesmo tempo, a profundidade do poço e a mobilidade do rio. Quem poderá exprimir convenientemente as maravilhas contidas nesta comparação! Não é possível elevá-la mais alto, porque ela se assemelha em tudo à beleza arquetípica, imitando na perfeição o brilho pelo seu brilho, a vida pela sua vida, a água pela sua água.

O Verbo de Deus é vivo, e viva é também a alma que recebeu o Verbo. Esta água decorre de Deus, como diz a Fonte: «Saí de Deus e dele venho». E contém aquilo que flui no poço da alma, sendo por isso o reservatório desta água viva que corre, ou melhor, que brota do Líbano (cf Cant 4,15).

«Trazei depressa a melhor túnica»

«Livro XII, SC 212»

«O homem, ao morrer, acaba. O mortal expira e onde está ele?» (Jó 14,10).

Haverá algum homem que não tenha pecado. Há um só, aquele que veio a este mundo sem nascer do pecado. E, como estamos todos acorrentados no pecado, todos morremos da própria perda da justiça, despojados da veste da inocência que nos tinha sido concedida no Paraíso e consumidos pela morte da carne que é sua consequência. [...]

É esta nudez de seu filho pecador que o pai quer cobrir ao vê-lo regressar, dizendo: «Trazei depressa a melhor túnica». Sim, a melhor túnica, que é a veste da inocência que o homem recebeu no dia da sua criação para sua felicidade e que, para sua miséria, seduzido pela serpente, perdeu. Contra esta nudez, diz também a Escritura: «Feliz daquele que estiver vigilante e vestido com as suas roupas; deste modo, não andarás nu» (Ap 16, 15). Mantemos a nossa veste quando conservamos no espírito os preceitos da inocência; mas, se alguma falta nos obriga a comparecer diante do juiz, recuperamos a inocência perdida e a penitência devolve-nos a nossa veste.

«Compreenderam que tinha dito para eles a parábola»

Livro XIII, SC 212

A Santa Igreja sabe manter o vigor da sua disciplina, temperando-a com suavidade: ora não poupando os maus, parecendo poupá-los, ora, pelo contrário, poupando-os, parecendo não os poupar. Mas demonstramo-lo melhor expondo o que acontece de ordinário.

Proponhamos então aos olhares da nossa alma dois espíritos desviados vivendo no seio da Igreja: de um lado, um poderoso, um rebelde, e do outro um homem manso, um subalterno. Quando neste homem manso, neste subalterno, caminha surdamente um pecado, o pregador está lá para admoestar, atacar, acusar este pecado e, acusando o pecador, libertá-lo do pecado e restabelecê-lo no caminho da retidão. [...]

Por outro lado, apercebemo-nos de que o poderoso, o rebelde, cometeu uma falta: procuramos a melhor hora da admoestação pelo mal que ele cometeu. Porque, se o pregador não sabe esperar a hora oportuna para apontar a falta, faz crescer no outro o mal que desejava atacar.

Acontece muitas vezes, com efeito, que um homem assim não sabe escutar a mais pequena palavra de admoestação. Diante da sua falta, o dever do pregador será, pois, apresentar aos que o escutam, entre as admoestações para a salvação de todos, faltas parecidas com as do homem que está ali à sua beira e que ainda não consegue acolher uma crítica estritamente pessoal, não vá ele tornar-se ainda pior. Que a inventiva lançada contra a falta se mantenha genérica, a palavra de acusação seja introduzida na sua alma sem a ferir, porque este poderoso, este espírito desviado, não percebe que ela é dirigida particularmente a ele. Que lhe fez então pregador? Poupando-o, não o poupou, não lançou palavras de culpabilização contra a sua pessoa, e, no entanto, pela sua admoestação genérica, tocou na chaga.

«A armadilha do orgulho»

Livro XII, SC 212

«Vou esclarecer-te, escuta-me; vou narrar-te o que vi» (Job 15,17). O que é próprio do arrogante é nunca ter um sentimento de retidão, por pequeno que seja, que não o ponha ao serviço do orgulho; é não se elevar com a sua inteligência acima de si próprio senão para cair, inchado de vaidade, na armadilha do orgulho; é julgar-se mais sábio que os sábios; é reivindicar o respeito de quem vale mais do que ele; é pretender ensinar, com ar de autoridade, os que são mais santos que ele. Daí aquela frase: «Vou esclarecer-te, escuta-me». [...]

Depois da afirmação: «O ímpio é orgulhoso em todos os seus dias» (Jó 15,20), Jó comenta: «e o número dos dias da sua tirania é incerto». de fato, por que te orgulhas com esta ou aquela certeza quando a pena da incerteza é o destino da condição humana? Mas aos homens de vida depravada, Deus onnipotente não reserva apenas os suplícios da vida futura; já neste mundo lhes enche o coração de penas quando fraquejam, pois, ao pecar são eles próprios que mais sofrem, sempre temerosos, sempre desafiadores, receando que os outros lhes inflijam aquilo que se recordam de lhes ter feito.

«O que vos digo às escuras, dizei-o à luz do dia»

Livro XI, SC 212

«Ele retira às profundezas o seu véu de trevas e traz à luz a sombra da morte» (Jó 12,22). O que faz o crente quando compreende o sentido misterioso das palavras obscuras dos profetas? Não está a retirar às profundezas o seu véu de trevas? É por isso que, dirigindo-Se aos seus discípulos, a Verdade ordena: «O que vos digo às escuras, dissei-o à luz do dia».

Com efeito, quando os nossos comentários desfazem os misteriosos nós das alegorias, dizemos à luz aquilo que ouvimos nas trevas. Ora, a sombra da morte era a dureza da Lei, que prescrevia a todo o pecador a punição da morte física. Mas, quando o nosso Redentor temperou a aspereza das prescrições da Lei com a sua mansidão, quando estabeleceu que a sanção da falta não era a morte do corpo e revelou quão temível era a morte da alma, trouxe manifestamente à luz a sombra da morte. Porque uma morte que separa a carne da alma é uma simples sombra daquela morte que separa a alma de Deus. Assim, pois, a sombra da morte é trazida à luz quando, compreendendo o que é a morte do espírito, se deixa de temer a morte da carne. [...]

Com efeito, o Senhor retira às profundezas o seu véu de trevas quando traz à luz o julgamento que procede dos seus conselhos secretos, a fim de tornar manifestos os seus sentimentos sobre cada um de nós.

«O Filho do homem é Senhor do sábado»

«E quisera Deus que a vossa alma estivesse no lugar da minha! Também eu vos consolaria com as minhas palavras e levantaria a cabeça sobre vós. A minha boca fortalecer-vos-ia e eu moveria os lábios para vos poupar» (Jó 16,5-6). Por vezes, perante espíritos injustos que não se deixam reorientar pela pregação dos homens, é necessário desejar-lhes, com toda a bondade, as pragas de Deus. Porque, quando chegamos a isso pelo zelo de um grande amor, não é certamente um castigo que pedimos para os transviados, mas uma advertência; o que assim exprimimos não é uma maldição, mas uma oração.

Note-se que Jó não diz: «E quisera Deus que a minha alma estivesse no lugar da vossa!»; pois, se quisesse ser como eles, estaria a amaldiçoar-se a si próprio. O que ele queria era a elevação daqueles a quem tinha desejado um destino semelhante ao seu. Ora, nós consolamos os espíritos injustos no meio da sua flagelação quando lhes fazemos ver que os golpes exteriores reforçam a sua salvação interior; levantamos a cabeça quando orientamos o seu espírito, que é a parte mestra do nosso ser, para a compaixão; e fortalecemos quando sublinhamos a violência da sua dor com a suavidade das nossas palavras.

De fato, há homens que, por estarem fechados à vida interior, se veem abatidos até ao desespero pelos golpes do mundo exterior, o que leva o salmista a dizer: «Não resistirão à desgraça» (Sl 139,11); porque só aquele que vai buscar a alegria à sua esperança interior é capaz de resistir aos males exteriores.

«De onde Lhe vem tudo isto?»

Livro IX, SC 212

«Andam às apalpadelas na escuridão» (Job 12,25). Pois perturbar-se com tantos milagres evidentes é andar às apalpadelas, como quem está no escuro: é tocar e não ver. E quem anda a vaguear é atraído ora para um lado, ora para outro; assim, ora se mostravam crentes: «Se este homem não viesse de Deus, não poderia fazer estas coisas» (Jo 9,33), ora diziam, com palavras desdenhosas, que Ele não vinha de Deus: «Não é Ele o filho do carpinteiro? A sua Mãe não se chama Maria e os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E as suas irmãs não vivem entre nós?».

Por isso, é justo acrescentar: «E cambaleiam como bêbedos» (Job 12,25). Pois viram que ele ressuscitava os mortos e que, no entanto, era mortal. Como era possível não acreditarem em Deus vendo-O ressuscitar os mortos (cf Lc 7,14)? Mas também viram que Ele era mortal, viam-no com os seus próprios olhos, e, no seu desdém, recusavam-se a acreditar que fosse Deus, que fosse imortal. Por isso, manifestando-Se a eles em estado de fazer obras divinas e de sofrer a condição humana, Deus onipotente fê-los ir andar no escuro, como homens embriagados, para que o orgulho deles, que, perante o mistério da sua encarnação, preferia o desdém à fidelidade, se revoltasse contra a sua humanidade e, ao mesmo tempo, se espantasse por dentro com a luz resplandecente da sua divindade

«Também vós [...] vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel»

Livro XI, SC 212

«Mas eu quero falar com o Todo-Poderoso, e desejo conversar com Deus» (Job 13,3). Falamos com o Todo-Poderoso quando nos associamos à justiça do Mestre, submetendo os nossos atos a um exame escrupuloso.

Talvez também fale com Deus aquele que, depois de ter obedecido aos seus preceitos neste mundo, vem como juiz julgar com Ele os povos, como se diz dos pregadores que renunciam a todos os seus bens: «No mundo renovado, quando o Filho do homem vier sentar-Se no seu trono de glória, também vós que Me seguistes vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel». Diz ainda o Senhor, por intermédio de Isaías: «Libertai o injusto, julgai o órfão, defendei a viúva, e vamos conversar» (Is 1,17). Com efeito, é justo que o homem que, para se dedicar à Palavra de Deus, renuncia sem reservas ao mundo atual, discuta com Deus no seu juízo sobre os órfãos.

Assim, pois, rezar é falar; é discutir, julgar. Agora, o santo fala com o Todo-Poderoso, para depois discutir com Ele; porque só aquele que tiver sido, neste mundo, amigo de Deus na oração virá um dia julgar com Ele.

«Aprendeí a ser loucos para vos tornardes sábios diante de Deus»

Livro XIII, SC 212

«E que eu não encontre um só homem sábio entre vós» (Jb 17,10). Apela-se à sabedoria não querendo encontrar sábios [os amigos de Jó] porque os homens enganados pela suficiência da sua falsa sabedoria não podem chegar à verdadeira sabedoria. É deles que está escrito: «Ai de vós, que sois sábios aos vossos próprios olhos e prudentes diante de vós mesmos!» (Is 5,21). É a eles que se diz: «Não vos comprazais na vossa própria sabedoria» (Prov 3,7; cf Rom 12,16).

Era também por isso que, quando encontrava pessoas sábias segundo a carne, o grande pregador [Paulo] lhes pedia que adquirissem a verdadeira sabedoria, começando por se tornar insensatos: «Se algum de vós se considera sábio segundo o julgamento deste mundo, faça-se insensato para se tornar sábio» (1Cor 3,18); e a própria Verdade diz: «Bendito seiais, ó Pai, Senhor do Céu e da terra, que escondestes estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelastes aos pequeninos» (Mt 11,25).

Assim como aqueles que são sábios diante de si mesmos não podem alcançar a verdadeira sabedoria, também o bem-aventurado Job, que deseja a conversão daqueles que o escutam, tem o direito de desejar que entre eles não se encontre um único sábio; ou seja, aprendei a tornar-vos loucos diante de vós mesmos para serdes verdadeiramente sábios diante de Deus.

«Acompanhavam-no os Doze, bem como algumas mulheres»

Livro XIV, SC 212

«Tenho a carne consumida, os ossos agarrados à pele» (Jó 19: 20). Os ossos designam a força do corpo; a carne, a sua fraqueza. Uma vez que Cristo e a Igreja são uma só pessoa, o que representarão os ossos? O Senhor. E a carne? Os discípulos, que, na hora da sua Paixão, só conheceram a sabedoria dos fracos. E a pele, que é exterior à carne e permanece no corpo, representa as santas mulheres, que, dispostas a prestar-Lhe assistência corporal, serviam o Senhor nas suas necessidades exteriores.

Quando os discípulos de Jesus, ainda muito fracos, pregavam ao povo a fé na verdade, eram a sua carne ligada aos seus ossos; e, quando tratavam das suas necessidades exteriores, as santas mulheres eram como a pele, que é exterior ao corpo. À hora da cruz, porém, os discípulos foram invadidos por um medo terrível da perseguição dos judeus e fugiram, um após outro; mas as mulheres ficaram. Assim, consumida a carne, os ossos do Senhor ficaram agarrados à pele: perante a fuga dos discípulos no momento da Paixão, a sua força encontrou estas mulheres muito perto. [...] As mulheres não tiveram medo, não fugiram; mais ainda, como testemunha a Escritura, aguentaram até ao túmulo.

O Senhor pode, portanto, dizer: «Tenho a carne consumida, os ossos agarrados à pele». Quer dizer: aqueles que deviam estar mais ligados à minha força foram consumidos pelo medo no momento da minha Paixão, e

àquelas a quem tinha confiado serviços exteriores encontrei, sem terror, fielmente ligadas a Mim.

«Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida!»

Livro XI, SC 212

«Ele multiplica as nações e as destruirá; quando são derrotadas, restabelece-as integralmente» (Jó 12,23).

Podemos compreender que o Senhor multiplica as nações e as destruirá, porque todos os dias nascem seres destinados a morrer, e que restabelecerá integralmente as nações derrubadas, porque os mortos ressuscitarão.

Mas compreendemos melhor estas palavras se virmos como se cumprem na alma destes povos. O Senhor multiplica as nações e destruí-las-á, porque, embora as aumente pela fecundidade da sua descendência, abandona-as à sua incredulidade. Mas, uma vez derrubadas, restabelecê-las-á integralmente, porque reconduziu à estabilidade da fé as nações que tinha abandonado à sua incredulidade. E, depois de estas nações terem sido restauradas na sua integridade espiritual, o povo antigo, que parecia ter sido fiel a Deus, foi reprovado no seu coração e rejeitado, desviando-se da sua fé e revoltando-se contra Aquele que tinha anunciado.

O texto continua: «Andarão às apalpadelas, como se estivessem mergulhados nas trevas e Ele fá-los-á andar perdidos, como homens embriagados» (Job 12,24-25).

«A pequenez de uma semente e a esperança da ressurreição»

Livro XIV, SC 212

Considerando que o espírito se liberta da carne, que a carne se transforma em podridão, que a podridão se reduz a pó e que o pó se reduz aos seus elementos, a ponto de se tornar invisível aos olhos do homem, alguns espíritos desesperam de vir a ressuscitar. Tendo diante dos olhos ossos secos, não têm fé de que esses ossos venham a revestir-se da sua carne e possam readquirir a verde frescura da vida. Mas, se não têm fé na ressurreição por obediência, deveriam tê-la ao menos pela razão.

Com efeito, não é verdade que o mundo imita todos os dias, nos seus próprios elementos, a nossa própria ressurreição? [...] Consideremos a pequenez de uma semente que é lançada à terra para produzir uma árvore, e imaginemos, se formos capazes, onde se escondia, na pequenez dessa semente, a imensa árvore que dela cresceu, onde estava a madeira, a casca, a folhagem verde, a profusão de frutos. Era possível distinguir algum desses elementos na semente quando foi lançada na terra? E, no entanto, segundo o plano secreto daquele que ordena maravilhosamente o devir universal, na delicadeza da semente estava escondida a aspereza da casca da árvore, na fragilidade da semente estava escondida a força da sua resistência, e na secura da semente, a profusão da sua fecundidade.

E teremos de nos admirar com o fato de um pó tão fino, que escapa aos nossos olhos uma vez reduzido aos seus

elementos, recupere a forma humana no dia em que o quiser. Aquele que, a partir das mais ténues sementes, faz brotar árvores imensas? Uma vez que, pela nossa constituição, somos seres dotados de razão, a esperança da nossa ressurreição deve impor-se ao nosso olhar, à nossa contemplação do mundo exterior. Mas, como o juízo da razão se entorpeceu em nós, a graça do Redentor veio dar-nos mais um exemplo.

«Sim, eu sei que o meu Redentor vive» (Job 19,25)

Livro XIV, SC 212

Jó não diz «Criador», mas «Redentor», designando claramente Aquele que, depois de ter criado todas as coisas, querendo redimir-nos do nosso cativeiro, apareceu entre nós na encarnação e, pela sua Paixão, nos libertou da morte eterna. É de notar a fé com que Jó se entrega ao poder divino daquele sobre quem Paulo afirmou: «Ele foi crucificado em fraqueza, mas vive pelo poder de Deus» (2Cor 13,4). Disse Jó: «Sim, eu sei que o meu Redentor vive»; que o mesmo é dizer sem ambiguidades: Ele foi flagelado, escarnecido, espancado, coroado de espinhos, cuspidado, crucificado, morreu - isto sabe o incrédulo; por mim, creio com fé segura que, depois da sua morte, Ele vive, Ele, que caiu nas mãos dos ímpios.

Mas, abençoado Jó, que confiança te dá a ressurreição do Senhor na ressurreição da tua própria carne? O texto continua: «Eu sei que ressuscitarei da terra no último dia». Sim, Ele realizará em nós um dia a ressurreição que

manifestou na sua pessoa. Sim, Ele prometeu-nos a ressurreição que manifestou em Si mesmo, porque os membros participam da glória da sua Cabeça.

«O princípio de todos os pecados é o orgulho» (Ecl 10,15)

Livro XIV, SC 212

«Que a morte antiga devore a beleza da sua pele e lhe consuma os braços» (Jó 18,13 Vg). A beleza da pele designa a glória temporal, que se deseja exteriormente e se conserva como uma aparência brilhante na pele. A palavra «braços» aplica-se apropriadamente às nossas obras, uma vez que o trabalho físico é efetuado pelos braços. E o que é a morte senão o pecado, que separa a alma da vida interior e a mata? [...] Assim, pois, se o pecado é a morte, podemos entender por morte antiga a soberba, pois está escrito: «A raiz de todo o pecado é a soberba» (Ecl 10,15 Vg).

A beleza da sua pele e os seus braços são, portanto, devorados pela morte antiga, porque a glória e a atividade do injusto são deitadas por terra pela soberba. Ele poderia ter-se mantido na sua glória nesta vida sem pecado se não fosse orgulhoso; poderia recomendar-se ao juízo do seu Criador por algumas das suas obras se, aos olhos do seu Juiz, essas mesmas obras não tivessem sido deitadas por terra pelo orgulho. Há muitas pessoas ricas que poderiam ter conservado o poder e a glória sem pecado, se tivessem querido conservá-los com humildade.

Mas orgulham-se das suas riquezas, vangloriam-se das suas honras, desdenhando o resto do mundo e depositando toda a confiança da sua vida na abundância dos bens. Assim falava um homem rico: «Alma, tens muitos bens em depósito para muitos anos: descansa, come, bebe e regala-te!» (Lc 12,19). Quando o Juiz do alto vê estes pensamentos, arranca-lhes a sua confiança.

«Nenhum servo pode servir a dois senhores»

Escritos morais sobre Jó, 34

Querer pôr a esperança e a confiança em bens passageiros é querer fazer fundações em água corrente. Tudo passa; só Deus permanece. Agarrarmo-nos ao que é transitório é desligarmo-nos do que é permanente. Quem é o homem que, arrastado no turbilhão de um rápido, consegue manter-se firme no seu lugar no meio dessa torrente fragorosa? Se não quisermos ser levados pela corrente, temos de nos afastar de tudo o que passa; senão, o objeto do nosso amor constranger-nos-á a chegar ao que precisamente queremos evitar. Aquele que se agarra aos bens transitórios será inevitavelmente arrastado para onde vão ter essas realidades a que se apegam.

A primeira coisa a fazer é, pois, abstermo-nos de amar os bens materiais; a segunda, não pormos total confiança naqueles bens que nos são confiados para serem usados e não para serem desfrutados. A alma que se prende aos bens perecíveis cedo perde a sua estabilidade. O turbilhão da vida

atual arrasta quem nele se deixa ir, e é uma tonta ilusão querer manter-se de pé quando se é levado nesta corrente.

«Os meus membros estão destruídos» (Jó 16,8)

Livro XIII, SC 212

«Mas agora estou esmagado pela minha dor e todos os meus membros estão destruídos» (Jb 16,8). A Santa Igreja é esmagada pela sua dor quando vê aumentar a malignidade dos homens perversos. E, como a ascensão dos homens perversos também excita os fracos do seu meio a seguirem as paixões da depravação, Jó tem razão em dizer: «e todos os meus membros foram destruídos». Pois os ossos referem-se aos fortes, e os membros aos fracos. Os membros da Igreja são, pois, destruídos quando, imitando os perversos que crescem neste mundo, a fraqueza dos fracos se agrava cada dia: à vista da felicidade dos ímpios, muitas vezes perdem a fé e sucumbem, cobiçam os bens temporais, e são como que aniquilados; porque, abandonando a essência imutável de Deus, prezando o transitório, podemos dizer que caminham para o não-ser.

E também é razoável dizer: «Mas agora estou esmagado pela minha dor», porque agora é o tempo da dor para a Igreja; o tempo da alegria virá mais tarde. Mas acontece muitas vezes que a Santa Igreja não tem só de sofrer os infiéis e os adversários que estão fora dela, mas também tem dificuldade em resistir às ciladas e à hostilidade daqueles que traz no seu seio. Por isso, a boca do bem-aventurado acrescenta estas palavras: «As minhas rugas testemunham

contra mim». As rugas, que representam a duplicidade, são todos os membros da Santa Igreja que vivem, dentro dela, uma vida dupla, proclamando a sua fé com palavras e negando-a com os seus atos [...]. No entanto, a Santa Igreja não tem estas rugas nos seus eleitos, porque eles não separam a sua atitude exterior da sua vida interior.

«Chamados à glória»

Livro XII, SC 212

«Chamar-me-ás e eu te responderei». [...] E Jó acrescenta: «Estenderás a tua mão direita para a obra das tuas mãos» (Jb 14,15). [...] Com efeito, pelo próprio fato de ser criatura, a criatura humana tem a possibilidade de se afundar em si mesma; mas o homem recebeu daquele que o formou o favor de ser elevado acima de si mesmo pela contemplação, e de ser mantido em si mesmo pela sua incorrupção. Assim, pois, para não se afundar abaixo de si mesma e para subsistir na incorrupção, a criatura é elevada a um estado de imutabilidade pela mão direita daquele que dá a vida.

A mão direita de Deus também pode referir-se ao Filho, porque todas as coisas surgiram por meio dele (cf. Jo 1,3). De fato, Deus Onnipotente estendeu a sua mão direita sobre a obra das suas mãos, porque foi para elevar ao mundo superior o gênero humano, caído e jacente no abismo, que Ele enviou o seu Filho unigênito. E foi a sua encarnação que nos permitiu, depois de termos caído por nossa própria vontade na corrupção, responder a Deus, que nos chama à glória da incorruptibilidade.

Quem poderá, pois, medir a generosidade da misericórdia divina, que conduz o homem a esta glória maravilhosa depois da sua queda? Deus mede o mal que fazemos e, no entanto, pela graça da sua bondade, perdoa-nos misericordiosamente.

«O Pai, que Me enviou, também Ele deu testemunho de Mim»

Livro XII, SC 212

«Eu tenho a minha testemunha no Céu, um defensor nas alturas» (Jó 16,19). Quando o Filho vacilou na Terra, tinha uma testemunha no Céu. Com efeito, o Pai é a testemunha do Filho, como diz no Evangelho: «O Pai, que Me enviou, também Ele deu testemunho de Mim». Mas também é justamente chamado seu confidente, porque é numa única vontade, num único conselho, que o Pai opera sempre com o Filho. E é também sua testemunha porque «ninguém conhece o Filho senão o Pai» (Mt 11,27). O Filho tinha, pois, a sua testemunha no Céu, um defensor nas alturas» no dia em que aqueles que O viram morrer na carne não se aperceberam do poder da sua divindade. Mas, embora os homens estivessem na ignorância, na sua morte, o Mediador entre Deus e os homens sabia que o Pai operava com Ele [...].

Para além de serem verdadeiras para o bem-aventurado Jó, estas palavras podem também aplicar-se a cada um de nós. Porque todo aquele que aspira ao louvor dos homens em todos os seus atos procura o testemunho dos homens na Terra. Mas aquele que procura agradar a Deus

todo-poderoso com a sua conduta considera que o seu testemunho está no Céu. Acontece, porém, que muitas vezes as nossas boas obras são criticadas em nós por espíritos mal-intencionados. Mas aquele que tem a sua testemunha no Céu não precisa de temer as críticas dos homens.

«Se ele prender alguém, ninguém lhe abrirá a porta» (Jb 12,14)

Livro XII, SC 212

«Se ele destruir, ninguém poderá construir; se ele fechar, ninguém poderá abrir» (Jó 12,14). Deus Todo-Poderoso destrói o coração do homem quando o abandona e constrói-o quando o enche. Deus não destrói a alma do homem lutando, mas retirando-Se: entregue a si mesma, a alma está perdida. Por isso, quando, em castigo pelos seus pecados, a graça de Deus onipotente não enche o coração de um ouvinte, é em vão que o pregador tenta instruí-lo do exterior, pois toda a boca que fala é muda se Aquele que inspira as palavras que ressoam não gritar no fundo do coração. E não deve espantar-nos que um coração réprobo não ouça o pregador, quando o próprio Senhor, quando fala, encontra por vezes a resistência de uma existência perversa [...].

Jó acrescenta, e com razão: «Se ele prender alguém, ninguém lhe abrirá a porta». Quando um homem se comporta mal, constrói para si próprio uma prisão na sua consciência, de modo que o seu coração o acusa, mesmo que de fora não lhe venha nenhuma acusação. Porque, quando a justiça de Deus o abandona à cegueira da sua maldade, o homem fica

como que fechado dentro de si mesmo, sem encontrar um meio de fuga que não merece encontrar. Com efeito, é frequente vermos pessoas que desejam escapar à perversidade dos seus atos, mas que, por estarem ao mesmo tempo esmagadas sob o peso desses atos, fechadas numa prisão de hábitos culposos, não conseguem fugir de si próprias.

«Ressuscitar na carne»

Livro XIV, SC 212

Ouçó falar da ressurreição e interrogo-me sobre o futuro dessa ressurreição. Com efeito, creio que estou destinado a ressuscitar, mas quero que me digam que tipo de ser serei. Preciso de saber se ressuscitarei noutro corpo, talvez sutil, isto é, aéreo, ou no corpo em que morrerei. Mas, se ressuscitar num corpo aéreo, já não serei eu a ressuscitar. Como pode haver verdadeira ressurreição se a minha carne não pode ser verdadeira carne? A razão sugere-nos claramente que, se não houver verdadeira carne, não haverá, obviamente, verdadeira ressurreição. Não, não temos o direito de falar de ressurreição enquanto aquilo que sucumbiu não ressuscitar.

Pois bem, Jó bendito, dissipa o nevoeiro da nossa dúvida e, uma vez que, pela graça que te veio do Espírito Santo, começaste a falar-nos da esperança da ressurreição, mostra-nos claramente se é a nossa carne que vai realmente ressuscitar. O texto diz: «Voltarei a revestir-me da minha pele» (Jó 19,26). A expressão «a minha pele» elimina qualquer

dúvida sobre o fato de se tratar de uma verdadeira ressurreição, pois mostra que, [...] na glória da ressurreição, o nosso corpo não será impalpável, mais sutil que o vento e o ar. Na glória da ressurreição, o nosso corpo será, sem dúvida, sutil, devido à manifestação do seu poder espiritual, mas será palpável, pela verdade da sua natureza.

Por isso, o nosso Redentor mostrou as mãos e o lado aos seus discípulos, que duvidavam da sua ressurreição, e propôs-lhes que Lhe tocassem os ossos e a carne: «Tocai-Me e vede: um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho».

«A Igreja assolada pelas perseguições»

Livro VIII, SC 212

«E eis que um mentiroso se levanta diante de mim e fala contra mim» (Jó 16,8 Vg).

Até nas suas horas de tranquilidade a Santa Igreja é assolada pela mentira, pois há no seu seio muitos espíritos que, já não sendo fiéis à promessa da eternidade, mentem, dizendo-se fiéis. E, como eles não têm coragem para contradizer abertamente a sua pregação, ela suporta a mentira, não cara a cara, mas, por assim dizer, pelas costas. Quando, porém, soa a hora do maligno, aquele que agora calunia com medo vem contradizê-la na cara e as palavras da verdadeira fé são bloqueadas pelo seu clamor.

Mas temos de estar conscientes de que, quando nos confrontamos com os golpes dos homens carnis, não são

tanto eles que pretendem a nossa morte, mas o espírito maligno, o príncipe das suas almas, como diz São Paulo: «Temos de lutar corpo a corpo, não contra a carne e o sangue, mas contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo de trevas» (Ef 6,12). É por isso que, falando mais uma vez da mentira, Jó faz o retrato do príncipe desta mentira, transformando assim a sua frase: «Concentrou em mim a sua cólera e, ameaçando-me, rangia os dentes contra mim. O meu inimigo olhava-me com olhos terríveis» (Jó 16,10). O que são todos os injustos, senão membros do demónio? É ele que faz, através deles, o que lhes inspira no coração.

Ora, se para já ele apenas tem furor contra a Santa Igreja, o seu furor está disperso, porque é nos indivíduos que suscita tentações secretas contra ela. No dia, porém, em que se lançar contra ela em perseguição aberta, concentrará a sua fúria, porque reunirá todos os esforços da sua vontade para a derrubar.

«Nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade»

Livro XI, SC 212

«Dele dependem o que engana e o enganado; leva os conselheiros à loucura, e entontece os juízes» (Jb 12,16-17).

Se todo o homem que tenta enganar o seu próximo é injusto, e se a Verdade diz aos injustos: «Nunca vos conheci.

Apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade», em que sentido se diz aqui que o Senhor conhece aquele que engana?

Para Deus, conhecer significa observar e aprovar; portanto, Ele conhece o homem injusto porque o observa e o julga – pois como poderia julgar que um homem é injusto se não observasse? –, mas não conhece o homem injusto porque não aprova a sua conduta. Conhece-o, pois, porque o apanha em flagrante delito, e não o conhece, porque não o reconhece aos olhos da sua sabedoria.

Do mesmo modo, diz-se de todo o homem verdadeiro que ele não conhece a falsidade, não porque não saiba censurar outro por uma palavra falsa, mas porque esse mesmo engano, se o conhece em análise, não o conhece em amor, no sentido em que não o comete; mas, se for cometido por outro, é capaz de o condenar.

«Se retiver as águas, tudo secará; se as soltar, elas submergirão a terra» (Jb 12,15)

Livro XI, SC 212

«Se retiver as águas, tudo secará; se as soltar, elas submergirão a terra» (Jb 12,15).

Entendamos por água a ciência da pregação, como está escrito: «As palavras da boca de um homem [sábio] são águas profundas, torrente transbordante, fonte de sabedoria» (Pr 18,4); se as águas forem retidas, tudo seca. Sim, tirai aos pregadores a ciência, e os corações que poderiam ter verdejado na esperança da eternidade murcham

imediatamente, permanecendo na secura do desespero, apreciando o transitório, ignorando a esperança daquilo que subsiste.

E se por água entendemos a graça do Espírito Santo, como diz a palavra da Verdade no Evangelho: «Quem acredita em Mim, como diz a Escritura, “do seu ventre brotarão rios de água viva”»; e o evangelista acrescenta: «Disse isto acerca do Espírito, que estavam prestes a receber os que nele acreditaram» (Jo 7,38-39), esta interpretação está claramente de acordo com as palavras de Job: «Se retiver as águas, tudo secará»; pois, se a graça do Espírito Santo for retirada ao espírito daquele que escuta a Palavra, a sua mente, que estava verde de esperança quando a ouviu, seca imediatamente. E falar, não de água, mas de águas, no plural, é recordar a graça dos sete dons espirituais, pois os dons que nos enchem são outras tantas águas que se derramam no nosso coração.

«A Igreja mantém-se humildemente na verdade»

Livro XIV, SC 212

«Sim, mesmo que eu seja ignorante, a minha ignorância está comigo» (Jb 19,4).

É próprio dos hereges ensoberbecerem-se com a vã arrogância da sua ciência, escarnecendo da simplicidade de uma fé reta e julgando a vida dos humildes desprovida de mérito. Pelo contrário, a Santa Igreja abaixa humildemente a cabeça diante de qualquer verdade que a sua verdadeira

sabedoria alcança, evitando a jactância da ciência, a fatuidade da investigação dos mistérios e a presunção de sondar problemas que estão para além das suas forças; de fato, tem por mais útil aplicar-se a ignorar o que não pode compreender do que a definir descaradamente o que não sabe.

Por outro lado, diz-se que quem é por nós está conosco e, inversamente, quem é contra nós não está conosco. Como, portanto, o coração do herege se ensoberbece com o seu saber e o do fiel se humilha com o sentimento da sua ignorância, o bem-aventurado Jó pode dizer em seu nome, mas também de acordo com a Igreja universal: «Mesmo que eu seja ignorante, a minha ignorância está comigo»; que é o mesmo que dizer claramente aos hereges: a vossa ciência não está convosco, está contra vós, porque vos instala num orgulho insensato, mas a minha ignorância está comigo, é a meu favor, pois, longe de ter a audácia orgulhosa de investigar a Deus, mantenho-me humildemente na verdade.

«A esperança da nossa ressurreição»

Livro XIV, SC 212

Eis que, pela morte da carne, nós permaneceremos no pó até ao fim do mundo; Ele [o nosso Redentor], porém, ao terceiro dia, libertado da secura da morte, está na sua verde frescura, para nos mostrar o poder da sua divindade pela renovação da sua própria carne. [...] Se é verdade que o corpo do Senhor está vivo agora, depois da sua morte, para o nosso

corpo, a glória da ressurreição é adiada até ao fim do mundo. Jó teve o cuidado de assinalar este distanciamento, dizendo: «E eu ressuscitarei da terra no último dia» (Jó 19,25).

Temos, pois, a esperança da nossa ressurreição, porque estamos em presença da glória da nossa Cabeça. Não se diga, nem sequer interiormente, que, se o Senhor ressuscitou da morte, é porque, sendo Deus e homem numa só e mesma pessoa, venceu, pela sua divindade, a morte que sofreu na sua humanidade, mas que nós, que somos apenas homens, não podemos ressuscitar de uma sentença de morte. Pois acontece que, na hora da sua ressurreição, também ressuscitaram os corpos de muitos santos. O Senhor quis mostrar-nos o exemplo da ressurreição em Si mesmo, mas também quis mostrar-nos o exemplo de outros seres semelhantes a nós na sua natureza puramente humana, para nos tornar fortes perante a ressurreição. Era necessário que o homem, no seu desespero de nunca vir a receber um dom que o Homem Deus tinha manifestado em Si mesmo, ousasse acreditar que o que via nos outros, cuja natureza ele sabia sem sombra de dúvida ser puramente humana, podia também acontecer nele.

«Esta noite terás de entregar a tua alma»

«Morais sobre Jacob»; Livro XII; SC 212

«O ímpio é orgulhoso todos os dias da sua vida» (Jó 15,20, Vulg).

Nem os eleitos estão imunes ao orgulho em alguns dos seus pensamentos e até nas suas ações. Mas, como são eleitos,

não são soberbos todos os dias, uma vez que, antes de chegarem ao fim da vida, deixam que o seu coração se transforme de desmesura em temor, em humildade.

Pelo contrário, o ímpio não passa um único dia sem soberba, pois termina a sua vida sem se afastar por um momento da desmesura. O seu olhar procura o que floresce no tempo, e ele desdenha considerar para onde será levado na eternidade. É na vida da carne que ele deposita a sua confiança, atribuindo longa duração àquilo que tem no momento. O seu coração fortalece-se na desmesura, e o seu próximo é desprezado. Ele não contempla a morte que se aproxima lentamente e pode ocorrer dum momento para o outro, nem pensa na incerteza da felicidade. Na verdade, um olhar sobre a incerteza e a efemeridade da vida impedi-lo-ia de confundir a certeza com a incerteza. Daí, a sábia frase: «E o número dos anos da sua tirania é incerto» (Jó 15,20). [...]

Como a vida atual é sempre incerta, a morte, que se vai aproximando de nós em silêncio, deve ser constantemente temida, pois não é possível prevêê-la. [...] Por outro lado, se o Criador quis que o dia do nosso fim permanecesse oculto para nós, foi para que, na incerteza do momento da morte, estivéssemos preparados para morrer a qualquer momento.

«O Reino dos Céus sofre violência e são os violentos que se apoderam dele»

João Batista recomenda-nos que façamos grandes coisas: «Produzi frutos dignos do arrependimento» e ainda: «Quem tiver duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma; e quem tiver mantimentos faça o mesmo» (Lc 3, 8.11). Ora, isto é também o que afirma Aquele que é a Verdade: «Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência e são os violentos que se apoderam dele». Estas palavras vêm-nos do alto e devemos meditar nelas com grande atenção. Pois como pode o Reino dos Céus ser tomado pela força? Quem pode fazer violência ao Céu? E, se o Reino dos Céus sofre violência, por que é que isso só é verdade depois do tempo de João Batista?

A Lei antiga [...] martirizava os pecadores com penas rigorosas, mas sem os trazer à vida pela penitência. João Batista, anunciando a graça do Redentor, prega a penitência, a fim de que o pecador, morto em consequência do seu pecado, viva por efeito da sua conversão; foi, pois, verdadeiramente desde então que o Reino dos Céus se abriu aos que o tomam pela força. O que é o Reino dos Céus senão a morada dos justos? [...] De fato, são os humildes, os castos, os mansos e os misericordiosos que alcançam as alegrias do alto. Mas, quando os pecadores [...] se emendam das suas faltas pela penitência, também obtêm a vida eterna e entram nesse Reino. Assim [...], ordenando a penitência aos pecadores, João ensinou-os a fazer violência ao Reino dos Céus.

Irmãos bem-amados, reflitamos, também nós, em todo o mal que temos feito e choremos. Apoderemo-nos da herança dos justos pela penitência. O Todo-Poderoso quer aceitar esta violência da nossa parte; Ele quer que tomemos,

pelas lágrimas, aquele Reino que não nos era devido pelos nossos méritos.

«O justo terá memória eterna»

«Moral sobre Jó », Livro XI, SC 212

«A memória da vossa vida será comparada à cinza» (Jó 13,12 Vg). Aqueles cujo pensamento terreno os modela com base no século procuram deixar neste mundo, em cada um dos seus atos, a memória da sua pessoa; quer se trate de títulos de guerra, dos muros altaneiros dos edificios ou de tratados eloquentes sobre as ciências do século, todos se esforçam incansavelmente por criar um nome que não seja esquecido.

Mas a vida corre muito depressa para o seu fim e não pode garantir qualquer estabilidade, uma vez que também ela, na sua mobilidade, se escoa rapidamente. Com efeito, um sopro leva a cinza, como diz a Escritura: «Não assim, não assim com os ímpios, eles são como o pó que o vento sopra da face da Terra» (Sl 1,4 Vg).

Podemos, pois, comparar a memória dos insensatos com a cinza, porque eles estão no ponto onde um sopro a leva. Sim, por mais que tentem completar a glória do seu nome, na realidade, apenas fizeram da sua memória cinzas, que o vento deste mundo mortal cedo faz desaparecer.

Pelo contrário, diz a Escritura que «o justo terá memória eterna» (Sl 111,6 Vg): pelo fato de as suas ações

estarem impressas no olhar de Deus, ele garante a sua memória na eternidade.

«Se ao menos hoje conhecesses o que te pode dar a paz!»

«Moral sobre Jó », livro XII, SC 212

«Tem os ouvidos cheios de ruídos aterradores, e no meio da paz suspeita de armadilhas» (Jó 15-21, Vg). Pelo contrário, não há coisa mais feliz que um coração simples, que, mostrando-se aos outros pela inocência, nada tem a temer deles; pelo contrário, na sua simplicidade, é como cidadela fortificada, não o preocupa ter de sofrer da parte dos outros aquilo que ele próprio não se lembra de ter feito. Daí as sábias palavras de Salomão: «O temor do Senhor dá firme confiança» (Pr 14,26); e ainda: «A alma segura é como um banquete contínuo» (Pr 15,15). A paz da segurança é como um alimento que se renova sem cessar.

Pelo contrário, o espírito extraviado opera constantemente, seja concebendo ações maléficas contra os outros, seja temendo ser vítima delas. E tudo o que imagina contra o próximo, tudo isso teme que o próximo imagine contra si. Suspeitas por tudo, alarmes por tudo. Quando se lembra de alguém, tem a certeza de que lhe quer mal. Não ter a paz da segurança é ter os ouvidos cheios de ruídos aterradores.

Olhai para um homem assim, pensai em quem quiserdes: muitas vezes, quando um amigo lhe fala com simplicidade e sem segundas intenções hostis, ele suspeita de

uma armadilha, porque os seus atos estão sempre carregados de astúcia e não concebe que alguém possa agir com simplicidade em relação a ele. [...] «Não acredita que possa voltar das trevas para a luz, pois nada mais vê em seu redor que a espada» (Jó 15,22, Vg): crendo-se rodeado de armadilhas, perde a esperança da salvação.

«Esforçai-vos por entrar pela porta estreita»

«Morais sobre Job», Livro XI, SC 212

Não podemos contar com estabilidade num mundo onde estamos apenas de passagem; para nós, viver é deixar passar a vida todos os dias.

O homem não sofre essa mutabilidade apenas no corpo, mas também na alma, quando se esforça por se elevar ao melhor. Com efeito, sob o peso da sua instabilidade, a alma é incessantemente arrastada para aquilo que não é e, se não for mantida no seu estado inicial por uma rigorosa disciplina de vigilância, desliza continuamente para o pior. Pois, ao abandonar Aquele que permanece, perdeu a estabilidade que poderia ter conservado. Assim, o esforço que agora faz para ascender ao melhor é uma subida contra a corrente; por isso, se enfraquecer na sua intenção de subir, depressa será arrastada para o abismo.

Sim, subir dá trabalho; e, para descer, basta deixarmos-nos levar. É pela porta estreita que entraremos, como nos lembra o Senhor: «Esforçai-vos por entrar pela porta estreita». Antes de falar na entrada pela porta estreita, diz-nos: «Esforçai-vos»; porque, sem uma fervorosa contenção de

espírito, a corrente deste mundo — que arrasta a alma incessantemente para a baixeza — torna-se invencível.



São Jerônimo

A casa encheu-se com a fragrância do perfume

Comentário sobre o Evangelho de Marcos; PLS 2, 125s
(trad. DDB 1986, p. 96 rev.; cf. SC 494, p. 217)

«Encontrando-se Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso, e estando à mesa, chegou uma mulher que trazia um frasco de alabastro com perfume de nardo puro, de elevado preço» (14, 3). Esta mulher diz-vos diretamente respeito, a vós que ides receber o batismo. Ela partiu o frasco de alabastro para que Cristo, o Ungido do Senhor, fizesse de vós cristãos pela unção. É isso que está dito no Cântico dos Cânticos: «O teu nome é como perfume derramado: por isso te amam as donzelas. Leva-me atrás de ti, corramos!» (1, 3-4). Enquanto o perfume estava fechado, enquanto Deus só foi conhecido na Judéia, enquanto o Seu nome não foi grande senão em Israel (Sl 75, 2), as jovens não seguiam Jesus. Mas, a partir do momento em que o perfume se espalhou por todo o mundo, as almas dos crentes seguiram o Salvador. [...] Ela partiu o frasco de alabastro, a fim de que todos usufruíssem do perfume [...]; um ato que nos recorda o grão de trigo que, «se não morrer, fica só ele» (Jo 12, 24): assim também, se o frasco não for partido, não poderemos ungir-nos com o perfume.



Esta mulher não é a mesma que é citada noutro Evangelho, por ter lavado os pés do Senhor (Lc 7, 38). Porque essa mulher, que era até então uma pecadora de má vida [...], inunda com as suas lágrimas os pés do Salvador e seca-os com os seus cabelos; mas é só aparentemente que ela lava os pés do Salvador, porque o que realmente faz é lavar os seus pecados. [...]

Que o mesmo se passe convosco, que ides receber o batismo; dado que somos todos pecadores, que ninguém é puro, mesmo que a sua vida tenha durado um só dia (Job 14, 4) [...], começai por abraçar os pés do Salvador, lavai-os com as vossas lágrimas, enxugai-os com os vossos cabelos; depois disso, tocar-Lhe-eis então na cabeça, como fez a mulher do Evangelho de Marcos. Quando descerdes à fonte da vida com o Salvador, tendes de aprender como foi que o perfume chegou à Sua cabeça. Porque, se «a cabeça de todo o homem é Cristo» (1Cor 11, 3), também a vossa cabeça há de estar perfumada; e será pelo batismo que recebereis esta unção.

Jesus tomou-a pela mão e levantou-a

Comentário sobre o evangelho de São Marcos, 2; PLS
2, 125 ss (trad. DDB 1986, p. 52)

«Aproximando-Se, Jesus tomou-a pela mão e levantou-a.» Com efeito, esta doente não conseguia levantar-se sozinha; estando acamada, não conseguia ir ao encontro de Jesus. Mas este médico misericordioso aproximou-Se da cama dela. Aquele que havia trazido uma ovelha doente aos ombros (Lc 15, 5) aproxima-Se agora desta cama. [...] Ele

aproxima-se sempre mais, para curar ainda mais. Reparem bem no que está escrito aqui [...]: «Tu devias certamente ter vindo ao Meu encontro, ter vindo acolher-Me à porta da tua casa; mas então a tua cura não resultaria tanto da Minha misericórdia, mas da tua vontade. Uma vez que uma febre tão forte te oprime e te impede de te levatares, Eu próprio venho ter contigo.»

«E levantou-a». Como ela não se conseguia erguer sozinha, é o Senhor que a levanta. «Ele tomou-a pela mão e levantou-a.» Quando Pedro se encontrava em perigo no mar, no momento em que ia afogar-se, também ele foi tomado pela mão e se levantou. [...] Que bela marca de amizade e de afeição por esta doente! Ele levanta-a tomando-a pela mão; a Sua mão curou a mão da doente. Ele pegou nesta mão como o teria feito um médico, que toma o pulso e avalia o grau de febre, Ele que é simultaneamente médico e remédio. Jesus toca-lhe e a febre desaparece.

Desejemos que Ele toque na nossa mão para que, assim, os nossos atos sejam purificados. Que Ele entre em nossa casa: levantemo-nos da nossa cama, não fiquemos deitados. Jesus encontra-Se à nossa cabeceira e nós permanecemos deitados? Vamos lá, levantemo-nos! [...] «No meio de vós encontra-se Alguém que não conheceis» (Jo 1, 26); «o Reino de Deus está dentro de vós» (Lc 17, 21). Tenhamos fé e veremos Jesus presente no meio de nós.

Eis um novo ensinamento

Comentário sobre o evangelho de São Marcos, 2; PLS
2, 125s (trad. DDB 1986, p. 49)

«Então, o espírito maligno, depois de o sacudir com força, saiu dele dando um grande grito.» É esta a sua maneira de exprimir a sua dor: sacudindo-o com violência. Uma vez que não podia alterar a alma do homem, o demônio exerceu a sua violência no corpo dele. Estas manifestações físicas eram, aliás, o único meio que tinha à sua disposição para demonstrar que estava a sair. Tendo o espírito puro manifestado a sua presença, o espírito impuro bate em retirada. [...]

«Tão assombrados ficaram que perguntavam uns aos outros: «Que é isto?»» Olhemos para os Atos dos Apóstolos, e para os sinais que os primeiros profetas nos deram. Que dizem os magos do Faraó perante os prodígios de Moisés? «Está aí o dedo de Deus» (Ex 8,15). É Moisés que os realiza, mas eles reconhecem o poder de outrem. Posteriormente, os apóstolos fizeram outros prodígios: «Em nome de Jesus, levanta-te e anda!» (At 3,6); «E Paulo disse ao espírito: «Ordeno-te, em nome de Jesus Cristo, que saias desta mulher»» (At 16,18). O nome de Jesus é sempre citado. Mas aqui, que diz Ele? «Sai desse homem», sem mais pormenores. É em Seu próprio nome que Ele ordena ao espírito que saia. «Tão assombrados ficaram que perguntavam uns aos outros: «Que é isto? Eis um novo ensinamento».» A expulsão do demônio não tinha em si nada de novo: os exorcistas dos hebreus faziam-no frequentemente. Mas que diz Jesus? Qual é este ensinamento novo? Onde está então a novidade? É que Ele impõe-Se com a Sua própria autoridade aos espíritos impuros. Ele não cita ninguém: é Ele próprio que dá as ordens; Ele não fala em nome de ninguém, mas sim com a Sua própria autoridade.

Um homem [...] chamou os seus servos e confiou-lhes os seus bens

Carta

Este proprietário é, sem dúvida alguma, o próprio Cristo. Após a Sua ressurreição, quando se preparava para regressar vitoriosamente para junto do Pai, chamou os apóstolos e confiou-lhes a doutrina do Evangelho, dando a um mais, a outro menos, nunca demais nem de menos, mas de acordo com as forças daqueles que a recebiam. Da mesma maneira, o apóstolo Paulo afirma que alimentou de leite aqueles que não estavam capazes de tomar alimento sólido (1 Cor 3, 2). [...]

Cinco, dois, um talento – são, quer as diferentes graças concedidas a cada um, quer, no primeiro caso, os cinco sentidos, no segundo, a inteligência da fé e das obras, no terceiro, a razão, que nos distingue das restantes criaturas. «O que tinha recebido cinco talentos fê-los render e ganhou outros cinco». Ou seja, a partir dos sentidos físicos e materiais que tinha recebido, fez aumentar o seu conhecimento das coisas celestes; a sua inteligência elevou-se das criaturas até ao Criador, do corpóreo ao incorpóreo, do visível ao invisível, do passageiro ao eterno. «O que recebera dois talentos ganhou outros dois». Também este, na medida das suas forças, duplicou na escola do Evangelho aquilo que tinha recebido na escola da Lei. Ou podemos dizer que compreendeu que a inteligência da fé e das obras da vida presente conduz à felicidade futura.

«Mas o que recebera um só talento foi escavar na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor». Preso às obras cá de baixo, aos prazeres deste mundo, o servo mau esqueceu os mandamentos de Deus. Notemos que outro evangelista afirma que ele enrolou o talento num pano; podemos entender por isso que suprimiu o vigor dos ensinamentos do mestre com uma vida de moleza e de prazeres. [...]

O senhor acolhe os dois primeiros servos – aquele que, dos cinco talentos, tinha feito dez, e aquele que, dos dois talentos, tinha feito quatro – com o mesmo elogio: «Vem tomar parte na alegria do teu senhor», recebe aquilo que «nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais passou pelo pensamento do homem» (1 Cor 2, 9). Que recompensa maior se pode dar a um servo fiel?

A Jerusalém do alto é livre, e ela é nossa mãe (Gal 4, 26)

Carta 58, 2-4

Do que nos devemos felicitar não é de termos estado em Jerusalém, mas de termos vivido bem. A cidade que é preciso procurar não é aquela que matou os profetas e verteu o sangue de Cristo, mas aquela que um rio impetuoso enche de júbilo, aquela que, construída sobre uma montanha, não pode ser escondida, aquela que o apóstolo Paulo proclama ser mãe dos santos e na qual os justos se regozijam de habitar (Sl 45, 5; Mt 5, 14; Gal 4, 26) [...]. Não ousarei limitar o poder de Deus a uma região ou confinar num pequeno canto da terra. Aquele que o céu não pode conter. Cada crente é apreciado

pelo mérito da sua fé e não pelo lugar em que habita; e os verdadeiros adoradores não têm necessidade de Jerusalém ou do monte Garizim para adorar o Pai, porque «Deus é espírito» e os Seus adoradores devem «adorá-Lo em espírito e verdade» (Jo 4, 21-23). Ora «o Espírito sopra onde quer» (Jo 3,8) e «a terra é do Senhor, assim como tudo o que ela contém» (Sl 23, 1). [...]

Os lugares santos da cruz e da ressurreição só são úteis aos que levam a sua cruz, ressuscitam com Cristo cada dia e se mostram dignos de habitar em tais lugares. Quanto aos que dizem: «Templo do Senhor, Templo do Senhor, Templo do Senhor» (Jer 7, 4), ouçam esta palavra do apóstolo: «Vós é que sois o templo de Deus, se o Espírito Santo habita em vós» (1Cor 3, 16). [...]

Não creio que falte alguma coisa à tua fé por não teres visto Jerusalém e não me julgo melhor por habitar neste lugar. Mas, aqui ou noutro sítio, receberás igual recompensa segundo as tuas obras perante Deus.

«As palavras que vos disse são espírito e vida»

Carta 53 a Paulinas.

Lemos as Sagradas Escrituras: em minha opinião, o Evangelho é o corpo de Jesus, as Sagradas Escrituras são a Sua doutrina. Sem dúvida que o texto «quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue» encontra toda a sua aplicação no mistério eucarístico; mas o verdadeiro corpo de Cristo e o Seu verdadeiro Sangue são também a palavra das Escrituras, a doutrina divina. Quando vamos receber os sagrados

mistérios, se uma partícula cai ao chão, ficamos preocupados. Quando escutamos a Palavra de Deus, se estamos a pensar noutra coisa enquanto ela nos entra pelos ouvidos, em que responsabilidade não incorremos!

Sendo a carne do Senhor verdadeiro alimento e o Seu Sangue verdadeira bebida, o nosso único bem é comer a Sua carne e beber o Seu sangue, não apenas no mistério eucarístico, mas também na leitura da Escritura.

«Menina, Eu te ordeno: levanta-te»

Homilias sobre o Evangelho de São Marcos, nº2 e 3 (a partir da trad. SC 494, p. 129 rev.)

«Não deixou que ninguém O acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago». Podemos perguntar por que motivo leva Jesus sempre estes discípulos, e deixa os outros. Já quando Se transfigurou no monte estes três O acompanhavam. [...] Os escolhidos são Pedro, sobre quem foi construída a Igreja, bem como Tiago, o primeiro apóstolo a receber a palma do martírio, e João, o primeiro a enaltecer a virgindade. [...]

«Entrou no local onde jazia a menina, pegou-lhe na mão e disse: “Talitha Kum“, que significa: “Menina, Eu te ordeno: levanta-te“. Ela ergueu-se imediatamente e começou a andar, pois já tinha doze anos». Desejemos que Jesus nos toque também, e comecemos imediatamente a andar. Por sermos paralíticos ou por termos cometido más ações, deixámos de andar; talvez estejamos deitados na cama dos nossos pecados como em verdadeiro leito. Mas, assim que

Jesus nos tocar, ficaremos curados. A sogra de Pedro estava com febre; Jesus tomou-lhe a mão, ela levantou-se e começou imediatamente a servi-los (Mc 1,31). [...] «E mandou dar de comer à menina». Pela graça, Senhor, toca-nos na mão, a nós que estamos deitados, levanta-nos do leito dos nossos pecados, faz-nos andar. Quando tivermos começado a andar, manda que nos deem de comer. Deitados, não podemos andar e, se não estivermos de pé, não poderemos receber o corpo de Cristo, a quem pertence a glória, com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.

«Tomando-lhe a mão, disse: 'Talitha qûm', que significa: 'Menina [...], levanta-te!」 «Porque nasceste segunda vez, serás chamada 'menina'. Menina, levanta-te por Mim, não porque o mereças, mas pela ação da Minha graça. Levanta-te portanto por Mim: a tua cura não provém da tua força.» «E logo a menina se levantou e começou a andar».

Que Jesus nos toque, a nós também, e logo começaremos a andar. Embora estejamos paralisados, embora as nossas obras sejam más e não possamos andar, embora estejamos deitados no leito dos nossos pecados [...], se Jesus nos tocar, ficaremos imediatamente curados. A sogra de Pedro estava atormentada pela febre: Jesus tocou-lhe com a mão, ela levantou-se e serviu-O imediatamente (Mc 1, 31). [...]

«Todos ficaram assombrados. Recomendou-lhes vivamente que ninguém soubesse do sucedido». Eis a razão porque Ele mandou sair toda aquela multidão para fazer um milagre. Ele mandou, e não só mandou, mas ordenou que ninguém soubesse. Ele ordenou aos três apóstolos, e ordenou também aos pais que ninguém soubesse. O Senhor ordenou a

todos, mas a menina não pôde ficar calada, ela que se tornou a levantar.

«E mandou dar de comer à menina»: para que a sua ressurreição não fosse considerada como a aparição de um fantasma. E Ele próprio, depois da Sua ressurreição, comeu peixe e um bolo de mel (Lc 24, 42). [...] Suplico-te, Senhor, que também a nós que estamos deitados, nos toques com a Tua mão; levanta-nos do leito dos nossos pecados e põe-nos a andar. Quando estivermos a andar, manda darem-nos de comer. Deitados, não podemos comer; se não estivermos levantados, não seremos capazes de receber o Corpo de Cristo.

«Abre os meus olhos [...] às maravilhas da Tua lei» [Sl 119 (118), 18]

Homilias sobre o Evangelho de Marcos, nº8, 235 (a partir da trad. SC 494, p. 143)

Jesus tomou-o pela mão e conduziu-o para fora da aldeia. Deitou-lhe saliva nos olhos, impôs-lhe as mãos e perguntou-lhe: «Vês alguma coisa?» O conhecimento é sempre progressivo. [...] Só à custa de muito tempo e de uma longa aprendizagem é que podemos atingir um conhecimento perfeito. Primeiro saem as sujidades, a cegueira desaparece, e é assim que vem a luz. A saliva do Senhor é um ensinamento perfeito; para ensinar de forma perfeita, ela provém da boca do Senhor; a saliva do Senhor provém, por assim dizer, da Sua substância, e o conhecimento, sendo a palavra que provém da Sua boca, é um remédio. [...]

«Vejo os homens; vejo-os como árvores a andar»; ainda vejo sombras, ainda não vejo a verdade. Eis o sentido desta palavra: vejo qualquer coisa na Lei, mas ainda não tenho a percepção da luminosidade radiosa do Evangelho. [...] «Jesus impôs-lhe outra vez as mãos sobre os olhos e ele viu perfeitamente; [...] e distinguia tudo com nitidez». Via, digo eu, tudo o que nós vemos: via o mistério da Trindade, via todos os mistérios sagrados que estão no Evangelho. [...] Nós também os vemos, porque acreditamos em Cristo, que é a verdadeira luz.

«Entrando no templo, Jesus começou a expulsar os que vendiam e os que compravam.»

Homilias sobre o Evangelho de S. Marcos, nº9 (a partir da trad. Marc commenté, DDB 1986, pp. 87ss.)

Alguns espantam-se com a ressurreição de Lázaro; ficam admirados com o fato de o filho de uma viúva ter ressuscitado. Outros ficam estupefatos com outros milagres. É certamente admirável tornar a dar vida a um corpo morto. Quanto a mim, fico mais impressionado com o acontecimento presente. Este homem, filho de um carpinteiro, um pobre sem morada fixa, sem sítio onde repousar, sem exército, que não era nem chefe nem juiz – que poder O autorizou a, [...] sozinho, expulsar uma multidão tão numerosa? Ninguém protestou, ninguém ousou resistir, pois ninguém ousou opor-se ao Filho que reparava a injúria feita a Seu Pai. [...]

«Ele começou a expulsar os que vendiam e os que compravam no templo.» Se isto foi possível entre os judeus,

porque não será, e com mais razão, entre nós? Se isto acontece no contexto da Lei, por que não acontece o mesmo no Evangelho? [...] Cristo, um pobre, expulsa os compradores e os vendedores, que são ricos. Aquele que vende é expulso do mesmo modo que aquele que compra. Que ninguém diga: «Eu ofereço tudo o que possuo, dou oferendas aos sacerdotes como Deus ordenou». Numa passagem de Mateus lemos o seguinte: «Haveis recebido de graça, dai de graça» (Mt 10, 8). A graça de Deus não se vende, dá-se.

«É aquele que batiza com o Espírito Santo»

Sobre Isaías, cap. 11

«Brotará uma vara do tronco de Jessé (pai de David) e um rebento brotará das suas raízes. Sobre ele repousará o espírito do Senhor» (Is 11,1-2). Esta profecia diz respeito a Cristo. [...] Os judeus interpretam a vara e a flor que brotam do tronco de Jessé como sendo o próprio Senhor: para eles, a vara é o símbolo do cetro real e a flor o da Sua beleza. Nós, os cristãos, vemos na vara que brota do tronco de Jessé a santa Virgem Maria, a quem ninguém se uniu para a fecundar. Era a Ela que se referia anteriormente o mesmo profeta: «Olhai: a jovem está grávida e dará um filho» (7,14). E na flor reconhecemos o Senhor nosso Salvador, que diz no Cântico dos cânticos: «Eu sou o narciso de Saron, o lírio dos vales» (Ct 2,1). [...]

Sobre esta flor que brota subitamente do tronco e da raiz de Jessé através da Virgem Maria, vai repousar o Espírito do Senhor, pois «n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade» (Cl 2,9). Não de um modo fragmentado como nos outros santos, mas [...] segundo o que se lê no evangelho

de Mateus: «Aqui está o Meu servo, que escolhi, o Meu amado em Quem pus todo o Meu enlevo. Derramarei sobre Ele o Meu espírito e Ele anunciará a verdadeira fé às nações» (Mt 12,18; Is 42,1). Aplicamos esta profecia ao Salvador, sobre Quem o Espírito do Senhor veio repousar, o que significa que estabeleceu n'Ele a Sua morada eterna. [...] Como testemunha João Batista, desce para ficar sobre Ele sem cessar: «Vi o Espírito que descia do céu como uma pomba e permanecia sobre Ele. E eu não o conhecia, mas Quem me enviou a batizar com água é que me disse: 'Aquele sobre quem vires descer o Espírito e pousar sobre Ele, é o que batiza com o Espírito Santo'». [...] Este Espírito chama-se «Espírito de sabedoria e entendimento, Espírito de conselho e de fortaleza, Espírito de ciência e de temor do Senhor» (Is 11,2). [...] Ele é a única e mesma fonte de todos os dons.

«Não era tempo de figos»

Homilias sobre o Evangelho de Marcos, nº 2

«Não era tempo de figos». Na sua Carta aos Romanos, o apóstolo Paulo interpreta esta passagem: «Eu não quero, irmãos, que ignoreis este mistério: é uma cegueira parcial que sobreveio a Israel, até que tenha entrado a totalidade das nações. E assim todo o Israel será salvo» (Rom 11,25-26). Se o Senhor tivesse encontrado frutos nesta figueira, não teriam entrado todas as nações. Mas, dado que entraram todas as nações, todo o Israel será finalmente salvo. [...] Além disso, encontramos esta passagem no Apocalipse de João: «Da tribo de Judá, doze mil; da tribo de Rúben, doze mil acreditarão», e

o mesmo acontece com outras tribos (Ap 7,5-8). No total, foram cento e quarenta e quatro mil os que acreditaram. [...]

Se Israel tivesse acreditado, Nosso Senhor não teria sido crucificado, e se o Senhor não tivesse sido crucificado, a multidão dos pagãos não teria sido salva. Assim, os judeus tornar-se-ão crentes, mas só acreditarão no fim do mundo. Para eles, não era tempo de acreditar na cruz. [...] A sua incredulidade é a nossa fé; a sua queda permitiu a nossa ascensão. Ainda não era tempo para eles, para que fosse o nosso.

«Cala-te e sai desse homem»

Homilias sobre o evangelho de Marcos, nº 8; SC 494

«Encontrava-se na sinagoga um homem com um espírito impuro». Esse espírito não podia suportar a presença do Senhor; tratava-se do espírito impuro que tinha conduzido os homens à idolatria. [...] «Que acordo pode existir entre Cristo e Satanás?» (2Cor 6,15); Cristo e Satanás não podem estar associados um ao outro. «Começou a gritar: «Que tens Tu a ver conosco?» Aquele que assim grita é um indivíduo que se exprime em nome de várias pessoas; isto prova que tem consciência de ter sido vencido, ele e os seus.

«Começou a gritar: 'Que tens Tu a ver conosco, Jesus Nazareno? Vieste para nos perder? Sei quem Tu és: o Santo de Deus'». Em pleno tormento, e apesar da intensidade do sofrimento que o faz gritar, não abandona a hipocrisia: é forçado a dizer a verdade, o sofrimento a isso o obriga, mas a malícia impede-o de dizer toda a verdade: «Que tens Tu a ver

conosco, Jesus Nazareno?». Por que não reconheces o Filho de Deus? Será de fato o Nazareno quem te tortura, e não o Filho de Deus? [...]

Moisés era um santo de Deus. E Isaías e Jeremias também o foram.

[...] Porque não lhes dizes: «Sei quem tu és: o santo de Deus»? [...] Não digas, pois: «Santo de Deus», mas «Deus Santo». Pensas que sabes, mas não sabes; ou, se sabes, calas-te por duplicidade. Porque Ele não é apenas o Santo de Deus, mas o Deus Santo. [...]

«Vieste para nos perder?»

«Jesus repreendeu-o, dizendo: “Cala-te e sai desse homem”. A verdade não tem necessidade nenhuma do mentiroso. «Não vim para que o teu testemunho Me confirmasse, mas para te expulsar daquele que criei [...]; não tenho necessidade do reconhecimento daquele que bani. Cala-te! Que o teu silêncio seja o Meu louvor. Não quero ser louvado pela tua voz, mas pelos teus tormentos; o teu castigo é o Meu louvor [...] “Cala-te e sai do homem!”» É como se dissesse: «Sai da Minha casa; que fazes tu na Minha habitação? Eu quero entrar: Por isso, cala-te e sai do homem, deste ser dotado de razão. Sai do homem! Deixa essa morada que Eu preparei para Mim! O Senhor quer a Sua casa, sai deste homem» [...]

Vede a que ponto a alma do homem é preciosa. O que contraria os que pensam que os homens e os animais têm uma alma idêntica e que somos animados pelo mesmo espírito. Noutra altura, o demónio foi expulso de um só homem e foi enviado para dois mil porcos (cf Mt 8,32): aquilo que era

precioso foi salvo, e o que era vil, perdido: «Sai do homem, vai para os porcos. [...] Vai para onde quiseses, vai para os abismos. Deixa o homem que é Minha propriedade. [...] Não te vou deixar possuir o homem pois seria para Mim um ultraje instalares-te nele em Meu lugar. Assumi um corpo humano, vivo no homem: essa carne que possuis faz parte da Minha carne: sai deste homem!»

«Ele está presente pela fé»

Homilias sobre o evangelho de Marcos, nº2C

Se Jesus Se aproximasse de nós e nos curasse da febre com uma simples palavra! Porque cada um de nós tem a sua febre. Quando me irrito, tenho febre – tantos vícios, outras tantas febres. Peçamos aos apóstolos que supliquem a Jesus que Se aproxime de nós, que nos toque com a mão. Se o fizer, a febre desaparecerá imediatamente, porque Jesus é um excelente médico. É Ele o verdadeiro, o grande médico, o primeiro de todos os médicos. [...] Ele descobre o segredo de todas as doenças; e não nos toca no ouvido, nem na testa, [...] mas na mão, ou seja, nas más obras. [...]

Jesus aproxima-Se da doente, porque esta não podia levantar-se e correr para Aquele que entrava em sua casa. Mas é Ele, o médico cheio de misericórdia, que Se aproxima do leito, Ele que trouxera a ovelha perdida aos ombros (Lc 15,5). [...] Aproxima-Se de Sua livre vontade; é Ele que toma a iniciativa da cura. Aproxima-Se desta mulher e diz-lhe: «Tu devias ter vindo ter Comigo; devias ter vindo receber-Me à porta, para que a tua cura não resultasse apenas da Minha

misericórdia, mas também da tua vontade. Mas, visto que estás prostrada pela febre e não podes levantar-te, sou Eu que venho ter contigo.»

Jesus, «aproximando-Se, tomou-a pela mão». Quando corremos perigo, como Pedro no alto mar, e o mundo parece prestes a desmoronar-se, Jesus toma-nos pela mão e levanta-nos (Mt 14,31).

Jesus levanta esta mulher tomando-a pela mão: toma-lhe a mão na Sua. Bendita amizade, esplendido abraço! [...] Jesus toma esta mão como médico, apercebendo-Se da intensidade da febre, Ele que é simultaneamente médico e medicamento. Tocou nela e a febre deixou-a. Que Ele toque igualmente na nossa mão, que cure as nossas obras.

[...] Levantemo-nos, permaneçamos de pé. [...] Talvez me pergunteis: «Onde está Jesus?» Está aqui, diante de nós: «No meio de vós está Quem vós não conheceis. O reino de Deus está entre vós» (Jo 1,26; Lc 17,21).

«Cristo, perfeição da Lei e dos Profetas»

Homilia nº 9 sobre o Evangelho segundo São Marcos,

8

Quando leio o Evangelho e nele encontro testemunhos saídos da Lei ou dos Profetas, penso só em Cristo. Não leio Moisés nem os Profetas senão com a intenção de saber o que dizem eles de Cristo, uma vez que, tendo chegado ao esplendor de Cristo como à luz esplendorosa e brilhante do sol, não posso depois prestar atenção a uma lâmpada. Se

acendermos uma lâmpada em pleno dia, o que alumia ela? **Ao** sol, a luz duma lâmpada é invisível. Do mesmo modo, na presença de Cristo, desaparecem por completo a Lei e os Profetas. Não critico a sua existência, muito pelo contrário, até a enalteço, uma vez que a Lei e os Profetas anunciam a Cristo. Quando os leio, porém, a minha intenção não é ater-me ao que dizem, mas, a partir do que dizem chegar a Cristo.

«Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo»

Homilias sobre o Evangelho de São Marcos, nº2A; SC
494

«Depois de João ter sido preso, Jesus foi para a Galileia». De acordo com a nossa interpretação, João representa a Lei e Jesus o Evangelho. Com efeito, João disse: «Depois de mim, vai chegar outro que é mais poderoso do que eu» (Mc 1,7), e ainda: «Ele deve crescer e eu diminuir» (Jo 3,30): é assim que ele compara a Lei ao Evangelho. E diz seguidamente: «Eu vos batizarei em água, mas Ele batizar-vos-á no Espírito Santo» (Mc 1,8). Jesus veio porque João tinha sido preso. Com efeito, a Lei está encerrada e fechada, já não tem a sua liberdade passada; mas nós passamos da Lei ao Evangelho. [...]

«Jesus foi para a Galileia e proclamava a Boa Nova do Reino de Deus» [...] Quando eu li a Lei, os profetas e os salmos, nunca ouvi falar do Reino dos céus: somente no Evangelho. Porque foi apenas quando chegou Aquele do qual se diz «o Reino de Deus está no meio de vós» (Lc 17,21) que o Reino de

Deus se abriu. [...] De fato, antes da chegada do Salvador e da luz do Evangelho, antes de Cristo ter aberto a porta do paraíso ao ladrão (Lc 23,43), todas as almas dos santos iam para a sepultura dos mortos. O próprio Jacob o diz: «Juntar-me-ei, chorando, a meu filho na sepultura» (Gn 37,35). [...] Na Lei, Abraão está na sepultura dos mortos; no Evangelho, o ladrão está no paraíso. Não denegrimos Abraão, todos desejamos repousar no seu seio (Lc 16,23); mas preferimos Cristo a Abraão, o Evangelho à Lei.

Lemos que após a ressurreição de Cristo, muitos santos apareceram na cidade santa (Mt 27,53). O nosso Senhor e nosso Salvador pregou na terra e também pregou nos infernos; ao morrer, desceu aos infernos para libertar as almas que aí se encontravam acorrentadas (1Pd 3,18ss)..

«Voltai a Mim.»

Comentário a Joel

«Regressai a Mim de todo o vosso coração», mostrai a vossa conversão «com jejum, lágrimas e sinais de luto» (Jl 2,12). Se jejuardes agora, depois sereis saciados; se chorardes agora, depois rireis; se fizerdes luto agora, mais tarde sereis consolados (cf Lc 6,21). [...] Já não vos peço que «rasgueis as vossas vestes, mas os vossos corações» (Jl 2,13) porque eles estão tão cheios de pecados, que rebentarão como um odre se não os rasgardes.

Quando o tiverdes feito, regressai ao Senhor vosso Deus de quem os vossos pecados passados vos afastaram. Não desesperéis do perdão por causa da enormidade das vossas

faltas, porque a sua grande misericórdia apagará os grandes pecados. Ele é bom e misericordioso, e prefere a conversão à morte do pecador (Ez 33,11). «Paciente e rico de misericórdia» (Jl 2,13), Ele não imita a impaciência dos homens, mas espera com perseverança a nossa conversão.

Jesus chama as cidades da Galileia à conversão

*Comentário sobre o profeta Joel; PL 25, 667 (trad.
breviário rev.)*

«O Senhor é bom e misericordioso», preferindo à morte o arrependimento dos pecados (Jl 2,13). «Ele é paciente e rico em misericórdia»; não imita a impaciência dos homens, mas espera longamente o nosso arrependimento. «Está pronto a parar o mal» ou a arrepender-Se dele. Quer dizer que, se nos arrependermos dos nossos pecados, Ele mesmo Se arrependerá das suas ameaças e não nos infligirá os males com que nos ameaçara; se mudarmos de opinião, também Ele mudará. [...]

No entanto, o profeta que acaba de dizer: «O Senhor é bom e misericordioso, paciente e rico em misericórdia, pronto a parar o mal ou a arrepender-Se dele» acrescenta, para que essa grande clemência não nos torne negligentes: «Quem sabe? Talvez Ele volte atrás, renuncie ao castigo e nos encha de bênçãos» (v. 14). Eu, diz ele, exorto-vos à penitência, e sei que a clemência de Deus é inexprimível. Como disse David: «Tem piedade de mim, meu Deus, na tua grande misericórdia, na abundância do teu perdão apaga os meus pecados» (Sl 50,3). Mas, porque nós não podemos conhecer a profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus (Rom 11,33), vou exprimir-me de forma mais ligeira, formularei

apenas um desejo, dizendo: «Quem sabe se Deus não mudará de opinião e não perdoará?» Este «quem sabe» deve entender-se como designando uma coisa difícil.

«O batismo de Jesus»

Homilias sobre o evangelho de Marcos 1C, SC

«Foi batizado por João no rio Jordão». Grande é a sua misericórdia: Aquele que não tinha cometido qualquer pecado é batizado como se fosse pecador. No batismo do Senhor, são redimidos todos os pecados; mas ele é apenas uma prefiguração do batismo do Salvador, porque a verdadeira remissão dos pecados reside no sangue de Cristo, no mistério da Trindade.

«Ao subir da água, viu os céus rasgarem-se». Tudo isto foi escrito para nós. Pois antes de recebermos o batismo, nós tínhamos os olhos fechados, não podíamos ver as realidades celestes.

E viu «o Espírito, como uma pomba, descer sobre Ele. E dos céus ouviu-se uma voz: “Tu és o meu Filho muito amado, em Ti pus toda a minha complacência”». Vemos aqui o mistério da Trindade: Jesus é batizado, o Espírito Santo desce sob a aparência de pomba e o Pai fala do alto do céu.

«Viu os céus rasgarem-se». A expressão «viu» mostra que os outros não tinham visto. Não se imagine que foram os céus que, simples e materialmente, se abriram; nós próprios, que estamos agora aqui, segundo a diversidade dos nossos

méritos, vemos os céus abertos ou fechados. Uma fé total vê os céus abertos; mas uma fé que duvida vê-os fechados.

«Vi o Espírito que descia do céu como uma pomba e permanecia sobre Ele» (Jo 1,32). Vede o que diz a Escritura: que permanecia, isto é, que não Se ia embora. O Espírito Santo desceu sobre Cristo e permaneceu; enquanto sobre os homens desce, mas não permanece. Com efeito, esperamos que o Espírito Santo permaneça em nós, quando odiamos o nosso irmão e temos maus pensamentos? Se temos bons pensamentos, saibamos que o Espírito Santo habita em nós; mas, se temos maus pensamentos, isso é sinal de que o Espírito Santo Se retirou de nós. É por isso que Ele diz acerca do Salvador: «Aquele sobre quem vires descer o Espírito e permanecer, é Ele» (Jo 1,33).

«Eles [...] seguiram Jesus»

Homílias sobre o Evangelho de S. Marcos

«Disse-lhes Jesus: “Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens”. Feliz mutação da pesca: Simão e André são a pesca de Jesus. [...] Estes homens são comparados a peixes, pescados por Cristo, antes de irem eles próprios pescar outros homens. «Eles deixaram logo as redes e seguiram Jesus.» Uma fé verdadeira não conhece demora; quando O ouviram, acreditaram, seguiram-no e tornaram-se pescadores: «deixaram logo as redes». E, com estas redes, foram todos os vícios da vida deste mundo que eles deixaram. [...] «Um pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, que estavam no barco a consertar as redes; e

chamou-os. Eles deixaram logo seu pai Zebedeu no barco com os assalariados e seguiram Jesus.» Dir-me-eis: a fé é audaciosa; que indício tinham eles, que sinal sublime tinham observado, para O seguirem, assim que Ele os chamou? É evidente que alguma coisa de divino emanava do olhar de Jesus, da expressão do seu rosto, que incitava os que O olhavam a aderirem a Ele. [...] Por que digo eu tudo isto? Para vos mostrar que a palavra do Senhor agia, e que, através da menor das suas palavras, Ele realizava a sua obra: «ordenou e logo foram criados» (Sl 148,5). Com a mesma simplicidade, chamou, e eles seguiram-no. «Ouve, filha, vê e presta atenção; esquece o teu povo e a casa do teu pai; porque o rei se deixou prender da tua beleza» (Sl 44,11-12).

Presta atenção, irmão, e segue as pegadas dos apóstolos; escuta a voz do Salvador, ignora o teu pai pela carne, e vê o verdadeiro Pai da tua alma e do teu espírito. [...] Os apóstolos deixam o pai, deixam o barco, deixam todas as suas riquezas; abandonam o mundo e as suas inumeráveis riquezas; renunciam a tudo o que possuem. Mas não é a quantidade das riquezas que Deus considera, é a alma daquele que a elas renuncia. Também os que deixaram poucas coisas renunciaram verdadeiramente a uma grande fortuna.

«Uma nova doutrina»

Comentário sobre o evangelho de S. Marcos, 2; PLS 2,
125s

«O espírito impuro, agitando-o violentamente, soltou um forte grito e saiu dele.» É esta a sua maneira de exprimir a

sua dor: sacudindo o homem com violência. Uma vez que não podia alterar a alma deste homem, o demônio exerceu a sua violência no corpo. Estas manifestações físicas eram, aliás, o único meio que tinha à sua disposição para demonstrar que estava a sair. Tendo o espírito puro manifestado a sua presença, o espírito impuro bate em retirada. [...]

«Ficaram todos tão admirados, que perguntavam uns aos outros: “Que vem a ser isto?”» Olhem para os Atos dos Apóstolos, e para os sinais que os primeiros profetas nos deram. Que dizem os magos do faraó perante os prodígios de Moisés? «Está aí o dedo de Deus» (Ex 8,15). É Moisés que os realiza, mas eles reconhecem o poder de outrem. Posteriormente, os apóstolos fizeram outros prodígios: «Em nome de Jesus, levanta-te e anda!» (At 3,6); «E Paulo disse ao espírito: “Ordeno-te, em nome de Jesus Cristo, que saias desta mulher”» (At 16,18). O nome de Jesus é sempre citado. Mas aqui, que diz Ele? «Sai desse homem», sem mais achegas. É em seu próprio nome que Ele ordena ao espírito que saia. «Ficaram todos tão admirados, que perguntavam uns aos outros: “Que vem a ser isto? Uma nova doutrina?”» A expulsão do demônio não tinha em si nada de novo: os exorcistas dos hebreus faziam-no frequentemente. Mas que diz Jesus? Que doutrina nova é esta? Onde está a novidade? É que Ele impõe-Se com a sua própria autoridade aos espíritos impuros. Ele não cita ninguém: é Ele próprio que dá as ordens; Ele não fala em nome de ninguém, mas com a sua própria autoridade.

Jonas, figura de Cristo

Sobre Jonas II, 2, 5, 6, 11

Se Jonas é figura do Senhor, por evocar, por meio da sua estadia de três dias e três noites nas entranhas do cetáceo, a Paixão do Salvador, a sua oração também deve ser uma expressão da oração do Senhor.

«Fui rejeitado diante dos teus olhos. Mas verei ainda o teu santo templo» (Jn 2,5). Quando estava contigo, gozando da tua luz, não dizia: «Fui rejeitado». Mas, quando me encontrei no fundo do mar, envolvido na carne de um homem, assumi sentimentos de homem e disse: «Fui rejeitado diante dos teus olhos». Disse-o enquanto homem; e o que vem a seguir disse-o como Deus, Eu que, sendo da tua condição, não Me vali da minha igualdade contigo (cf Fil 1,6), porque queria elevar a Ti o gênero humano: «Mas verei ainda o teu santo templo». Assim, diz o texto do evangelho: «Pai, manifesta a minha glória junto de Ti, aquela glória que Eu tinha junto de Ti antes de o mundo existir» (Jo 17,5); e o Pai responde: «Já a manifestei e voltarei a manifestá-la!» (Jo 12,28). O único e mesmo Senhor pede enquanto homem, promete enquanto Deus e está seguro da glória que foi sempre sua.

«As águas me cercaram até ao pescoço, o abismo envolveu-me» (Jn 2,6). Que o inferno não Me aprisione! Que não Me recuse a saída! Desci livremente, que livremente Me eleve. Voluntariamente vim como cativo para libertar os cativos, a fim de que se cumpra este versículo: «Tu subiste às alturas e levaste contigo prisioneiros» (Sl 68,19; Ef 4,8). Com efeito, Ele conquistou para a vida aqueles que eram cativos da morte.

«Então, o Senhor ordenou ao peixe e este vomitou Jonas em terra firme» (Jn 2,11). Foi ordenado a este cetáceo, aos abismos e aos infernos, que restituíssem o Salvador a

terra; assim, Aquele que tinha morrido para libertar os que estavam presos nos laços da morte pode levar uma multidão consigo para a vida.

«Cristo, anunciado pelos profetas, único salvador do gênero humano»

Homilias sobre Marcos, n.º 6, SC 494

«Pedro tomou a palavra e disse a Jesus: “Mestre, como é bom estarmos aqui!”» Também eu, quando leio as Escrituras e compreendo espiritualmente um ensinamento sublime, não quero descer daí, não quero descer a realidades mais humildes: quero fazer uma tenda para Cristo, a Lei e os profetas no meu coração. Mas Jesus, que veio salvar o que estava perdido, que não veio salvar os santos, mas os que se portam mal, sabe que, se permanecer no alto da montanha, se não descer à terra, o gênero humano não será salvo.

«De repente, olhando em redor, não viram mais ninguém». Quando leio o evangelho, e vejo nele testemunhos da Lei e dos profetas, apenas considero a Cristo: não vi Moisés, não vi os profetas, senão para compreender que eles falavam de Cristo. Quando por fim chego ao esplendor de Cristo e recebo, por assim dizer, a luz esplendorosa do sol brilhante, não sou capaz de ver a luz de uma lamparina. Uma lamparina acesa a meio do dia nada ilumina: quando o sol brilha, a luz de uma lamparina torna-se invisível; assim também, na presença de Cristo, a Lei e os profetas são, por comparação, totalmente invisíveis. Não estou a criticar a Lei e os profetas, pelo contrário, estou a louvá-los porque

anunciam Cristo; mas leio a Lei e os profetas sem querer fechar-me neles, antes para através deles chegar a Cristo. A Ele, com o Pai e o Espírito Santo, glória e majestade pela infinitude dos séculos dos séculos. Amém.

«O amor ao próximo: apoio mútuo e benevolência; ir beber à fonte da bondade divina»

Comentário à Epístola aos Gálatas, 3, 6

«Portanto, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas principalmente para com os irmãos na fé» (Gal 6,10). O tempo presente, o tempo do curso da vida, é o tempo da sementeira. Durante esta vida, podemos semear o que quisermos. Quando esta vida passar, ser-nos-á retirado o tempo de agir. É por isso que o Salvador nos diz: «Temos de realizar as obras daquele que Me enviou enquanto é dia. Vem aí a noite, em que ninguém pode atuar» (Jo 9,4).

Quer estejamos doentes ou de boa saúde, quer sejamos humildes ou poderosos, pobres ou ricos, famosos ou desprezados, façamos tudo em nome do Senhor, com paciência e equanimidade; assim se realizará em nós o que diz a Escritura: «tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus» (Rom 8,28). A própria cólera, a paixão, os ultrajes recebidos que exigem vingança tornam-se para mim, se me dominar e me calar por Deus, se em cada picada que fere e sob a pressão dos vícios pensar em Deus, que me olha do alto, outras tantas ocasiões de triunfo.

Quando distribuirmos os nossos dons, não digamos: este é amigo, àquele vou ignorá-lo; este tem direito de receber, aquele deve ser desprezado. Imitemos o nosso Pai, que «faz com que o Sol se levante sobre os bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores» (Mt 5,45). A fonte da bondade está aberta a todos: escravo e livre, plebeu e rei, rico e pobre, todos bebem dela da mesma maneira. A lamparina acesa numa casa alumia a todos sem distinção.

S. João evangelista, no final da sua vida, quando já não será capaz de exprimir o seu pensamento num discurso seguido, limitava-se a dizer: «Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros» (cf Jo 13,24). E, quando os seus discípulos lhe perguntaram, por que dizia sempre a mesma coisa, João respondeu com esta frase, digna dele: «Porque é esse o preceito do Senhor; se o cumprimos, tanto basta.»

«Tudo deixar para tudo receber»

Carta

Recebemos mais do que damos; abandonamos pequenas coisas e encontramos bens imensos. Cristo dá-nos o cêntuplo daquilo que fazemos por Ele: «Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis, e dá o dinheiro aos pobres. Depois, vem e segue-Me». «Se queres ser perfeito» – as grandes coisas são sempre deixadas à nossa liberdade. Da mesma maneira, o apóstolo Paulo não faz da virgindade um mandamento (1Cor 7), porque Jesus disse: «Quem puder compreender, que compreenda» (Mt 19,12). «Se queres ser perfeito» – nada se nos impõe a fim de que, sendo o sacrifício

voluntário, o mérito seja maior. No entanto, para atingir a perfeição, não basta desprezar as riquezas e dar os próprios bens, libertar-se daquilo que se pode perder e adquirir num momento. Isso foi o que o fizeram os filósofos; um cristão tem de fazer mais do que eles.

Não basta abandonar os bens terrenos, é necessário seguir a Cristo. Mas o que é seguir a Cristo? É renunciar por completo ao pecado, e aderir por completo à virtude. Cristo é a Sabedoria eterna, é o tesouro que se encontra num campo (Mt 13,44), no campo da Sagrada Escritura. É a pérola preciosa pela qual se devem sacrificar muitas outras (Mt 13,46). Cristo é também a santidade, a santidade sem a qual ninguém verá a face de Deus. Cristo é a nossa redenção, o nosso redentor; Ele é o nosso resgate (1Tim 2,6). Cristo é tudo; de maneira que quem aceitar abandonar tudo por Ele reencontrará tudo nele. Esse poderá dizer: «Senhor, Vós sois a parte da minha herança» (Sl 15,5). Não deis apenas o vosso dinheiro, se quereis seguir a Jesus Cristo. Dai-vos vós mesmos a Ele; imitai o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir (Mc 10,45).

«A carga leve da lei de Cristo»

Comentário à Epístola aos Gálatas, liv. 3, cap. 6

«Levai os fardos uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo». O pecado é um fardo, como atesta o salmista quando afirma: «Os meus pecados levantaram-se contra mim como um fardo». O Salvador carregou esse fardo por nós, ensinando-nos assim, com o seu exemplo, o que devemos

fazer também nós. Pois Ele próprio transporta o fardo dos nossos pecados e sofre por nós (Is 53,4), convidando aqueles que se sentem oprimidos pelo pesado fardo da lei e dos seus pecados a carregar a carga leve da virtude quando afirma: «O meu jugo é suave e a minha carga é leve».

Assim, pois, aquele que, sem desesperar da salvação do seu irmão, estende a mão a quem implora o seu apoio, chorando com quem chora, sendo fraco com os fracos e olhando os pecados dos outros como seus, esse cumpre, pela caridade, a lei de Cristo. E que lei é esta? «O mandamento que vos dou é que vos ameis uns aos outros» (Jo 13,34). Qual é a lei do Filho de Deus? «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei». E como foi que o Filho de Deus nos amou? «Ninguém tem maior amor que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15,13).

Aquele que não tem clemência, que não se revestiu de entranhas de misericórdia e de lágrimas, por muito elevado que esteja em espiritualidade, não cumpriu a lei de Cristo.

Aquele que acorre em socorro do pobre esmagado pelo peso da indigência e arranja amigos com o dinheiro iníquo, esse partilha as necessidades do seu irmão. A esse, Jesus dirá após a ressurreição geral: «Vinde a Mim, benditos de meu Pai, tomar posse do reino que vos foi preparado desde o começo do mundo. Porque tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber» (Mt 25,34-35).

Jesus, causa de divisão entre os homens

Cristo anuncia aqui o que vai seguir-se à sua pregação. O cristianismo suscitou divisões em todo o mundo, colocando umas pessoas contra as outras. Cada casa passou a ter os seus crentes e os seus incrêus; foi lançada uma guerra boa, destinada a rasgar uma paz má. Está escrito no Gênesis que Deus procedeu mais ou menos assim contra os homens rebeldes que, vindos do Oriente e cheios de altivez, construíram uma torre para penetrar nas alturas do Céu (cf Gn 11,1-9): provocou uma guerra entre eles. Donde a oração de David: dispersa, Senhor, os povos que querem a guerra (cf Sl 67,31).

É necessária a ordem nos afetos. Ama teu pai, ama tua mãe, ama teus filhos diante de Deus. Se se tornar inevitável decidir entre o amor aos pais e aos filhos, e o amor a Deus, não sendo possível manter os dois, é uma prova de piedade para com Deus não preferir a família.

«Uma nova doutrina, com tal autoridade, que até manda nos espíritos impuros e eles obedecem-Lhe!»

Comentário sobre o Evangelho de Marcos, PL2, 137-138

Jesus dirigiu-Se então à sinagoga de Cafarnaum e pôs-se a ensinar. As pessoas ficaram espantadas com os seus ensinamentos, porque Jesus «os ensinava com autoridade e não como os escribas». [...] De fato, Jesus falava em seu próprio nome, Ele que tinha falado outrora pela voz dos profetas. Já é bom poder dizer, com base num texto: «Está escrito...»; ainda melhor é proclamar, em nome do próprio

Senhor: «Palavra do Senhor»; mas é completamente diferente poder afirmar, como Jesus fazia: «Em verdade, em verdade vos digo...». [...]

«Todos se maravilhavam com a sua doutrina». Que novidades ensinava Ele? [...] Na verdade, repetia o que havia declarado pela voz dos profetas. Mas todos ficavam admirados, porque Ele não ensinava com o método dos escribas, mas com autoridade; não como um rabino, mas como Senhor. Não se referia a um maior do que Ele; as palavras que proferia eram suas. E, se mantinha essa linguagem de autoridade, era porque tornava presente Aquele que falara através dos profetas: «Eu que vos falava estou aqui» (Is 52,6).

[...] Foi por isso que Jesus ameaçou o demônio, que se exprimia através do possesso na sinagoga: «Cala-te e sai desse homem»; ou seja: «Sai da minha casa; que fazes tu naquilo que é a minha morada? Eu quero lá entrar. Cala-te! Sai desse homem! Deixa essa morada que foi preparada para Mim. [...] Deus a quer. Deixa o homem; ele pertence-Me. Não quero que ele seja teu. Eu habito no homem, que é o meu Corpo. Vai-te embora!»

«A pureza da fé»

«Debate entre um luciferino e um ortodoxo», SC 473

Crês que, quando vier o Filho do Homem, encontrará fé sobre a Terra? (Lc 18,8) Aqueles que lançam esta pergunta do Evangelho devem recordar-se de que a fé que é aqui referida é aquela sobre a qual o Senhor dizia: «A tua fé te

salvou» (Mt 9,22); e também, a propósito de um centurião: «Não encontrei semelhante fé em Israel» (Mt 8,10). [...] Nem o centurião, nem a pobre mulher que tinha perdas de sangue havia doze anos (Mc 5,25) acreditavam no mistério da Trindade, que foi manifesto aos apóstolos após a ressurreição de Cristo [...]; o que Jesus aprova é a simplicidade do seu coração e o fato de terem entregado a sua alma a Deus. Ela ia «pensando consigo: “Se eu ao menos Lhe tocar no manto, ficarei curada”». É esta fé que o Senhor afirma ser raro encontrar-se! É esta fé que, mesmo entre os crentes, raramente é perfeita.

«Seja feito segundo a tua fé», diz o Senhor (Mt 8,13). É esta palavra que não desejo ouvir; pois se me for feito segundo a minha fé, perecerei. É certo que creio em Deus Pai, creio em Deus Filho, creio em Deus Espírito Santo, creio num só Deus, mas não quero que me seja feito «segundo a minha fé». Pois não é raro acontecer que o inimigo semeie a cizânia no meio do campo de um homem. [...]

Na realidade, não são poucas as vezes em que, na minha oração, passeio pelas ruas, faço contas aos juros, e até, levado por uma imaginação vergonhosa, trato de coisas que coraria em revelar. Onde está a fé? Interrogue cada um o seu coração e verá como é raro descobrir, nesta vida, uma alma fiel a ponto de nada fazer por desejo de glória ou pelo «que dirão». [...] Com efeito, os vícios estão próximos das virtudes. É difícil contentarmo-nos em ter Deus como único juiz.

«O trigo e o joio, misturados na Igreja até ao dia do Senhor»

Debate entre um luciferiano e um ortodoxo (SC 473,
pp. 179-180)

Na Igreja, não habitam apenas ovelhas nem voam apenas aves puras. O trigo é semeado no campo e, «no meio de esplêndidas culturas, surgem as bardanas e os espinheiros, bem como as aveias selvagens» (Virgílio, «Geórgicas»). O que há de fazer o camponês? Arrancar o joio? Mas, se o fizer, arrancará também o resto da colheita!

A habilidade do camponês expulsa diariamente as aves por meio do ruído, assusta-as com espantalhos [...]. Mas nem por isso deixam de fazer incursões os velozes cabritos-monteses, os onagros atrevidos; por um lado, os produtores guardam o trigo nos seus celeiros subterrâneos, por outro as formigas, em febril colônia, atacam o cereal. É assim mesmo! Quem possui um campo nunca está isento de preocupações.

Durante o sono do pai de família, o inimigo semeou o joio; e, quando os discípulos pretendiam arrancá-lo a toda a pressa, o Senhor impediu-os, reservando para Si a tarefa de separar o trigo da palha. [...] Antes do Dia do Juízo, ninguém pode pegar na pá de joeirar de Cristo, a ninguém é permitido julgar seja quem for.

«Eu consagro-Me por eles, para que também eles sejam consagrados na verdade»

Sobre Jonas, II, 2, 9; SC 43

Aqueles que se agarram inutilmente a vaidades perderão a misericórdia que lhes é oferecida» (Jon 2,9,LXX). Deus é misericordioso por natureza e está pronto a salvar por clemência aqueles que não pode salvar por justiça. Nós, porém, com os nossos vícios, perdemos a misericórdia que estava preparada e se nos oferecia. [...] Ainda que tenha sido ofendida, a Misericórdia - ou seja, o próprio Deus, pois «Deus é misericordioso e bom, paciente e cheio de compaixão» (Sl 144,8) - não abandona aqueles que se agarram a vaidades, nem os amaldiçoa; mas espera que regressem, ao passo que eles abandonam deliberadamente a misericórdia que têm diante de si. [...]

«Mas eu oferecer-Te-ei um sacrifício de louvor e de ação de graças. Cumprirei diante de Ti, Senhor, o voto que fiz, em sinal de salvação» (Jon 2,10, LXX). [...] Devorado pelas ânsias de salvação da multidão, oferecer-Te-ei um sacrifício de louvor e de ação de graças, oferecendo-me a mim próprio. Pois «Cristo, nossa Páscoa, foi imolado» (1Cor 5,7). Pontífice verdadeiro e cordeiro, Ele ofereceu-Se por nós, e eu dou-Te graças como Ele Te deu graças, dizendo: «Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra» (Mt 11,25), e cumprindo os votos que fizera pela salvação de todos, a fim de que «todos aqueles que Me deste não pereçam para sempre» (cf Jo 6,39). Vemos o que Jesus prometeu pela nossa salvação na sua Paixão. Não façamos de Jesus um mentiroso e permaneçamos

puros e afastados de todo o pecado, para que Ele nos ofereça a Deus, a quem nos consagrou.

«Cumpriu-se o tempo e está próximo o Reino de Deus»

Homilias sobre o Evangelho de São Marcos, n.º 2A; SC
494

«Depois de João ter sido preso, Jesus partiu para a Galileia». De acordo com a nossa interpretação, João representa a Lei e Jesus o Evangelho. Com efeito, João disse: «Vai chegar depois de mim quem é mais forte do que eu» (Mc 1,7), e ainda: «Ele deve crescer e eu diminuir» (Jo 3,30); é assim que ele compara a Lei com o Evangelho. E diz seguidamente: «Eu batizo na água, mas Ele batizar-vos-á no Espírito Santo» (Mc 1,8). Jesus veio porque João tinha sido preso. Com efeito, a Lei está encerrada e fechada, já não tem a liberdade que teve; mas nós passamos da Lei ao Evangelho. [...]

«Jesus partiu para a Galileia e começou a proclamar o Evangelho de Deus» [...] Quando li a Lei, os profetas e os salmos, nunca ouvi falar do Reino dos Céus; só no Evangelho. Porque só quando chegou Aquele que disse: «O Reino de Deus está no meio de vós» (Lc 17,21) é que o Reino de Deus foi inaugurado. [...] De fato, antes da chegada do Salvador e da luz do Evangelho, antes de Cristo ter aberto as portas do paraíso ao bom ladrão (Lc 23,43), todas as almas dos santos iam para a sepultura dos mortos. O próprio Jacob o diz: «Juntar-me-ei, chorando, a meu filho na sepultura» (Gn 37,35). [...] Na Lei, Abraão está na sepultura dos mortos; no

Evangelho, o bom ladrão está no paraíso. Não denegrimos Abraão, todos desejamos repousar no seu seio (Lc 16,23); mas preferimos Cristo a Abraão, o Evangelho à Lei. Após a ressurreição de Cristo, muitos santos apareceram na cidade santa (Mt 27,53). Com efeito, o nosso Senhor e nosso Salvador não pregou apenas na Terra, também pregou nos infernos: ao morrer, desceu aos infernos para libertar as almas que aí se encontravam acorrentadas (1Ped 3,18s).

«Cristo médico»

Homilias sobre o evangelho de Marcos, nº 2C; PLS 2,
125s, SC 494

«A sogra de Simão estava com febre muito alta». Que Cristo venha a nossa casa, entre e cure com uma só palavra a febre dos nossos pecados. Todos nós temos febre. Sempre que nos encolerizamos, ficamos com febre; todos os nossos defeitos são outros tantos acessos de febre. Peçamos aos apóstolos que intercedam junto de Jesus, para que Ele Se aproxime de nós e nos tome pela mão; pois, logo que Ele nos tomar pela mão, a febre desaparecerá.

É Ele o verdadeiro, o grande médico, o primeiro de todos os médicos. Moisés é médico, Isaías e todos os santos são médicos; mas Jesus é o primeiro de todos os médicos. Ele sabe perfeitamente tomar o pulso e sondar os segredos das doenças. Não toca na orelha nem na fronte, nem em nenhuma outra parte do corpo, mas agarra na mão [...], isto é, nas obras más. Primeiro, cura as obras, e depois a febre desaparece.

São Jerônimo (347-420)

«A casa encheu-se com o perfume do bálsamo»

Homilia n.º 9 sobre o Evangelho segundo São Marcos,

8

«Encontrando-Se Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso, e estando à mesa, chegou uma mulher que trazia um frasco de alabastro com perfume de nardo puro, de elevado preço» (Mc 14,3). Esta mulher fala-vos diretamente, a vós, que ides receber o batismo. Ela partiu o frasco de alabastro para que Cristo, o Ungido do Senhor, fizesse de vós cristãos pela unção, como está dito no Cântico dos Cânticos: «O teu nome é como perfume derramado: por isso te amam as donzelas. Leva-me atrás de ti, corramos!» (1,3-4). Enquanto o perfume estava fechado, enquanto Deus era conhecido apenas na Judeia, enquanto o seu nome era grande apenas em Israel (Sl 75,2), as jovens não seguiam Jesus. A partir do momento em que o perfume se espalhou por todo o mundo, as almas dos crentes seguiram o Salvador. [...]

Ela partiu o frasco de alabastro, a fim de que todos usufruíssem do perfume [...], um ato que nos recorda o grão de trigo, que, «se não morrer, fica só ele» (Jo 12,24); assim também, se o frasco não for partido, não poderemos ungir-nos com o perfume.

Esta mulher não é a mesma que é citada noutro evangelho a lavar os pés do Senhor (cf Lc 7,38). Porque essa mulher, que era até então uma pecadora de má vida [...], inunda com as suas lágrimas os pés do Salvador e seca-os com os seus cabelos; ela parece lavar os pés do Salvador, mas o que realmente faz é lavar os seus pecados. [...]

Que o mesmo se passe convosco, que ides receber o batismo; como somos todos pecadores e ninguém é puro, mesmo que a sua vida tenha durado um só dia (cf Job 14,4) [...], começai por abraçar os pés do Salvador, lavai-os com as vossas lágrimas, enxugai-os com os vossos cabelos; depois, tocar-Lhe-eis na cabeça, como fez a mulher do Evangelho de Marcos. Quando descerdes à fonte da vida com o Salvador, aprendereis como foi que o perfume chegou à sua cabeça; porque, se «a cabeça de todo o homem é Cristo» (1Cor 11,3), também a vossa cabeça há de estar perfumada, e será pelo batismo que receberéis esta unção.

«Cristo, cumprimento da Lei e dos profetas»

Comentário sobre a Epístola aos Gálatas

Quando leio o Evangelho e nele encontro testemunhos provenientes da Lei ou dos profetas, só considero a Cristo. Não leio Moisés nem os profetas senão com a intenção de saber o que dizem de Cristo. Pois, tendo chegado ao esplendor de Cristo e percebendo a luz esplendorosa e brilhante do Sol, já não consigo dar atenção a uma lamparina. Se acendermos uma lamparina em pleno dia, o que alumia ela? Quando o Sol se ergue, a luz duma lamparina torna-se invisível. Do mesmo modo, na presença de Cristo, a Lei e os profetas desaparecem por completo. Não critico a sua existência, muito pelo contrário, até a enalteço, uma vez que a Lei e os profetas anunciam a Cristo. Quando os leio, porém, a minha intenção não é ater-me ao que eles dizem, mas, a partir do que dizem, chegar a Cristo.

«Quando orardes, dizei: 'Pai'»

Homilias sobre o evangelho de Marcos, PLS 2, 125s

O apóstolo prova que somos filhos de Deus pelo fato de termos o Espírito Santo em nós (cf. Gal 4,4); diz ele que nunca nos atreveríamos a dizer «Pai nosso, que estás nos Céus» se não fosse a consciência de que o Espírito Santo habita em nós e grita com a voz poderosa da inteligência e da fé: «Abbá, Pai». [...] É preciso notar que, na Sagrada Escritura, a palavra «clamor» não significa a intensidade da voz, mas a força do pensamento e da verdade que é expressa; assim, por exemplo, no Êxodo, o Senhor responde a Moisés: «Porque clamas a Mim?» (Ex 14,15), embora Moisés não tenha proferido nenhuma palavra. Por isso, a Escritura chama «clamor» ao seu coração contrito, que se lamenta com lágrimas pelo povo [...].

«Portanto, já não és servo, mas filho. E, se és filho, és também herdeiro, por graça de Deus» (Gal 4,7). Tendo em vós o Espírito do Filho de Deus que clama «Abbá, Pai», comenta ele, deixastes de ser servos e tornastes-vos filhos. Antes, não éreis diferentes de um servo, apesar de pertencerdes à natureza de Deus; mas vivíeis como crianças, sob o poder de tutores e mestres. Se agora vos tornastes filhos, tendes direito a uma herança em conformidade. [...]

Tendo passado da escravidão à liberdade, herdareis com o herdeiro do Pai, Cristo Jesus, que, na natureza humana que assumiu, diz no salmo: «Ele Me declarou: “Tu és meu filho, Eu hoje Te fiz nascer. Pede-Me e Eu to concederei; os povos serão a tua herança”» (Sl 2,7-8). O que dizemos aqui no singular deve ser entendido como referindo-se a todo o

gênero humano, pois todos nós, os crentes, somos um só em Cristo Jesus, membros do seu corpo e destinados ao estado de varão perfeito, tendo Cristo como cabeça, porque Cristo é a cabeça do homem (1Cor 11,2).

